

A CAPITAL

Ano II (2.ª Série)
N.º 509 — 1969
Quarta-feira
23 de Julho
Preço 1\$00

Director: NORBERTO LOPES

Director-Adjunto: MÁRIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 • TELEFONES: 30455/30456/30457/30631 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ACAPITAL • TELEX: 1386

RUÍDOS ESTRANHOS VINDOS DA «APOLO-11»

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 23 — As 11 e 32 (hora de Lisboa), a «Apolo-11» encontrava-se a 244 mil quilómetros da Terra, deslocando-se à velocidade de 5350 quilómetros por hora.

A tripulação da «Apolo-11» detar-se às 6 e 30 (hora de Lisboa) — anunciou, entretanto, o Centro Espacial de Houston, que tencionava deixar os astronautas dormir umas dez horas.

A cabina espacial aproxima-se progressivamente da Terra, girando sobre si própria para estabilizar a temperatura no interior do habitáculo, enquanto, nesta cidade, funcionários da N. A. S. A. se mostravam ainda intrigados acerca de uma série de sons misteriosos captada no Centro de «Contrôle» e provindo da «Apolo-11».

Os ruídos — semelhantes aos sons emitidos por mil peles-vermelhas em pé de guerra, misturados com risos macabros — espantaram a noite passada os ouvintes quando a «Apolo-11» se encontrava ainda a cerca de 296 mil quilómetros da Terra.

«Tendes a certeza que não está alguém convosco aí em cima?» — perguntou o Centro de Comando aos astronautas Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins.

Contudo, horas depois, não havia ainda qualquer explicação para os estranhos sons ouvidos no contacto por meio da rádio, sendo o único episódio intrigante numa viagem calma desde que a nave iniciou a sua rota para Terra.

Os astronautas da «Apolo-11» estão a passar por aquele período — descrito como sendo de grande aborrecimento por um outro astronauta — denominado «voo planado trans-Terra».

LIÇÃO DE BOM HUMOR

A «Apolo-11» abandonou ontem a atracção da gravidade lunar e começou a dirigir-se a grande velocidade para Terra, onde descerá no Pacífico na quinta-feira, às 16 e 49 horas T. M. G.,

dois minutos mais cedo do que previsto.

Após a recuperação, os astronautas e as suas amostras de pedras lunares, entrarão em três semanas de isolamento no Laboratório de Recepção Lunar.

O isolamento é para evitar que os astronautas disseminem quaisquer possíveis germes ou vírus lunares, que pudessem infectar a Terra.

A noite passada, na sua primeira transmissão de televisão desde que Armstrong e Aldrin regressaram da superfície lunar para se juntarem a Collins, na cabina de comando, os tripulantes deram uma lição bem humorada da arte de viver no espaço exterior.

O Presidente da República, acompanhado pelo ministro da Marinha e por diversos almirantes, visitou hoje, demonstradamente, o Museu de Marinha, onde foi recebido pelo sr. almirante Ramos Pereira e comandante Pereira Braga, respectivamente director e subdirector daquela instituição

(Ler na última página)

Neil Armstrong indicou, por gestos, que traziam as pedras lunares acondiciona-

(Continua na pág. 9)

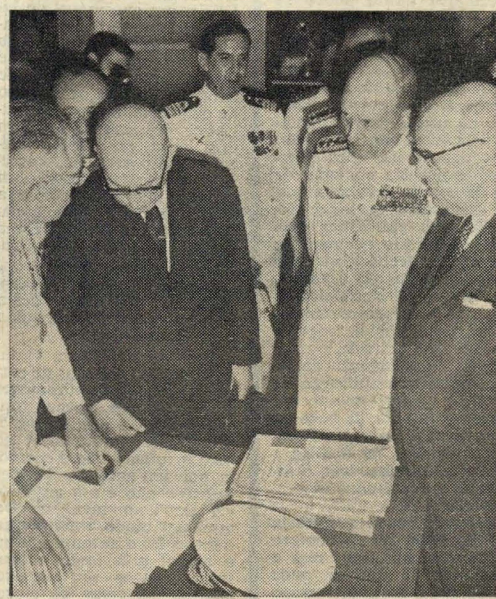
OPOSIÇÃO A JUAN CARLOS

MADRID, 23 — O secretário do Partido Carlista espanhol anunciou a pró-

xima publicação de um comunicado relativo à nomeação do príncipe Juan Carlos de Bourbon como sucessor do generalíssimo Franco — segundo se anuncia em Madrid de fonte bem informada.

Devido ao voto negativo dos deputados carlistas durante a reunião plenária das Cortes, pensa-se nos meios informados que este comunicado condenará a designação de Juan Carlos à sucessão do generalíssimo Franco ao título de rei de Espanha

MADRID, 23 — O príncipe Juan Carlos de Bourbon aceitou hoje o seu mandato de sucessor do generalíssimo Franco e futuro rei de Espanha. — (R.)



O director do diário monárquico «ABC», Torcuato Luca de Tena, foi um dos dezanove deputados — 3,6 por cento dos 519 presentes na sessão plenária da Corte — que votaram «não» à proposta do generalíssimo Franco para que o príncipe D. Juan Carlos fosse oficialmente designado futuro rei da Espanha.

Esta minoria faz também parte o falangista José Banales, representante do Sindicato dos Metalúrgicos. Os outros dezasseis foram: Alfonso Abella y García de Eulate, de Vitória; José Alcaina Caballero, de Barcelona; António Arrue Zaraus, de San Sebastian; Manuel Badellou Cipres, de Barce-

(Continua na pág. 10)

OS AMERICANOS PREOCUPAM-SE COM O CUSTO DOS VOOS LUNARES

Enquanto o voo da «Apolo-11» está ainda a decorrer, o presidente Richard Nixon começou já a ser assaltado por opiniões estridentemente con-

tra de uma prolongada extravagância.

Nixon declarou o 21 de Julho como um «dia de

participação nacional» e a sua discutida decisão de pôr na Lua uma bandeira

(Continua na pág. 6)

por NORA BELOFF

traditórias sobre se a alunagem deve ser considerada como o primeiro passo para Marte ou como o

NOTA DO DIA

ESPERANÇA E NOSTALGIA

A conquista da Lua envolve para o homem uma nova dimensão cósmica. Quer se deseje, quer não. Tal como Giordano Bruno, no limiar da ciência moderna, ao despedaçar «in mente» as esferas de fantástico cristal do sistema antigo de concepção do Mundo, a evasão conseguida do espaço terrestre obrigará a ver o Globo noutras perspectivas e à luz de novos conceitos sociais. A velha Europa das nações, varrida durante séculos por destruidoras e estúpidas guerras, dividida por antagonismos decrépitos, vai dar lugar a uma nova «pátria europeia». Com o sonho milenário da extroversão humana no espaço, terá que realizar-se, inevitavelmente, o sonho secular da «Europa magna». Secular o sonho e secular a própria realidade — porque, como acentuava ultimamente a revista do Mercado Comum, «Comunidade Europeia», houve já «situações europeias» de facto. As Universidades, na Idade Média, eram Universidades da Europa. Na de Paris ensinavam um alemão, Alberto-o-Grande, um italiano, Tomás de Aquino, um inglês, Duns Scott. Retrogradou-se, porque

nas Universidades europeias de hoje ainda um estrangeiro não pode ser professor titular. Mas a nova Europa está a despontar, inexoravelmente, e ficarão fora do tempo, fora da realidade viva, fora da civilização em marcha, os que não forem capazes de acompanhar essa Europa nova. Como se diz na publicação citada, em número recente, «a Europa constitui hoje, ao mesmo tempo, uma tradição e uma esperança. A tradição representa-se em nostalgia e a esperança não pode quedar-se em sonho. Porquê? como concretizar o sentido do que poderia ter sido outrora uma herança comum, do que terá de ser o futuro, são interrogações dos dias de hoje». Mas as interrogações vão tendo, dia a dia, o complemento das respostas, na integração europeia em laboriosa marcha — e deixarão de ser europeias, em espírito e em condições de vida civilizada, as nações da Europa que não se aprestarem a tempo para a integração, para «a Europa da justiça e da paz pela liberdade». Não devem alhear-se desta realidade os homens que pretendem imprimir novos rumos à política europeia.

DIREITO ESPACIAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 23 — Nenhum Estado nem nenhuma pessoa se podem intitular proprietários da Lua, e mesmo que venha a haver naquele satélite vastos espaços ocupados por norte-americanos ou por russos, todos os países terão direito à livre exploração da crosta lunar — tal é o ponto de vista que, desde há dias, têm defendido os peritos do Secretariado de Direito Espacial das Nações Unidas, e com o qual concordam, aliás, tanto os norte-americanos como os russos.

De acordo com um tratado que entrou em vigor em 16 de Outubro de 1967, o espaço exterior estará aberto à exploração e à utilização por todos os Estados, sem discriminação de qualquer espécie, havendo acesso livre a todas as áreas dos corpos celestes, os quais não estarão sujeitos a apropriação nacional, por reivindicação, ocupação ou qualquer outro meio. — (ANI)

A NOVA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO, 23 — O Presidente do Brasil, marechal Costa e Silva, enviou para exame aos membros do Conselho de Segurança Nacional o anteprojecto de uma nova Constituição, anunciou ontem à noite o secretário da Informação da Presidência da República. Este anteprojecto foi elaborado por uma comissão designada pelo chefe do Estado, a qual terminou a semana passada os seus trabalhos em Brasília. O Conselho de Segurança Nacional é constituído por treze

ministros além dos chefes das casas Militar e Civil da Presidência da República, do Estado-Maior das Forças Armadas e do Serviço Nacional de Informação.

O secretário de Estado da Informação disse ignorar se o Conselho Nacional de Segurança se reunirá especialmente para examinar a reforma da Constituição em vigor desde 15 de Março de 1967.

Segundo informações de fonte fidedigna, a nova Constituição será enviada ao Congresso Nacional para aprovação depois de promulgada pelo marechal Costa e Silva. — (F. P.)



HOJE: 28 PÁGINAS
INCLUINDO OS SUPLEMENTOS «LITERATURA & ARTE» E «EXTRA»

VISADO PELA CENSURA

Pontos de vista

Projectos e promessas

O tardio Programa de Execução do III Plano de Fomento para 1969, divulgado há pouco pelo Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, é uma cornucópia opulenta de projectos reformadores e promessas de realizações construtivas nos mais diversos sectores da vida nacional. Os planificadores não são escassos. E são eles que estão na razão e no bom caminho, obviamente, sabendo-se quanto são ingentes e clamorosas as necessidades de acção dinâmica no nosso País, quando tantos outros vão lançados e galvanizados num ritmo flamejante de progresso. Já se apontou aqui a programação espectacular (para 1969) nos domínios do ensino. Não se vê que a montanha esteja gemendo, como na velha fábula de Fedro, para o parto de tão vastos projectos. O que ela vai dar à luz (em 1969) é o que se há-de ver.

E no domínio da investigação não ligada ao ensino? Sabe-se da inquietação e da fermentação que vai pela Europa, em face do «desafio americano», que tem na investigação científica aplicada e na tecnologia os seus «ressorts» fundamentais. Não têm faltado entre nós as advertências nesse sentido e criou-se, há já bastante tempo, uma Junta Nacional de Investigação e Tecnologia, com ambiciosas e dinâmicas vistas anunciadas para o futuro. Do que tem sido a sua actuação real, no futuro que tem vindo a fazer-se presente e desde a fundação do organismo, parece que muito pouco se sabe — pelo menos ao alcance da opinião pública, que tanto desejaria ser informada assiduamente nessas matérias — e que valeria a pena ser informada, na verdade, como factor colectivo de tonificante esperança.

O Programa de Execução do III Plano de Fomento (para 1969) é que não se mostra escasso em tal domínio. No que respeita a fomento e coordenação da investigação anuncia, para este já adiantado ano em curso: fomento e coordenação da investigação científica e tecnológica, através da definição da política nacional de investigação, pura e aplicada, de acordo com as necessidades do desenvolvimento económico nacional; fomento da investigação a realizar ou patrocinar pelo sector privado; criação de um organismo nacional de investigação aplicada no domínio da electricidade, sob a forma de associação mista dos serviços do Estado e das actividades particulares ligadas à electricidade; criação do fundo de investigação e de desenvolvimento das actividades corticeiras. Em relação ao desenvolvimento das acções de apoio à indústria privada, o mesmo programa aponta (para 1969) a continuação do levantamento da carta geológica do País; a aplicação de métodos modernos na prospeção e aproveitamento dos recursos minerais; a investigação e estudos de base de produtividade e promoção industrial; o aperfeiçoamento e aplicação prática das técnicas de análise e projecção económicas das actividades industriais; o estudo de desenvolvimento de técnicas e métodos laboratoriais com aplicação na indústria.

Tudo isto para 1969. E não é muito, nem exorbitaria nada das possibilidades reais do País, se no cumprimento do programa fossem postos em jogo, real e eficazmente, os recursos humanos de que se pode lançar mão — se houvesse a vontade, a decisão, o rasgo de romper com obstáculos que se acumularam pelo tempo adiante e que continuam a privar os mais altos interesses do País da utilização de valores fundamentais. Mas há, afinal, um Programa de Execução — para 1969.

«Digressões em automóveis de serviços públicos»

Com o pedido de publicação, que aceitamos sem a menor reticência, recebemos a seguinte carta:

«Sr. director d'«A Capital»: — Na edição do passado dia 12 d'«A Capital», vespertino que V. tão dignamente dirige, na secção «Pontos de Vista», sob o título «Digressões em automóveis de serviços públicos», vem publicado um pequeno artigo que se refere à Câmara Municipal de Alcobaça e que carece de rectificação.

Ali se lê, nomeadamente, que «um leitor amigo de cuja idoneidade de informação não podemos levantar a mínima dúvida, conta-nos que há dias, dirigindo-se de Lisboa para o Norte do País em actividade profissional, foi encontrar, próximo de Leiria, um automóvel de luxo invulgar no qual circulava um casal com o ar mais juncadamente recreativo e despreocupado. Na da de anormal haveria nesse caso de evidenciada digressão turística, certamente, se a um dos lados do vistoso veículo, muito pequeno, discreto e quase escondido, um letreiro não denunciava a anomalia de circunstância. Assinalava a tabuletzinha Câmara Municipal de Alcobaça.»

Perante tal notícia, compete ao presidente desta Câmara, naturalmente, uma rectificação.

1 — Tem a Câmara Municipal muitos veículos de carga e mistos, mas automóvel de passageiros, apenas um, distribuído ao presidente. A expressão «automóvel de luxo invulgar» não é correcta, pois um automóvel «Opel Rekord» não é um automóvel de luxo invulgar. De qualquer modo, mesmo que o fosse, foi o automóvel que o actual presidente encontrou para o seu serviço quando, há cerca de cinco meses, foi investido no cargo, pois fora adquirido pelo seu antecessor.

Note-se que a tal «tabuletzinha» não é discreta,

nem está quase escondida. É idêntica à de outros veículos da Câmara e está no sítio habitual nestes casos e bem visível. E, o que é mais importante, foi o actual presidente que mandou pôr essa placa, já que, até agora, nunca qualquer carro distribuído à presidência tivera qualquer placa ou sinal exterior de identificação.

2 — As exigências do cargo obrigam quase diariamente o presidente da Câmara a deslocar-se a Leiria, sede do distrito a que pertence, quer ao Governo Civil, quer aos diferentes (que são muitos) serviços oficiais distritais, e, embora com menos frequência, a Lisboa e outras terras do Sul, do Centro e do Norte do País.

Acontece que sua mulher exerce também funções oficiais que a obrigam a deslocar-se à sede do distrito e a Lisboa, pelo menos, aproveitando, muitas vezes, o carro da Câmara quando este se desloca em serviço, com o presidente.

Parte-se do princípio, logicamente, que as expressões «um casal com o ar mais juncadamente recreativo e despreocupado» e «evidenciada digressão turística» sejam uma hipérbole do autor do artigo, já que são absolutamente incompreensíveis e inaplicáveis a este caso.

3 — Paradoxalmente em relação à notícia, sucede, muitas vezes, que o carro particular do presidente da Câmara anda em serviço oficial (assim está a acontecer, neste momento, desde há dez dias) nos impedimentos do automóvel camarário, quer por arranjo oficial quer por ser cedido para serviço oficial de outros membros da Câmara.

4 — Não se duvida da boa-fé do autor do artigo. Conhece-se a feição política d'«A Capital», mas a estatuta jornalística do seu director e dos redactores principais não permite que se pense em fins especulativos ao publicar o artigo em causa. Já o mesmo não se pode dizer do informador. É muito cómodo que, a coberto de possivelmente prometido anonimato, se critiquem, inconscientemente, autarquias ou situações a elas ligadas. E por demais evidente que esse anónimo (para o público) informador, além de inconsciente, foi precipitado.

Apresento a V. as minhas homenagens e os mais respeitosos cumprimentos. O presidente da Câmara Municipal, *Tarcisio Vazão de Campos e Trindade.*

N. da R. — O comentário que motivou a carta acima reproduzida resultou, como no mesmo se salientou, da informação proveniente de um leitor que nos merecia — e continua a merecer — o mais incondicional apreço e confiança. Não houve no comentário o menor intuito especulativo mas apenas o de chamar a atenção para um facto que se repete com lamentável frequência, que parece ter entrado nos hábitos (mas hábitos) nacionais e cujos exemplos se podem verificar diariamente: a utilização abusiva de automóveis de serviço público, explicitamente proibida por lei. Não se mencionava no «Ponto de Vista» que esti-

vesse em causa o presidente da Câmara Municipal de Alcobaça — mas as explicações da carta transcrita demonstram que houve injustiça, involuntária da nossa parte, na circunstância ocasional que aqui foi referida. Ainda bem, nesta circunstância. Mas permanecem as razões de ordem geral (e multicircunstancial) que motivaram justificadamente o comentário, reflectindo o legítimo protesto da opinião pública, que não desconhece os inúmeros abusos em tal matéria.

Lamentamos, evidentemente, que neste caso específico se tenha errado o alvo. Mas lembra-se, a propósito, a conhecida frase que «em política, o que parece, é». Também na indevida utilização de automóveis de serviço público haverá vantagem em que não pareça o que realmente não é.

E, com as desculpas que não temos dúvida em apresentar ao ilustre presidente da Câmara Municipal de Alcobaça, cremos encerrar com honra para todas as partes em causa este involuntário mas justificável equívoco.

Uma carta do presidente da Câmara Municipal de Alcobaça

SERVIÇO EXPERIMENTAL DE SOCORRO NA ESTRADA ORGANIZADO PELA C.V.P.

O presidente da Cruz Vermelha Portuguesa debruçou-se com as Formações Sanitárias — 1.º Grupo de Ambulâncias — comecem, a título experimental, um serviço de «Socorro na Estrada» desde amanhã até sábado próximo.

Dadas as naturais e compreensíveis limitações em pessoal e em meios materiais da C. V. P., esta assistência de primeiros socorros só é possível, de começo, em duas zonas: 1 — Auto-estrada do Norte até Rio Maior; 2 — Estrada Marginal — Belem, Cascais, Guincho.

Esta assistência de primeiros socorros na estrada será dirigida pelo capitão-médico dr. Fernando Caldeira, inspector-adjunto das F. S. O comando da operação estará a cargo do tenente José Nôvoa Caeiro, 2.º comandante do 1.º Grupo de Ambulâncias. Tomam parte nesta «Operação S. Cristóvão» cerca de 60 alistados voluntários das F. S.; oficiais médicos, oficiais, graduados e socorristas especiais e o seguinte material: 7 ambulâncias, 2 motos, 1 carro de comando, 1 carro de transporte de pessoal e 1 carro de transporte de material.

O VI CONGRESSO MUNDIAL DA ASMA DECORRERÁ EM CRUZEIRO NO «PRÍNCIPE PERFEITO»

De 15 de Agosto a 5 de Setembro próximo, em cruzeiro no «Príncipe Perfeito», decorrerão as sessões de trabalho do VI Congresso Internacional de Asmologia (Congresso Mundial) promovido pela International Association of Asthmology (Interasma).

Serão visitados os portos portugueses da Madeira, S. Tomé e Luanda, em cuja Universidade se tornarão públicas as conclusões do congresso.

Estão presentemente inscritos 510 congressistas, alguns de renome internacional na especialidade.

Como se trata de uma reunião de alto nível científico, a comissão organizadora facultou, para os poucos lugares ainda disponíveis, a inscrição a todos os cientistas, não só dos países amigos de Portugal, como também daqueles com os quais o País não mantém relações diplomáticas.

Estão previstas manifestações de natureza social e cultural oferecidas por vários organismos.

Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Canto Coral promovido pela Gulbenkian

Decorrem amanhã e nos dias 25 e 26, no auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa, as provas de exame do Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Canto Coral, promovido pela Fundação Gulbenkian, em colaboração com o Comissariado Nacional da M. P. F.

Avisam-se, a propósito, todos os professores de Educação Musical diplomados pela Fundação Gulbenkian de que, não obstante terem sido dispensados da frequência deste Curso, deverão submeter-se às referidas provas de exame, no caso de quererem beneficiar da qualidade de preferência para efeito do provimento de vagas de professores de Canto Coral dos liceus, escolas técnicas e preparatórias do ensino secundário, no próximo ano lectivo. Os interessados deverão dirigir-se, até amanhã, à Fundação Gulbenkian (Av. de Berna), a fim de fazer a sua inscrição.

O CONSELHO DE MINISTROS OCUPOU-SE DA MODERNIZAÇÃO DA ACTIVIDADE AGRÍCOLA

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano, reuniu-se ontem o Conselho de Ministros, que apreciou e aprovou vários diplomas, entre os quais o que simplifica o cálculo e contagem do imposto de justiça devido nos processos judiciais; o que cria novos tipos de moedas metálicas; um outro pelo

qual é criada a Direcção-Geral das Construções Escolares, que concentrará os vários organismos que até agora se ocupavam destas funções e que, por tal motivo, são extintos; o que regula o sistema de «agricultura de grupo», para incentivar a reunião das pequenas explorações rurais em sociedades tendo em vista a modernização da actividade agrícola; e o que regula o funcionamento do Hospital da Universidade de Lourenço Marques.

O ministro dos Negócios Estrangeiros fez uma exposição de assuntos do seu departamento, designadamente sobre a visita do Presidente do Conselho ao Brasil, seu significado, e resultados práticos dos contactos estabelecidos com o Presidente Costa e Silva e com o Governo brasileiro.

O Conselho felicitou vivamente o Chefe do Governo

pelo êxito da sua missão, congratulando-se com os seus resultados imediatos e com os que certamente ainda se seguirão, para uma maior concretização dos objectivos da Comunidade Lusobrasileira.

Na sequência da sua exposição o ministro dos Negócios Estrangeiros referiu ao Conselho os aspectos principais da reunião do Conselho de Segurança, solicitada pela República da Zâmbia.

REUNIÃO NA U.C.I.D.T.

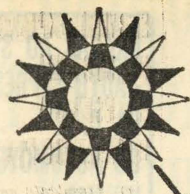
Amanhã, às 18 e 30, decorrerá uma reunião na Sede da U. C. I. D. T. em Lisboa, durante a qual o eng. Virgílio Teixeira Lopo relatará as suas «Impressões sobre a recente viagem de estudo na União Soviética».

O I.S.C.S.P.U. TEM NOVO DIRECTOR

Foi nomeado director do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, da Universidade Técnica de Lisboa, o prof. Vasco Nunes Pereira Fortuna, em substituição do prof. Adriano José Alves Moreira, que deixou de exercer aquelas funções.

O ARQUITECTO CARLOS RAMOS EVOCADO POR IGREJAS CAEIRO

Aproveitando a sua valiosa fonoteca, na qual se guardam as vezes de muitas personalidades da vida portuguesa, Igrejas Caeiro vai prestar homenagem póstuma ao arquitecto professor Carlos Ramos, reproduzindo em Rádio Clube Português, no seu programa desta noite, às 21 e 10, a entrevista que o grande mestre de arquitectura lhe concedeu para a rubrica «Perfil de um artista».



de barlavento a sotavento



O PEIXE, O PETRÓLEO E O SAL-GEMA

VILA REAL, Julho — Tem-se falado muito, ultimamente, da crise atravessada pela actividade piscatória em Portugal. Já ninguém tem dúvidas de que, num país onde 50 por cento da fronteira é voltada ao mar e, portanto, possui numerosas comunidades de pescadores, esse é um problema económico fundamental. Não sabemos quantas das cem mil pessoas que há tempos se estimava como componentes deste grupo que vive do mar ainda fazem, realmente, parte dele.

É no entanto preciso acrescentar-lhe todos os outros que, ao longo da costa, se empregam em trabalhos complementares, como os da comercialização, seca e conserva do peixe.

Alguma coisa se passa, certamente, neste ramo de actividade e não custa a aceitar que os estudos em curso obriguem a adoptar, em breve, medidas drásticas.

Durante a nossa passagem pela costa algarvia foi-nos naturalmente possível ouvir opiniões abalizadas sobre o assunto.

Concordando todos em que «é indispensável proceder à remodelação da frota pesqueira, actualmente incapaz de satisfazer as necessidades de uma indústria (a das conservas) que tem de possuir matéria-prima a preços satisfatórios, capazes de facilitarem a venda das conservas portuguesas nos diferentes mercados», não é difícil concluir, também, depois de se ouvirem os pescadores, que esta classe tem de ser reorganizada. Quer dizer, os benefícios sociais (salário, reforma, assistência na doença, etc.) têm de ser revistos. Porque a disparidade entre os benefícios usufruídos por essa e pelas outras classes começa a ser de tal modo gritante que a única coisa a esperar é que esses homens procurem novos ramos.

Mas, para além destas duas características-base há que concluir que, de facto, o mar não dá hoje o que ainda há pouco oferecia a rodos.

Procurar sem achar

Um velho homem do mar resumiu, na perfeição, com toda a rudeza, o quadro.

«Em tempos, quase não era preciso sair para o mar largo. O peixe parecia ser atraído pelas redes e pelo costado das embarcações. Agora — continuava o nosso homem — a gente anda léguas e léguas à procura dele, em vão. E não é só a nós que isso acontece, aqui no Algarve. Os homens de Agadir, Rabat, Casablanca e dos portos pesqueiros espanhóis do Mediterrâneo sentem as mesmas dificuldades.»

O nosso entrevistado fazia depois uma cruel acusação à pesca de arrasto e

aos modernos sistemas de detecção de cardumes (sondas) como os causadores desta crise.

Sem nos pronunciarmos sobre o assunto, deixando aos peritos a palavra que certamente se lhes pedirá, a verdade é que a situação tem de ser remediada.

Para já, são dezenas de fábricas de conserva que estão inactivas. Em Lagos, Portimão, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António para já não falar de outras que se estendem ao longo da outra costa. Naquela última vila, onde a sardinha é comprada, na lota, a dez escudos o quilo, apareceu há dias uma leva de biqueirão. Que rendeu em dois dias mil e trezentos con-



As lotas vivem de um dia-a-dia que tem sido morno. Não se sabe bem como nem quando as coisas mudam de figura. Até a sardinha, produto essencial, não aparece

tos. Mas o biqueirão não assegura, para já, a laboração das fábricas, pois só no Inverno se tratará dele, depois de salgado.

Se dissermos que, na mesma lota, os linguadinhos aparecem a quarenta e dois escudos o quilo; o carapau a vinte; os chocos a dezoito, etc., compreenderemos que estes preços não são compatíveis com a industrialização do pescado, em conserva, e atingem um preço alto mesmo para o consumo ordinário.

É certo que todas estas questões da pesca poderão, muito brevemente, entrar em nova fase. Com o programa de colaboração internacional estabelecido com o Brasil, na esfera, decerto, do Atlântico Sul, quer dizer, das nossas costas africanas (Guiné e Angola, sobretudo).

O Governo brasileiro já anunciou ter-se chegado a acordo, com uma importante companhia portuguesa, para o desenvolvimento conjunto de um programa de pesca no valor de dezoito milhões e meio de dólares (mais de meio milhão de contos, em moeda portuguesa).

O Sudep, organismo brasileiro que superintende no desenvolvimento da indústria da pesca, assinou o

estas circunstâncias, acrescidas das que se esperam sejam novas coordenadas da política interna portuguesa, poderão alterar em breve os dados desta questão que tem de ser alterada, custe o que custar. E será lícito que as modificações comecem por se fazer no continente.

Petróleo e sal-gema

Embora as considerações gerais, atrás feitas, digam

dos de que há jazigos de petróleo em Huelva) que, no Sotavento, será possível encontrar jazigos cuja exploração seja rentável. Se assim for o Algarve e, por ele, o País, terá encontrado uma nova fonte de rendimentos.

Uma outra já grande realidade é a de extracção de sal-gema. Está constituída uma empresa que explorará na região de Loulé uma mina de sal-gema, que é con-

FOTOGRAFIA DE CARLOS GIL

siderada a segunda maior da Europa. A primeira está na Polónia, perto de Cracóvia, e tem sido, há séculos, uma poderosa fonte de divisas para aquele país. Neste momento, procedendo-se já à extracção a dois quilómetros de profundidade, aquela mina polaca de sal-gema está, como tivemos oportunidade de verificar pelas explicações que os técnicos ali nos deram, em condições de ainda fornecer sal durante vinte anos. Ora, a confirmar-se a hipótese de que as minas algarvias de sal-gema têm uma capacidade semelhante às polacas, estaremos em face de um filão que, dada a vasta aplicação industrial do produto, pode originar a implantação de várias novas indústrias no Algarve, não falando já na exportação do produto, que poderá fazer-se em larga escala, se for confirmada, como parece ser, a importância do depósito.

Terão de ganhar-se, é certo, ainda, novos rumos para o turismo algarvio, alterando algumas bases da política em princípio definida para ele. Assim o pequeno naco que, a Sul de Portugal, se debruça sobre o Atlântico e espregueia a África poderá vir a ter um brilhantíssimo futuro.

Do nosso enviado especial LUÍS D'OLIVEIRA NUNES

acordo, em São Paulo, com a firma portuguesa Pescanova.

A frota de pesca consistirá, inicialmente, em quatro navios de pesca do bacalhau e em três navios frigoríficos de longo raio de acção, para actuarem em águas brasileiras e africanas.

O novo consórcio construirá também uma fábrica de conservas de peixe no Brasil.

Por outro lado, em 14 de Outubro, em Roma, representantes portugueses participarão, com outras nações, em debates sobre a pesca no Atlântico Sul.

Espera-se que seja assinado um tratado que prevê a formação de uma comissão internacional, para estudar e recomendar os regulamentos a estabelecer para a pesca naquela zona.

De facto, a pesca na região em questão aumentou para mais do dobro nos últimos dez anos, principalmente devido aos métodos de pesca utilizados pelas frotas que operam a longa distância das suas bases ou portos de armamento.

Desta forma, certas espécies de peixe foram apanhadas de forma excessiva e correm o risco de se extinguirem.

respeito à generalidade do território metropolitano e englobem já territórios ultramarinos, não nos parece que estejam deslocadas nestas croniquetas algarvias. Porque a economia da província, recebendo embora do turismo uma forte ajuda, não poderá prescindir da, actividade pesqueira e conserveira.

Outras duas actividades se desenham também, poderosamente, no panorama algarvio. Trata-se da extracção de petróleo e de sal-gema.

Quanto ao primeiro anda empenhado na sua busca um bimotor «Dove Mark», da Tairey Survey, Ltd. Estas pesquisas integram-se na tarefa de exploração geral da plataforma continental. Esse avião, que, durante a nossa estada no Algarve acabámos por não conseguir localizar, dado que se encontrava na outra costa atlântica, tem poiso, alternadamente, nos aeroportos do Porto, Lisboa e Faro. A partir deste último e numa faixa costeira de sessenta quilómetros o avião daquela empresa procederá, durante três semanas, a intensas prospeccões. Tudo indica (os próprios espanhóis estão convencidos

MONTARGIL:

UMA ATRACÇÃO PARA OS TURISTAS

MONTARGIL, 23 — Atraído pelas águas da barragem e pelas sombras acolhedoras das árvores frondosas, os forasteiros são cada vez em maior número nesta região, nos fins-de-semana. Ainda no domingo passado, e apesar do concurso de pesca na zona da Carvalhosa, se deslocaram aqui numerosas pessoas.

O colorido dos seus fatos de banho enquadrava-se admiravelmente na bela panorâmica da albufeira, onde o deslizar suave dos barcos à vela era completado pela arrogante corrida dos velozes gasolinhas.

Os turistas vão, assim, descobrindo pouco a pouco, este lugar agradável, que muito bem poderia justificar um acampamento campista.



Para estes pescadores o dia da nossa visita foi um rico dia. Alugámos-lhe a traineira para ir à barra do Guadiana. E assegurámos-lhe que a pesca, nesse dia, havia de ser excelente, como diz a superstição popular (e a nossa) que acredita nos amuletos

para **ELA** em especial

LUA, BASTILHA E COLHERES DE PAU

Aquele fim de tarde de domingo não era igual a nenhum outro. Naquele dia o mundo ia acabar. O mundo em que até aí viveramos. Um mundo acabava, outro nascia.

Na praia, além da areia e do mar, estávamos rodeados de transístores por todos os lados. A Emissora ia informando de hora a hora as árduas tarefas dos astronautas, e nós, concentrados nas notícias, tínhamos os ouvidos enrolados como búzios, para melhor entendermos esses gestos novos em folha que se abriam e fechavam por cima das nossas humildes cabeças e nos condiriziriam — a todos — à Lua.

17 e 47 — O módulo lunar e o módulo de comando desatracam.

18 e 12 — O módulo de comando afasta-se do módulo lunar.

19 e 11 — O módulo lunar inicia a sua descida para a Lua.

Suspensos, quase trémulos, fitávamo-nos uns aos outros com olhos de espanto.

O ar e o mar continuavam parados, como que suspensos, também. O fio da água, agora de um verde tenro, chamava, atraía. Mergulhei, e estendi-me na areia, confiante no sol das oito horas. Imperceptivelmente, a debandada principiara. As pessoas dobravam as roupas e partiam, alheadas, absortas. Já não se ouvia gritos de crianças, aqueles guinchos como que de andorinhas doídas, já não se ouvia as ásperas gargalhadas nos grupos de «macho-a-beira-mar». Os casais, os namorados, os solitários, atardavam-se, num entresonho que desta vez os projectava para fora e não para dentro de si.

O leve e algodoado barulho de passos, que era mais um frémito da areia do que propriamente um ruído, fez-me franzir os olhos antes fechados e espreitar por entre as pestanas. Um homem passava a poucos metros. Sentei-me para o ver melhor.

Naquele tarde de domingo, em que um mundo acabava e outro nascia com os primeiros passos do homem na Lua, naquele fim de tarde de domingo, na civilizada praia do Estoril, passava um homem sem idade, com um fato sem cor, de alpercatas caídas e um grande cesto de verga enfiado no braço. Dentro levava rolos de massa, rolos para cozinhados, e colheres de pau de todos os tamanhos e feitios. Fitava-nos e oferecia a mercadoria que tinha por missão vender, sem cuidar de mais nada. Ignorava o avanço da técnica, ignorava o que fosse técnica, ignorava o que estava a acontecer «no céu», entregue e atento à sua tarefa na Terra, seu ganha-pão e sua inocência.

Terei sorrido magoadamente, como quem se deita a filosofar.

Depois lembrei-me daquele rapazinho que, aquando da tomada da Bastilha, em Julho de 1789, completamente alheado dos acontecimentos que se lhe desenrolavam diante dos olhos, ia tentando vender os seus pastéis do outro lado da rua, cesto enfiado no braço, daquele rapazinho que no preciso momento em que principiava uma nova era para o mundo ia cumprindo a sua rasteira tarefa na Terra, seu ganha-pão e sua inocência, também.

E então pensei que é muitas vezes injusto acusar os outros de falta de atenção ao tempo em que vivem. Porque a atenção se canalizou para as tarefas necessárias. Vitais.

ISABEL DA NOBREGA

Voltou-se na auto-estrada do Norte espalhando a carga que transportava

VILA FRANCA DE XIRA, 23 — Ao descrever uma curva, num dos acessos à auto-estrada do Norte, próximo de Vila Franca, uma camioneta, proveniente da Moita do Ribatejo, derrubou um candeiro, voltando-se e espalhando na via os móveis que transportava. Aquele veículo pesado, pertença da Sociedade de Móveis do Sul, com sede na Rua C, 46, na Moita, era conduzido pelo sócio daquela firma, António Lopes de Sousa, casado, motorista, natural do Porto e residente na Baixa da Banheira.

Do acidente resultou ficarem muito feridos, com várias escoriações pelo corpo, o condutor e o ajudante, que recolheram ao hospital. O terceiro, que viajava no veículo apenas sofreu escoriações sem importância.

VÍTIMA DE ASFIXIA

Na Rua de Santo Elói, 5, 1.º, Dt.º, à Pontinha, onde residia, foi encontrado morto por enforcamento, Francisco Manuel Gaspar, de 49 anos, natural de Santiago, Torres Novas. O infeliz era casado com Rosalina da Conceição Alves Gaspar, de quem estava separado de facto há cerca de quatro meses.

O MINISTRO DA SAÚDE VISITA VISEU

VISEU, 23 — O ministro da Saúde e Assistência começou esta manhã a sua anunciada

visita às instituições e estabelecimentos de Viseu dependentes do seu departamento.

Depois de ter presidido a uma sessão de trabalhos que decorreu no Hospital de São Teotónio, na qual participaram o governador civil do distrito, o presidente da Câmara Municipal e o director e membros do corpo clínico daquele estabelecimento hospitalar, bem como outros médicos do distrito, o dr. Lopo Cancellata de Abreu visitou o Lar Viscondessa de S. Caetano e o Jardim Infantil de Nossa Senhora de Fátima, a Delegação de Saúde, a Escola de Débeis Mentais do sexo feminino, o Lar-Escola de Santo António,

o Dispensário Materno-Infantil, o Dispensário Antituberculoso e as obras da Escola de Débeis Mentais do sexo masculino, que está a ser construída em Jagueiros.

Ao fim da tarde, aquele membro do Governo deslocou-se a Mangualde, onde visitou o Hospital da Santa Casa da Misericórdia local.

Amanhã, o dr. Cancellata de Abreu estará na cidade de Lamego, onde visitará o hospital e outros estabelecimentos de assistência. No regresso, passa por Torredeixa, freguesia deste concelho, onde visitará a Fundação «João dos Santos» e a Estância Sanatorial do Camramulo.

DESAPARECEU COM AS ECONOMIAS DA NAMORADA

Há tempos que a sr.ª Antónia Alves, solteira, empregada de balcão, residente na Rua Monte Olivete, 31, r/c., namorava com António Sá Dinis, sem profissão, natural de Carregal do Sal, morador na Rua da Artilharia Um, 39, 5.º, Dt.º. Há poucos dias, como estava doente em casa, encarregou o namorado de lhe levantar dez contos que tinha depositados no Montepio Geral. António Dinis levantou o dinheiro, mas não voltou a ser visto pela namorada. Sabe-se que o «fugitivo» depositou parte da importância, em nome próprio, no Banco da Agricultura e gastou o restante em seu proveito. A lesada apresentou queixa na P. S. P. de Lisboa.

TRAGÉDIA NA AUTO-ESTRADA DO NORTE

Junto à variante que dá acesso a Vila Franca de Xira e à Ponte Marechal Carmoia, a auto-estrada do Norte foi, ontem, cenário de mais uma tragédia, de que resultou morrer carbonizada uma

senhora, e estarem internados em estado grave o seu marido e dois filhos.

Trata-se da sr.ª D. Maria Manuela Fonseca Contenta da Silva Borges Correia, de 29 anos, de seu marido, capitão Manuel Antunes Borges Correia, de 32 anos, dos Serviços de Administração Militar, e de seus filhos, Rui Manuel e Luís Manuel, de 5 e 3 anos, respectivamente, residentes na Rua Freitas Gazul, 24-3.º, Esq. em Lisboa.

O acidente ocorreu quando o pequeno carro utilitário conduzido pelo capitão Manuel Antunes, depois de ter ultrapassado um veículo pesado que rodava normalmente, estacou quase de imediato à frente deste. O condutor do camião, o sr. Carlos Alberto Lemos das Neves, de 30 anos, casado, residente em Rio Maior, dada a rapidez da manobra não teria tido tempo de parar, arrastando o veículo ligeiro à sua frente, cerca de 50 metros. Este incendiou-se de súbito, e o motorista do camião, auxiliado por populares, conseguiram retirar do automóvel o condutor e os seus dois filhos, mas foi de todo impossível salvar a malograda senhora.

CHEGOU A LISBOA A INTÉRPRETE DE «HELGA»

• **A insinuante Ruth Gassman cantará (talvez!) na R. T. P.**

Chegou esta manhã ao aeroporto de Lisboa a actriz alemã Ruth Gassman, protagonista do célebre filme «Helga, o Segredo da Maternidade», a cuja estreia assistirá amanhã. Veio de Roma, onde assinou recentemente um contrato para participar num filme — o primeiro que interpreta depois de «Helga» — a lindíssima Ruth Gassman, que anunciou ainda aos jornalistas ser muito provável que, durante a sua estada de três dias no nosso País, actue num programa da R. T. P., mas, aí, como cançonetista.

Para além da sua beleza («exquise»), uma das características de Ruth é a sua versatilidade. Antes da sua primeira experiência cinematográfica, a «clean Helga», como lhe chamam os jovens do seu país, praticou desportos, fez «ballet» e desempenhou no teatro as imortais personagens de Shakespeare, Ofélia e Julietta. Depois, nos Estados Unidos, para onde foi por decisão de sua mãe, trabalhou

em filmes publicitários e como cançonetista.

Abordada pelos representantes dos Grãos de Informação, Ruth prestou-se imediatamente a conceder uma entrevista. Após ter declarado que as principais qualidades de «Helga» residiam precisamente no seu carácter didáctico, afirmou:

— É curioso notar que a grande maioria das cartas que recebo provém de jovens. São eles que me chamam a «clean Helga».

— Esse facto agrada-lhe?

— Certamente!

— É seu o filho que, no filme, Helga dá à luz?

— Não! Os meus primeiros filhos (gêmeos) nasceram só seis meses depois de o filme acabar.

— Prefere ser Helga ou Ruth?

— Ruth! Amo os meus filhos e o meu marido.

A terminar perguntámos à simpatíssima Ruth, qual, de entre os autores contemporâneos, o que mais gostaria de interpretar no cinema ou no teatro.

— Peter Weiss! — foi a resposta imediata.

— É qual das suas peças?

— «Marat-Sade».

Sociedade «ESTORIL» COMBOIOS DO CAIS DO SODRE AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas. Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

GRACAS AO SERVIÇO «AUTO-EXPRESSO» DA C. P. OS AUTOMÓVEIS VIAJAM DE COMBOIO...

Três passageiros de um comboio vindo de Paris puderam trazer consigo (no mesmo comboio), os automóveis de que são proprietários. Graças ao serviço que a C. P. mantém, desde há um mês, denominado «auto-expresso», é possível ao passageiro vir de Paris a Lisboa acompanhado da sua viatura e ao mesmo tempo fazer a viagem descansadamente instalado no seu compartimento.

O vagão que transporta as viaturas é atrelado em Hendaia, recebendo aí os veículos, e, integrado no comboio rápido, chega a Lisboa às 14 e 35, com a sua carga, mais não precisando o viajante senão de proceder à recepção e ir depois à sua vida...

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

Amanhã, pelas 12 horas, o ministro das Obras Públicas confere posse ao eng.º Jorge Carvalho de Mesquita do cargo de presidente do Fundo de Fomento da Habitação.

AMANHÃ HA EXAMES

DIA 24 — Quinta-feira
EXAMES DE ADMISSÃO AO 3.º ANO DOS LICEUS

2.ª chamada
CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — às 9 horas.
DESENHO GEOMÉTRICO — às 11 horas.

DIA 25 — Sexta-feira
PORTUGUÊS — às 9 horas.
FRANÇÊS — às 11 horas.

LICEU - INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

2.º CICLO POR SEÇÕES E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS

Francês * Inglês * Alemão

* ESCOLA SÃO VICENTE

— Rua do Paraíso 28 — Teler 56 59 04

* EXTERNATO MARQUES DE POMBAL

— Rua Carrilho Videira, 10 — Teler 83 46 58

— Rua Edith Cavell, 8 1.º — Teler 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

LICEUS - SECÇÃO PREPARATORIA - INSTITUTOS

Rua Marques da Silva, 99-2.º — Teler. 53 27 02

NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO — PROFESSORES ESPECIALIZADOS

Alunos com cursos incompletos são orientados na escolha de exames, a realizar para complemento das suas habilitações

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 e 537532

MORADIAS

Lindíssimas, para férias e fins de semana, perto da Praia do Guincho e das Praias de Cascais

(ALDEIA DE JUZO)

a partir de 450 contos

Trata no local o próprio — CIPRIANO CÚPIDO ou pelo teler. 28 40 26

NEVOEIRO MATINAL E TROVOADAS DISPERSAS NOS PRIMEIROS DIAS DE AGOSTO

«Primeiro de Agosto, primeiro de Inverno» — diz o povo. E quase sempre tem razão. Temos presente o boletim meteorológico para a agricultura, que insere a antevisão das condições meteorológicas médias, no Continente, até 5 de Agosto. Pois bem: em 30 do corrente (quase 1 de Agosto!) parece que termina este Verão, que se apresentou excepcionalmente quente, mas ameaça ser excepcionalmente curto...

Informa o referido boletim:

Até 29 de Julho, haverá céu limpo ou pouco nublado, vento fraco a moderado do quadrante norte, por vezes fresco durante a tarde no litoral a sul do Mondego, e a tem-

peratura média do ar continuará superior aos valores normais da época.

De 30 de Julho a 5 de Agosto, estará o céu limpo ou pouco nublado, ocasionalmente muito nublado no interior a norte do Tejo; o vento será fraco a moderado do quadrante norte; haverá possibilidade de trovoadas dispersas, em especial a norte do Mondego, e nevoeiro ou neblina matinais no litoral oeste em especial a norte do Mondego. A temperatura média do ar aproximar-se-á dos valores normais na época.

● Influência do tempo nas culturas

Durante a segunda década do mês corrente, em alguns locais o excesso de calor foi prejudicial às culturas, mas em geral as condições meteorológicas foram favoráveis e os trabalhos agrícolas próprios da época executaram-se em boas condições, especialmente a debulha e recolha de cereais.

As vinhas e pomares de citrinos apresentam bom aspecto e os tomates e milherais desenvolvem-se regularmente.

Fizeram-se cavas, plantações, sachas, mondas nos linhos, ceifas, debulhas e recolha de cereais, apanha de

frutos, colheita de batata e produtos hortícolas, tratamentos fitossanitários, etc.

ODILO DA COSTA FILHO candidato à Academia Brasileira de Letras

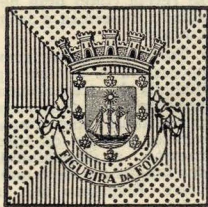
RIO DE JANEIRO, 23 — O poeta e jornalista Odilo da Costa Filho, antigo adido cultural à Embaixada do Brasil em Lisboa, vai candidatar-se à cadeira número quinze da Academia Brasileira de

Letras, deixada vaga pelo recente falecimento em São Paulo do poeta Guilherme de Almeida.

Esta é a segunda vez que Odilo da Costa Filho concorre a uma cadeira da

Academia Brasileira de Letras. Da primeira, quando disputou a vaga deixada por Torquato Correia, foi derrotado pela candidatura do dramaturgo Joracy Camargo. — (A. N. I.).

FIGUEIRA DA FOZ



«Praia da claridade...

Areais doirados...

Serra da Boa Viagem...

Terras de beleza sem par! Mas, também Comércio intenso, Indústria progressiva, Cidade onde a tradição é a própria inovação de amanhã»

CONTA, A PARTIR DE AGORA, COM
RENOVADAS INSTALAÇÕES DA AGÊNCIA DO

BANCO
PORTUGUÊS
DO ATLÂNTICO



CINQUENTA ANOS DE PROGRESSO PARA O PROGRESSO NACIONAL

NOVOS OFICIAIS PARA A P. S. P.

Pela última «Ordem do Exército» são colocados em comissão de serviço, dependente do Ministério do Interior, na Polícia de Segurança Pública, os capitães José Jaime Ferreira Lopes Gomes, do Serviço Mecanográfico do Exército, e Argemiro Soares Gomes Valgode, do Depósito Geral de Adidos, na situação de reserva.

OS COLÓQUIOS NO INSTITUTO NACIONAL DO PÃO

No prosseguimento da série de colóquios que o Instituto Nacional do Pão tem levado a efeito, decorreu mais um colóquio de carácter técnico subordinado ao tema «Os ácidos orgânicos da fermentação panar»,

cujos colóquios esteve a cargo da eng.ª D. Maria José Ribeiro Viana.

O assunto incidiu sobre a separação cromatográfica e doseamento semi-quantitativo dos ácidos monocarboxílicos de C₁-C₆, que se formam ao longo do fabrico do pão, sabido do interesse que existe em se conhecer os produtos secundários da fermentação alcoólica, que ocorre aquando do fabrico do pão, uma vez que se julga terem uma influência marcada no aroma e paladar e contribuírem para um conhecimento mais profundo, além de fornecerem factores indicativos do que se passa nos diferentes processos de fabrico.

Houve, no final, animado colóquio.

CAMPANHA DE SEGURANÇA NA ESTRADA

O Vespa Clube de Lisboa convida os seus associados e em geral todos os vespistas a assistirem a um colóquio sobre segurança na estrada, o qual se efectua na sua sede, Avenida Infante Santo, 63, r/c., esq.ª, nesta cidade, pelas 22 horas de amanhã, promovido por aquele clube com a colaboração da Polícia de Viação e Trânsito.

CLASSIFICAÇÃO NACIONAL DAS PROFISSÕES

O Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra publicou dois novos volumes da versão provisória da «Classificação Nacional das Profissões».

No volume que inclui o «Subgrupo 7-7» do «Grande Grupo 7-8» são abrangidos os carpinteiros, tanoeiros, merceiros, operadores de máquinas para trabalhar a madeira, corticeiros que fabricam exclusivamente artigos de cortiça e outros trabalhadores da madeira. O outro volume, que apresenta o «Grande Grupo 9», abrange os bombeiros, agentes da Polícia, guardas, governantes, cozinheiros, empregados de quarto, de portaria e de mesa, porteiros, pessoal de limpeza, cabeleiros, especialistas em tratamentos de beleza, lavadeiros, limpadores a seco, engomadores de roupa, profissionais dos desportos, fotógrafos, agentes funerários e outros trabalhadores dos serviços pessoais, desportos e similares, ocupações de relevante importância no contexto económico-social português.

PARA FAZER FACE À CONSTRUÇÃO DE MAIS UM ARROJADO EMPREENDIMENTO TURÍSTICO

A TORRALTA VOLTA A AUMENTAR O SEU CAPITAL SOCIAL

- A decisão foi tomada em assembleia geral extraordinária, sob proposta do presidente do conselho de administração daquela Empresa, almirante Sarmento Rodrigues

Empresa cuja expansão se filiou no turismo, ou seja uma das mais recentes e progressivas actividades económicas nacionais, a Torralta tem-se prestigiado por um ritmo de desenvolvimento que bem demonstra o realismo de uma administração atenta à rentabilidade dos capitais investidos e apostada em assegurar novos financiamentos, com vista à multiplicação dos rendimentos pela progressiva ampliação do património empresarial.

O sucesso que, a partir de 1967, se verificou com a expansão resultante do aumento de capital subscrito pelo público, através dos «Títulos de Férias», conferiu à Torralta uma posição de privilégio no crédito e na confiança de todos os investidores portugueses, sejam os que para o efeito apenas dispõem de um modesto «pé de meia», ou os que possuem avultadas reservas destinadas a financiamentos reprodutivos.

A próxima construção de um novo complexo turístico de grandes dimensões, a erguer nas propriedades que a Torralta possui em Alvor, levou agora a empresa a determinar a conveniência de novos empreendimentos, optando uma vez mais pelo recurso ao capital externo.

Com esse objectivo, foi convocada uma assembleia geral extraordinária, que se reuniu em Lisboa no passado dia 22 sob a presidência do sr. conselheiro dr. Manuel dos Santos Vitor, secretariado pelo sr. coronel João Maria da Silva Delgado, director-geral da em-

presa, e pelo sr. Manuel Branco Paulino.

ALÉM DE UM AUMENTO IMEDIATO DE 10 MIL CONTOS, A TORRALTA VAI REQUERER AUTORIZAÇÃO SUPERIOR PARA MAIS UM AUMENTO DE CAPITAL DE 100 MIL CONTOS, COM DESTINO À SUBSCRIÇÃO PÚBLICA, QUE SE ENCONTRA DESDE JÁ GARANTIDA

presa, e pelo sr. Manuel Branco Paulino.

- Os fundamentos da proposta de aumento de capital expostos pelo almirante Sarmento Rodrigues

Aberta a sessão e cumpridas as formalidades legais, foi concedida a palavra ao presidente do conselho de administração da Torralta, sr. almirante Sarmento Rodrigues, o qual fundamentou a proposta do aumento de capital na seguinte exposição:

A eclosão e a expansão

do fenómeno turístico em Portugal provocaram, sobretudo a partir de 1964, um verdadeiro impacto na economia nacional, traduzindo-se num crescimento de turistas estrangeiros que nos visitaram e pelas correspondentes receitas que proporcionaram. Citamos informações oficiais: 1964 — 1 milhão de turistas estrangeiros — 3,5 milhões de contos de receitas; 1966 — quase 2 milhões de turistas — 7 milhões de contos; 1967 — 2,5 milhões de turistas — 7,5 milhões de contos. Tal fenómeno criou ali-

De entre as opções contempladas no Plano Intercalar de Fomento salientam-se as que se consideram zonas turísticas prioritárias: o Algarve, a Madeira e a região de Lisboa e seus arredores.

Com efeito, o Algarve, mercê das suas características climáticas, da sua situação geográfica e condições naturais magníficas, atraiu imediatamente as correntes turísticas, quer nacionais, quer estrangeiras. Porém, nos anos de 1964 a 1966 o incremento das infra-estruturas e da

de 1967 iniciar uma fase de grande expansão.

Preparou-se por isso muito cuidadosamente para superar, com sucesso, as enormes dificuldades que se apresentam em tal conjuntura, estudando com particular atenção o problema do financiamento das empresas em expansão.

Com efeito, a necessidade de financiamento não se verifica somente nas empresas recentemente constituídas, ou naquelas que enfrentam dificuldades; é um fenómeno que preocupa muito especialmente as empresas que prosperam e em que o ritmo de crescimento e de prosperidade exige cada vez mais dinheiro, para que este se reproduza a tempo de ser aplicado em novas oportunidades igualmente reprodutivas.

Actualmente tem-se vindo a verificar internacionalmente a impossibilidade de as empresas gerarem dentro de si mesmas, em quantidade e com rapidez, o capital suficiente para o autofinanciamento dos seus empreendimentos, pelo que o recurso ao capital externo se revela como uma necessidade imperiosa e imprescindível.

Torna-se, porém, sempre necessária a análise aprofundada dos três elementos ponderativos considerados primordiais num financiamento: o custo do investimento, a disponibilidade dos fundos e o risco que envolve. Enquanto que uma política errada pode comprometer irremediavelmente o futuro da empresa, um esquema financeiro aconselhável lança-la à senda do progresso.

- Uma solução inédita, de êxito sem precedentes

Entre as várias opções de processo de financiamento mais frequentemente utili-

(Continua na pág. 13)

RAZÕES DO ÊXITO DE UM EMPREENDIMENTO: INEDITISMO (ATÉ HOJE ÚNICO EM PORTUGAL) E DUALIDADE DE UTILIZAÇÃO DOS PRIVILÉGIOS (UTILIZAÇÃO DO ALOJAMENTO TURÍSTICO OU A FRUIÇÃO DE UM RENDIMENTO EQUIVALENTE)

ciente motivação para os investidores e multiplicaram-se os estudos e projectos de empreendimentos turísticos nas mais diversas regiões do País.

Também o Governo, sensível a este acontecimento, reconheceu no fenómeno turístico um factor de primeira importância no desenvolvimento económico português e decidiu dedicar-lhe um capítulo especial

maioria das realizações dos empreendimentos mais importantes desenvolvia-se num ritmo que não acompanhava os aflusos turísticos. Daqui resultaram desajustamentos e carências, quer de alojamentos, quer mesmo de infra-estruturas, que prejudicaram gravemente o harmónico crescimento do turismo na província, gerando a descrença nos turistas nacionais e estrangeiros e afectando muito particularmente as agências de viagens.

Mercê, porém, de maior celeridade que se imprimiu ao ritmo da construção, foram inaugurados ou melhorados numerosos hotéis, dos quais se destaca cerca de uma vintena de magníficos hotéis de luxo e de 1.ª classe.

O Algarve ocupa assim uma posição de primacial relevo no turismo nacional e é, sem dúvida, a região do País de maior crescimento turístico, quer de estrangeiros quer de nacionais e, porventura, a de mais promissoras perspectivas.

- A expansão da Torralta perante as solicitações do turismo em Portugal

A Torralta — Clube Internacional de Férias, S. A. R. L., correspondendo às exortações governamentais, bem expressas nos Planos de Fomento, e às solicitações que o fenómeno turístico em Portugal tem proposto à iniciativa das administrações das empresas privadas, decidiu nos fins

OS AMERICANOS E O CUSTO DOS VOOS LUNARES

(Continuação da pág. 1)

americana e uma placa Nixon é uma indicação do alto significado político que ele dá ao acontecimento para levantar a moral pública.

Mesmo assim, parece que o peso da opinião política e técnica o levará a negar à N. A. S. A. (a Administração Nacional para o Espaço e Aeronáutica) o dinheiro de que ela precisa para os planos que tem em curso, que incluem mais nove voos lunares tripulados a um custo superior a um bilião de dólares cada, para os quais já foram construídos os foguetões e a instalação de uma base habitada na Lua, como posto avançado para atingir Marte. A maior parte dos principais peritos que o presidente chamou para o aconselhar gostariam que o programa espacial fugisse das histórias românticas e se integrasse em tarefas meramente científicas, muitas das quais pensam que podem ser conseguidas com um centésimo de custo por naves não tripuladas.

Uma ponta do véu, por detrás do qual aceradas discussões estão a decorrer, foi inadvertidamente levantada pelo vice-presidente Spiro T. Agnew, quando declarou a uma alegre equipa de lançamento que, ao apoiar o seu programa espacial acelerado, podia bem ser «uma voz no deserto». Agnew, que sugeriu que Marte devia ser o próximo alvo, é o presidente da comissão presidencial sobre o futuro do Espaço, mas, até agora, o debate científico na Casa Branca tem decorrido sem a sua presença.

O dr. Lewis Branscombe, chefe da comissão presidencial para o Espaço, Ciência e Tecnologia, disse-me que, em sua opinião, é muito cedo para se fazerem predições úteis acerca de Marte ou mesmo acerca do valor de mais explorações lunares. Ele prevê uma diminuição

ção de voos tripulados e uma transformação básica do programa em conformidade com os fundos disponíveis. O presidente foi aconselhado a tomar uma resolução definitiva e não a adoptar um programa em bloco e depois travá-lo ou desenvolvê-lo de acordo com as possibilidades monetárias.

- O problema das verbas

As objecções, dentro da comunidade científica americana, ao dispendioso programa espacial, têm-se agravado devido à escassez de fundos federais noutros campos. Como consequência de cortes orçamentais anti-inflacionistas, por exemplo, o Instituto Nacional de Saúde está a rejeitar normalmente mais de metade dos pedidos que recebe para projectos de investigação, embora estes só cheguem ao Instituto depois de aprovados pelas autoridades científicas competentes.

Um dos problemas mais inquietantes resulta do facto

(Exclusivo para «A Capital» «The Observer» — A. E. I.)

de, nos últimos quinze anos, um número sempre crescente de estudantes se terem treinado na investigação, financeiramente apoiados por verbas federais, e agora, já devidamente preparados, não encontram lugar nos laboratórios.

Pelo lado político, também a opinião se manifesta contra o presente nível de gastos espaciais. Um funcionário que dirige os inquéritos do Congresso sobre a questão afirmou-se que a grande maioria dos senadores, uma vez que os americanos já bateram os russos na Lua, pensam que o jogo acabou.

Há também uma minoria liberal de certa importância que gostaria de ver esses fundos canalizados para propósitos sociais. O senador Edward Kennedy pertence ao número dos que já pediram uma revisão das prioridades nacionais sobre o programa espacial, e o seu nome adquire um peso especial quando se pensa que foi o seu irmão mais velho o primeiro a comprometer os Estados Unidos na corrida para a Lua.

A respeito de toda a excitação criada pela viagem do homem à Lua, o importante inquérito de opinião pública Harris confirma que nos últimos cinco meses uma forte maioria de americanos — 56 por cento contra 37 por cento, sendo o resto de indecisos — entende que o programa espacial não merece os quatro biliões de dólares que com ele se gastam anualmente. Além disso, existe uma minoria de intelectuais a quem não agrada a impossível-de-fugir publicidade e mesmo alguns jovens subversivos que esperavam sossegadamente que os russos conseguissem primeiro o seu sucesso lunar.

ARTES PLÁSTICAS

«CINCO ARTISTAS BRASILEIROS»

Inaugura-se amanhã, às 18 horas, numa das salas do Palácio Piz, a exposição de «Cinco Artistas Brasileiros», organizada sob os auspícios da Embaixada do Brasil em Lisboa.

FRIGORÍFICOS

145 Lts	2.170 \$
175 Lts	2.850 \$
215 Lts	3.150 \$
270 Lts - 2 portas	5.150 \$
280 Lts	3.990 \$

condições especiais para revenda. Consulte-nos

ASTROTECNICA Rua dos Anjos, 71-B

Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

VASTO PROGRAMA DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, DESPORTIVAS E RECREATIVAS NAS FESTAS DE SETÚBAL

SETÚBAL, 23 — Prosseguem com grande azáfama os preparativos finais para a inauguração, no próximo dia 25, da tradicional Feira de Sant'Iago e II Festa Nacional do Mar. A cidade vive ansiosamente a proximidade do acontecimento, que terá a presença do secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista. A inauguração verificar-se-á às 21 e 30 da próxima sexta-feira.

As iniciativas programadas distribuem-se pelos mais variados sectores das actividades económicas, sociais, desportivas, culturais ou meramente recreativas. Está prevista, também, a deslocação do Chefe do Estado, no decorrer das festas, no dia 3 de Agosto, acompanhada pelos ministros da Marinha e das Corporações.

● Manifestações desportivas

De entre as mais variadas manifestações desportivas que estão previstas destacam-se: a Regata de Sant'Iago, Belém-Setúbal, aberta a grandes e pequenos cruzeiros, no dia 26; a III Taça Sant'Iago de Aero-modelismo (voor circular), no domingo, dia 27; Campeonato Nacional de Vougas e VI Troféu Sant'Iago em «suipes», no sábado, dia 2 de Agosto (1.ª regata); na segunda-feira, dia 4 (2.ª e 3.ª regatas); a gincana automóvel a favor do M. N. F., no dia 9; o troféu «Moscatal de Setúbal», também no dia 9 (1.ª regata); e no dia 10 (2.ª e 3.ª regatas); o VI Circuito de Setúbal em fórmula «K» (karting), no dia 10; e, ainda, o concurso aberto de pesca desportiva de mar em barco, e as regatas de Saveiros a remos, de botes de espicha e de galeões, no dia 10 também, encerrando as festas.

Estas manifestações desportivas têm o patrocínio ou são organizadas pelo Clube Naval Setubalense, Junta Local do Corpo Nacional de Escutas e Vitória Futebol Clube.

● Espectáculos de variedades, ranchos populares e corridas de toiros

O programa das Festas inclui elevado número de iniciativas de carácter cultural ou meramente recreativo, na tradição portuguesa: exibição do rancho «Serra-Mar», no dia 26 de Julho; corrida de touros na

Praça Carlos Relvas, e exibição do grupo cultural e etnográfico «Os Trabalhadores», de Ferreira do Alentejo, no domingo, 27 de Julho; grande espectáculo de variedades no pavilhão do Clube Naval para apuramento de três representantes de Setúbal à eleição da «Rainha do Sado», na quarta-feira, dia 30 de Julho; outro grande espectáculo de variedades no mesmo pavilhão para apuramento de três representantes dos concelhos de Alcochete, Almada, Barreiro, Montijo, Seixal e Sesimbra, no sábado, dia 2 de Agosto; Cortejo do Trajo e do Costume da Gente do Mar, com representantes de todo o litoral metropolitano, casas dos pescadores, organismos das pescas e das conservas, no domingo, 3 de Agosto; cortejo fluvial luminoso e grandiosa sessão de fogo de artifício, inédita no País, também no dia 3 de Agosto; outro grande espectáculo de variedades no pavilhão do Naval, para apuramento de três representantes dos concelhos de Alcácer, Grândola, Moita, Palmela, Santiago e Sines, à eleição da «Rainha do Sado», na quarta-feira, dia 6 de Agosto; corrida de touros na Praça Carlos Relvas, no dia 9 de Agosto.

Têm estas manifestações o patrocínio ou são organizadas pela Academia Luísa Todé, Fundo Distrital da Luta Contra a Tuberculose e Clube Naval Setubalense. Muitas outras manifestações — de carácter económico, social e cultural — estão previstas além destas, no programa de festas, sem dúvida o mais rico e bem elaborado de sempre.

● O presidente da edilidade conversou com os jornalistas

O dr. Manuel José Constantino de Goes efectuou a sua habitual conversa anual com os representantes dos órgãos da Informação acerca dos problemas da cidade, uma das mais progressivas do País. A tradicional troca de impressões, que começou no edifício dos Paços do Concelho, foi pretexto

para largas referências à anunciada visita do Chefe do Estado e de vários membros do Governo à Feira de Sant'Iago e II Festa Nacional do Mar.

Interveio também o eng.º António Barroso, presidente da Comissão das Festas, que fez uma larga exposição sobre os trabalhos e obstáculos que a comissão teve de enfrentar para poder proporcionar aos milhares de visitantes que se deslocarão a Setúbal, um memorável programa de festas.

Destacou, por fim, as entidades que uma vez mais ofereceram o seu valioso contributo material, designadamente a Câmara Municipal de Setúbal, Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida e Junta Distrital.

● Entrega de 20 moradias pré-fabricadas a famílias pobres

Seguiu-se um passeio, em autocarro, pela cidade, permitindo aos jornalistas observar o evidente surto de progresso, que coloca Setúbal na vanguarda das regiões que mais se têm preocupado com o problema da habitação no nosso País.

O chefe do distrito, dr. Cardoso Ferreira, presidiu, então, à cerimónia da entrega de 20 moradias pré-fabricadas, a famílias pobres. As moradias, junto ao Bairro Presidente Carmona, foram mandadas construir pelo Município para realojar aquelas famílias.

Os jornalistas puderam, depois, observar o ritmo notável a que se processa a autoconstrução, graças às facilidades concedidas pelo Município, beneficiando designadamente o meio operário da região. Visitaram, ainda, um bairro em construção, de 360 fogos, mandado construir pela Caixa de Previdência, e a inaugurar no próximo mês de Setembro. Estiveram depois no Largo das Areias e na zona de expansão do Casal das Figueiras.

De regresso à cidade, os visitantes foram obsequiados com um jantar no Hotel Esperança.

FOI AUTOPSIADO O CADÁVER DA MANUCURA ASSASSINADA POR ESTRANGULAMENTO

Foi autopsiado esta manhã, no Instituto de Medicina Legal, o cadáver da manucura Maria de Lourdes Pereira Lemos, de 39 anos, que ontem foi estrangulada pelo industrial de tinturaria António Martins Teixeira, de 43 anos, casado, morador na Rua Bernardo Francisco da Costa, 69-1.ª, Esq., em Almada. Ambos mantinham relações amorosas desde há oito anos, tendo a vítima manifestado, recentemente, o desejo de as interromper.

Prete-se que a autópsia confirme as circunstâncias como o crime foi praticado, segundo as declarações daquele industrial, que se entregou a prisão.

VAI ADQUIRIR-SE UM BARCO-FRIGORÍFICO PARA A PESCA DA SARDINHA

Os armadores da pesca da sardinha, que têm vindo a lutar com a tremenda crise de carência do pescado, não escondem a sua satisfação pela deliberação agora tomada, em sessão do seu grémio, no sentido de ser adquirido um barco-frigorífico destinado à pesca longe da costa.

O sr. António José da Silva, presidente da delegação em Setúbal do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha informou que o barco a adquirir é a unidade francesa «Donilaire», que em Outubro do ano passado transportara, das Canárias

para Setúbal e Algarve, cerca de 132 toneladas de sardinha congelada, conforme o nosso jornal referiu oportunamente.

A embarcação frigorífica passará a ser propriedade da Cooperativa dos Armadores da Pesca da Sardinha, e foi designado para seu mestre o setubalense sr. Joaquim Lázaro, de larga experiência na pesca de alto mar. A sua actividade verificar-se-á nas proximidades da costa de Marrocos, local onde os cardumes se concentram desde que abandonam as águas portuguesas.

Como é natural, também os industriais conserveiros não escondem a sua satisfação e confiança no bom êxito de tão oportuna iniciativa, no propósito de se pôr termo à acentuada crise da indústria das conservas.

SAUDADE E CAMARADAGEM NO 40.º ANIVERSÁRIO do Curia Palace Sports Clube

CURIA, 23 — Tiveram grande repercussão os actos comemorativos do 40.º aniversário do Curia Palace Sports Clube, fundado pelo industrial hoteleiro Alexandre d'Almeida e orientado por seu filho Gil d'Almeida, que criou nesta magnífica estância de turismo um excelente conjunto de instalações desportivas, em que se evidenciam uma piscina, campos de ténis e outros desportos.

Reuniram-se aqui os jovens de 1929, então tenistas de primeiro plano, como o embaixador dr. Mário Duarte, Joaquim Miguel de Serra e Moura, José Roquette, Vasco Horta e Costa, José Guimarães, dr. Henrique Anjos, Manuel da Fonseca e outros. Vieram para recordar esses tempos e para mostrar que ainda estavam em «forma», pois logo de manhã disputaram algumas partidas. Sem o rigor das provas oficiais e sem a boa execução de outros tempos, mas divertiram-se com a raquete e

com a bola e fizeram comentários, em boa camaradagem, sobre a sua actual forma física.

O chefe do distrito, sr. dr. Vale Guimarães, veio inaugurar a exposição comemorativa do 40.º aniversário, onde através de fotografias, desenhos e taças conquistadas se mostra quanto tem sido grande a acção do clube. Depois de ter cortado a fita, o governador civil percorreu toda a exposição, tendo escrito, no «Livro de Honra» do clube, a sua admiração pelo que foi feito a bem do desporto.

Efectuou-se, depois, um almoço comemorativo, presidido por Alexandre de Almeida, que tinha a seu lado os srs. conselheiro Albino dos Reis, profs. drs. Bissai Barreto e Afonso Rodrigues Queirós; monsenhor Avelino Gonçalves, representantes da Direcção-Geral dos Desportos e da Federação Portuguesa de Ténis; embaixador dr. Mário Duarte e jornalista Mário Pires, como representantes dos tenistas que participaram nos jogos inaugurais do clube, e dos jornalistas presentes e dos que fizeram a reportagem inaugural.

Aos brindes trocaram-se afectuosas saudações.

A ABERTURA DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO NA FIGUEIRA DA FOZ

No prosseguimento das comemorações do seu 50.º aniversário, o Banco Português do Atlântico pôs em funcionamento as novas instalações da sua agência na Figueira da Foz, cidade onde aquela organização trabalha há já catorze anos e para o desenvolvimento da qual tem contribuído poderosamente através de um apoio permanente a todas as suas actividades, bem como às dos concelhos vizinhos.

Mantém-se a agência do Banco Português do Atlântico na Figueira da Foz instalada na Rua 5 de Outubro portanto na zona de maior movimento da cidade, mas agora com um aspecto totalmente novo, com uma fachada e dependências que se estendem por três pisos, condizentes com o panorama progressivo daquele lo-

cal, à altura não só do surto que atravessa a cidade, como também do prestígio de que aquela organização de crédito goza em todo o País.

Simplex mas elegantes, com a sobriedade a imar-se com a comodidade, essas novas instalações valorizam, de facto, aquela zona da progressiva cidade da Figueira da Foz.

Não houve qualquer cerimónia a assinalar a abertura das novas instalações, já que constituem apenas a continuação de uma longa actividade de quase década e meia ao serviço da cidade, embora tivessem estado presentes para receber os clientes e amigos daquele banco, além do gerente da agência,

sr. Virgílio Lopes, os srs. António Alberto Alves, director das agências do B. P. A., e dr. Luís de Oliveira Dias, secretário-geral adjunto.

INTERESSES ECONÓMICOS DE FARO E ALPORTEL

FARO, 23 — Acompanhado pelo dr. Carvalho Parente, delegado do I. N. T. P., apresentaram cumprimentos ao sr. major Vieira Branco, presidente da Câmara Municipal desta cidade, os dirigentes do Grémio do Comércio dos Concelhos de Faro e Alportel, recentemente eleitos. Durante a

TÁXIS AÉREOS EM PEDRAS RUBRAS

PORTO, 23
Está no Aeroporto de Pedras Rubras o avião bimotor dos T. A. C., que se destina à base do Porto do serviço de táxis aéreos da TAP.

A inauguração oficial desta base será oportunamente anunciada. Entretanto, aquele avião está à disposição do público. A sua capacidade é de nove lugares e pode escalear todos os aeroportos portugueses.

Está previsto para este mês o começo de um serviço, a título experimental, destinado a servir Viseu e Covilhã, com dois voos semanais.



A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu

FUJICA
carregamento instantâneo

Single-8

22

A mais completa câmara de filmar. Efeitos profissionais (sobreposição de imagens e fundidos).



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.

PORTO - R. de Sá do Balsemão, 520/526
Tel.: 22135/6 e 36301
LISBOA - R. de Filipe Palares, 2-C e D
Tel.: 59780/1

BODAS DE DIAMANTE DOS VOLUNTÁRIOS DO SUL E SUESTE

BARREIRO, 23 — Os Bombeiros Voluntários dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste comemoram, hoje, as suas bodas de diamante. A associação foi fundada em 23 de Julho de 1894.

Em comemoração da data festiva, foram introduzidos vários melhoramentos no quartel, e construído um anexo para recolta de viaturas, os quais serão hoje inaugurados oficialmente, no decorrer de uma pequena festa que começará às 18 horas.

acontecimentos mundiais os acontecime

OS ASTRONAUTAS ADAPTAM-SE AO ESPAÇO

HOUSTON, 23 (Por Serge Berg, da A. F. P.) — Os 32 voos de astronautas efectuados no espaço, antes do da «Apolo-11», já haviam mostrado que o homem se adapta geralmente bem ao estado de imponderabilidade e ao espaço exigiu das naves.

Sabido é que alguns astronautas, tanto americanos como soviéticos, se sentiram passageiramente indispostos, emagreceram todos durante o voo, tiveram ligeira modificação do seu metabolismo do cálcio e ainda alteração na proporção dos glóbulos brancos e vermelhos do seu sangue. Todas estas perturbações fisiológicas desapareceram sempre rapidamente depois do regresso à Terra.

As conclusões preliminares que se tiram já no Centro Espacial de Houston do comportamento e do estado de saúde da tripulação da «Apolo-11» confirmam, para além de tudo, o que se esperava da excelente adaptação do homem — em todo o caso do astronauta treinado — não só ao voo no espaço mas também à estada e ao trabalho na superfície da Lua.

E FACIL ANDAR NA LUA

O segundo pormenor é que nem Armstrong nem Aldrin conseguiram dormir na superfície da Lua, ou se conseguiram, foi apenas durante curto espaço de tempo. Não quiseram absorver o sonífero — o «Sedonal» posto à sua disposição.

Do ponto de vista biomédico, o voo da «Apolo-11» parece ser o mais perfeito de todos os voos humanos americanos. Até agora não se registou vestígio algum de perturbação. Há apenas dois pormenores a assinalar: o coração de Armstrong bateu fortemente quando do seu pouso na Lua, passando o seu ritmo cardíaco de 90 para 156 e regressando rapidamente à normalidade. Não se registaram os

batimentos do coração de Aldrin. Pode-se considerar este aumento de ritmo cardíaco absolutamente normal. Mais do que um responsável do Centro Espacial de Houston sentiu-se estrangulado pela emoção nos minutos que precederam a descida do módulo lunar.

«Isto é muito animador — acrescentou o dr. Gilruth — pois o seu escafandro poderá ser notavelmente melhorado, isto é, tornado mais leve e flexível.»

Armstrong, na Lua, disse que não tinha nenhuma dificuldade em se adaptar ao sexto da gravidade terrestre. «Desloco-me normalmente», afirmou ele. Assim, o homem encontra na Lua condições que se aproximam daquelas a que está habituado desde a sua origem. É por isso, aliás, que para os voos prolongados para outros planetas, como Marte, por exemplo, se pensa criar no interior das naves espaciais uma gravidade parcial artificial. — (F. P.)

PRIORIDADES

WASHINGTON, 23 — O secretário americano da Educação e do Alojamento, George Romney, pediu aos Estados Unidos para mudarem a ordem das suas prioridades após a conquista da Lua e co-

locarem a Terra para antes do Espaço. «Não sugiro que paremos com as experiências do Espaço», disse Romney num discurso pronunciado em Washington. — «Mas é tempo de rever a nossa política e de nos dedicarmos aos problemas da nossa Terra.»

O ministro lembrou que a decisão de fornecer um alojamento decente a cada família americana tinha sido tomada pelo presidente e pelo Congresso dos Estados Unidos dez anos antes da decisão de enviar um homem à Lua. — (F. P.)

NOVO SATÉLITE SOVIÉTICO

MOSCOVO, 23 — A Agência «Tass» anuncia que foi lançado ontem um novo satélite de telecomunicações, o «Molnia-1», que se inscreveu numa órbita elíptica com um apogeu de 39 540 km. no hemisfério norte e um perigeu de 520 km. no hemisfério sul.

O «Molnia-1», esclarece a agência, tem por missão assegurar as comunicações radiotelefónicas e radiotelegráficas a longa distância e de enviar as missões da televisão de Moscovo aos repetidores do sistema «Órbita» situados na Sibéria, no Grande Norte, no Extremo Oriente e na Ásia Central.

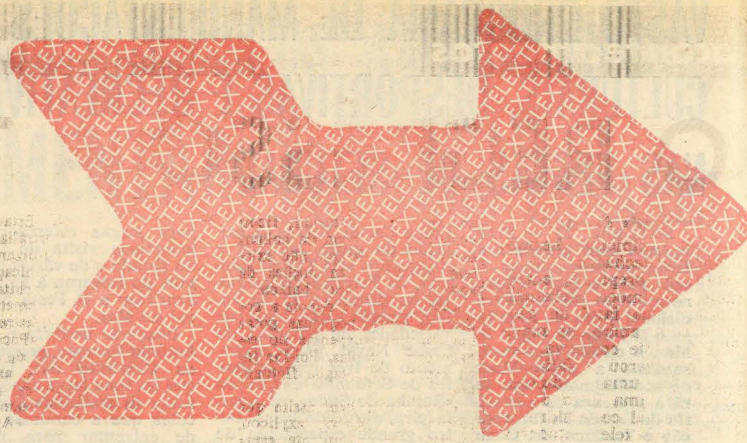
A velocidade inicial das revoluções do novo satélite é de 11 horas e 51 minutos. A inclinação da sua órbita em relação ao plano do Equador é de 64,9 graus.

A aparelhagem colocada a bordo do «Molnia-1» funciona normalmente. As sessões de ligação com o novo satélite efectuar-se-ão de acordo com o programa pré-estabelecido, esclarece ainda a «Tass». — (F. P.)

● Satélite americano

CABO KENNEDY, 23 — Devido a dificuldades técnicas, foi adiado para as 15 horas (em Lisboa) de hoje, o lançamento do satélite de comunicações «Intelsat-3», que devia ter sido lançado esta madrugada às 3 horas (22 horas locais de terça-feira).

Parece, segundo os técnicos do Cabo, que um filtro defeituoso provocou uma fuga de combustível no segundo andar do foguetão portador do engenho. — (F. P.)



EM 1972: ESTAÇÃO ESPACIAL TRIPULADA

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 23 — Os Estados Unidos lançarão em 1972 a sua primeira estação espacial tripulada, encarregada de efectuar trabalhos científicos em órbita terrestre, anunciou a Agência Americana do Espaço.

A missão deste verdadeiro «Laboratório do Espaço», precisa a N. A. S. A., será estudar o Sol e as estrelas em condições ideais de observação, ou seja, acima da atmosfera terrestre. Esta perturba consideravelmente os trabalhos efectuados no solo pelos astrónomos, com vista a estabelecer, por exemplo, a idade das estrelas.

O processo tentado pela N. A. S. A. para a instalação em órbita da estação espacial prevê as seguintes fases:

1—Os dois primeiros andares de um foguetão «Saturno-3» porão, em órbita circular, a 400 quilómetros de altitude, um terceiro andar portador de um «laboratório orbital» chamado «Apolo Telescope Mount» (A. T. M.).

O laboratório será instalado na parte do terceiro andar do foguetão onde se encontra, normalmente, o reservatório de hidrogénio líquido. Este reservatório, com uma capacidade superior a 280 metros cúbicos, será dividido em dois sectores: um acondicionará o laboratório-observatório propriamente dito e o outro ficará reservado às instalações dos «cosmoastrónomos». O telescópio será montado na frente do engenho, no sentido da direcção orbital.

2—Um dia depois, uma cabina espacial ocupada por uma tripulação de três pessoas será posta em órbita

por um foguetão «Saturno-1-B».

3—Depois do encontro com o laboratório, a cabina juntar-se-á com o A. T. M. e os três homens ocupá-lo-ão durante 28 dias.

Seguidamente, acrescenta a N. A. S. A., novas equipas poderão substituir os primeiros «cosmoastrónomos». A duração das suas missões no espaço poderá ir até 56 dias.

A tarefa dos astrónomos do espaço será, essencialmente, medir os raios «X» e ultravioletas que não podem penetrar na atmosfera terrestre, observar o Sol e as estrelas ao telescópio e tirar fotografias do Sol. Durante a sua missão estarão permanentemente em contacto pela Rádio com uma equipa de cientistas no centro de «controle» terrestre.

A N. A. S. A. tinha previsto, primeiro, enviar para o espaço, em 1971, o segundo andar inerte de um foguetão «Saturno-1-B», com uma estação ocupada por astronautas encarregados de efectuar experiências científicas. Renunciou, agora, a esse

HAVERÁ VIDA LUNAR?

HOUSTON, 23 — Vão ser postos em contacto com as amostras do solo lunar ratos brancos, codornizes, pequenos peixes, ostras e baratas para verificar a existência de germes lunares.

As perguntas para as quais os cientistas procuram resposta são:

Haverá vida na Lua, mesmo microscópica como a dos vírus terrestres?

Em caso afirmativo será como a vida primitiva na Terra?

Poderá contaminar a Terra com estranhas doenças lunares incuráveis no homem?

Os cientistas sublinham que o meio lunar, sem água e sem atmosfera é pouco provável que possa abrigar organismos vivos, pelo menos segundo a definição de vida existente na Terra.

Estas experiências com animais farão parte dos trabalhos executados no mais moderno laboratório científico dos nossos tempos, o Laboratório de Recuperação Lunar, edifício de cerca de 3 milhões de dólares situado nos terrenos do Centro Espacial desta cidade.

Os geólogos estudarão as rochas lunares retiradas do Mar da Tranquilidade por Armstrong e Aldrin, para determinar se são semelhantes às rochas do nosso planeta.

As amostras poderão ser a chave da história da Lua, que, na opinião de alguns cientistas fez parte da Terra e foi expulsa no Espaço. Segundo outra teoria, a Lua foi formada independentemente e tornou-se um satélite terrestre ao entrar no campo de gravidade da Terra. — (R.)

acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais

O REGRESSO À TERRA

(Continuação da pág. 1)

das em recipientes herméticamente fechados.

Aldrin preparou, entretanto, o almoço. Deixando flutuar uma fatia de pão, abriu com ambas as mãos uma lata de conserva. Depois recuperou a fatia de pão e fez uma sanduiche. Seguiu-se uma lição de física espacial com Aldrin a explicar aos telespectadores o princípio do giroscópio. Pegando numa lata de conserva redonda, imprimiu-lhe um movimento de rotação vertical, ficando assim a girar nas condições de imponderabilidade. O cosmonauta demonstrou, seguidamente, que fazendo com a ponta do dedo uma ligeira pressão numa extremidade da lata, esta inclinava-se sobre o seu eixo na direcção oposta, continuando o seu movimento de rotação.

«Mas não é bem assim que costumamos beber», explicou, mostrando o recipiente especial, de jacto comprimido, de que os astronautas se servem para injectarem directamente água na boca.

O final da emissão foi dedicado à Terra, que surgiu nos pequenos «ecrãs» com uma cor azulada, em parte mergulhada na noite e ainda de pequenas dimensões, à distância em que se encontrava naquele momento.

«Onde quer que nos encontremos de viagem — disse Armstrong a concluir a sessão — é sempre um prazer regressar a nossa casa».

A qualidade da emissão foi excelente.

A reportagem televisonada foi assegurada graças a cinco estações de retransmissão no

projecto para o substituir por aquele de que apresentou as grandes linhas. Pensa que a nova versão oferece numerosas vantagens em relação à anterior por que «simplifica», aumentado-as, as possibilidades de uma missão científica no espaço. — (F. P.)

CINCO ESTAÇÕES DE RETRANSMISSÃO

Por fim, Michael Collins mostrou uma pequena colher com água. Voltou-a, e a água,

Mundo — duas nos Estados Unidos, duas na Austrália e uma na Europa — utilizando três satélites de comunicação que se encontram em órbita a cerca de 35 mil quilómetros acima do equador terrestre.

Um dos satélites, «Pacific Intelsat 3», e a estação de Jamesburgh, na Califórnia, asseguram as comunicações nos dois sentidos, simultaneamente, entre a Terra e a «Apolo-11».

A C. O. M. S. A. T. informou que, desde o dia do lançamento, em 1 de Julho, foram transmitidos 132 programas da «Apolo-11».

O dia fora, entretanto, de descanso para a tripulação do «Columbia». Após 10 horas de sono, os astronautas efectuaram uma correcção perfeita a meio da rota, que acertou apropriadamente o caminho da sua nave para o ângulo exacto de reentrada.

Durante um período de 40 minutos foi perdido o contacto pela rádio entre o Centro de Comando e a «Apolo-11», mas funcionários tinham sublinhado, antes, que isso aconteceria algumas vezes com a nave devido ao alinhamento de uma antena e que não era considerado um problema.

A conversa entre Terra e a nave espacial manteve-se no mínimo durante todo o dia, visto os tripulantes, normalmente taciturnos, e o Centro de Comando pouco terem para dizer.

Cá em baixo verificou-se, entretanto, uma tempestade tropical a trezentas milhas do ponto onde a «Apolo-11» deve amarar — 1040 milhas a sudeste de Honolulu — no Pacífico, mas os meteorólogos prevêem condições «aceitáveis» para o momento da descida, às 16 horas e 51 minutos TMG de quinta-feira (17 e 51 em Lisboa). — (ANI, F. P. e R.)

PROGRAMA DO VOO «APOLO»

HOUSTON, 23 — O horário da «Apolo-11» para hoje e amanhã, baseado no plano de voo da N. A. S. A. (e sujeito a qualquer revisão), é o seguinte:

HOJE, às 16 e 32 (em Lisboa) — Os astronautas acordam. 18 e 37 — Oportunidade para a correcção da rota se necessária.

AMANHA, às 00 e 02 — Última emissão de TV a cores, que deve durar 15 minutos. 03 e 32 — A tripulação começa um período de 7 horas de descanso. 11 e 32 — A tripulação é acordada, preparando-se para reentrar na atmosfera terrestre. 14 e 37 — Última oportunidade para correcção da rota, se necessária, para que a reentrada na atmosfera se faça pelo «corredor» que permita a manobra com segurança. A «Apolo» estará então a cerca de 45 600 quilómetros da Terra. 17 e 20 — A nave de comando separa-se do módulo de serviço, que contém o motor principal, e segue sozinho para Terra, entrando na atmosfera, sobre o sul do Oceano Pacífico, dezasseis minutos depois. 17 e 51 — Descida no Pacífico, a sudeste do Havaí, 19 e 10 — Os astronautas chegam a bordo do porta-aviões norte-americano «Hornet», onde são recebidos pelo presidente Nixon. — (A. N. I.)

«O HOMEM NA LUA»

—comentário da «Pravda»

MOSCOVO, 23 — «Os primeiros passos dados pelo homem na superfície lunar inscrevem-se nos anais do século XX como um acontecimento maravilhoso», escreve o professor e membro da Academia de Ciências da U. R. S. S., Leonidas Sedov, num artigo intitulado «O Homem na Lua», publicado pelo jornal «Pravda».

O dr. Sedov, que está estritamente associado à exploração espacial soviética, iguala o alcance histórico do acontecimento com o lançamento do primeiro satélite espacial, o primeiro voo espacial do homem, a primeira saída de um homem para o espaço e os lançamentos de estações automáticas para a Lua, Vénus e Marte. Recorda, depois, os progressos feitos no domínio da tecnologia dos foguetões, «A perfeição estupefactiva, e a segurança dos sistemas de «controle» automáticos, da teleorientação à distância» para dizer que «as perspectivas das viagens interplanetárias se delineiam já claramente». Para o prof. Sedov «o elevado nível do desenvolvimento científico atinge, graças aos voos espaciais, um alcance importante para o conjunto da técnica moderna». Os especialistas soviéticos estão persuadidos de que o desenvolvimento da sociedade hu-

mana e da vida internacional será estreitamente associado à ciência e devemos com justa razão esperar que essa associação será benéfica e da vida internacional será estreitamente associado à ciência e devemos com justa razão esperar que essa associação será benéfica.

Passando em seguida aos voos «automáticos» e aos «voos habitantes», o prof. Sedov declara que «as estações laboratoriais automáticas e as naves com cosmonautas a bordo desempenham um papel essencial na conquista espacial. As observações feitas pelo homem e as sensações deste não podem ser totalmente substituídas pelos sistemas automáticos, visto certos fenômenos serem inesperados, não se podendo portanto prever. Mas não põe em dúvida que todo o voo «habitado» deve ser precedido pelo voo do engenho automático, este desempenhando o papel de um autómato de reconhecimento. Além do que os engenhos automáticos apresentam a vantagem da simplicidade, da segurança e da economia de dinheiro».

«O programa das investigações espaciais soviéticas é muito extenso» — conclui o prof. Sedov. «A exploração espacial soviética continuará a ser orientada em várias direcções, incluindo os voos habitados. E termina: «O povo soviético saudável e feliz a tripulação desse voo (o de «Apolo-11») eminente e significativo». — (F. P.)

Colecção HORIZONTE

1—GEOGRAFIA DA PENINSULA IBÉRICA
Michel Drain

2—O SOCIALISMO E O FUTURO DA PENINSULA
Vitorino Magalhães Godinho

CADA VOLUME 25\$00

LIVROS HORIZONTE
Rua da Madalena, 211-3.º * LISBOA

OS CIENTISTAS DESAPONTADOS

HOUSTON, 23 — Funcionários da Agência do Espaço revelaram, a noite passada, que

o sismógrafo, deixado na Lua pelos astronautas da «Apolo-11», registara várias actividades sísmicas desde que os exploradores lunares partiram.

São desconhecidas, até agora, as causas dos sismos.

Contudo, o sismógrafo, que funcionava ontem bem, dentro em breve deixará de trabalhar — disseram os mesmos funcionários. O isolamento que protege o equipamento electrónico não estava aparentemente a desempenhar adequadamente o seu papel.

Declaram pensar que a descolagem dos astronautas tinha danificado a camada exterior do equipamento. Como resultado disso as temperaturas no sismógrafo aumentaram firmemente.

Um dos funcionários disse duvidar que o sismógrafo durasse além do meio-dia lunar de sábado, quando se espera que as temperaturas na superfície da Lua subam para 101,6 graus centígrados.

NENHUNS SINAIS DA «LUNA-15»

Por outro lado, o sismómetro ultra-sensível colocado por Armstrong na Lua não registou a chegada da sonda espacial soviética «Luna-15» ao «Mar das Crises», declarou, numa conferência de imprensa, Clifford Charlesworth, chefe de equipa do Centro de «Controle» de Houston.

Os cientistas americanos não estão particularmente surpreendidos com este facto, uma vez que a sonda soviética se despenhou a cerca de 800 quilómetros da «Base Tranquilidade». — (R. e F. P.)



A ALEGRIA DOS RESPONSÁVEIS — Depois do lançamento do foguetão «Saturno-5», que transporta a cápsula «Apolo-11» para a Lua, os responsáveis pela maior conquista científica e tecnológica do século não escondem a sua alegria. Da esquerda para a direita: dr. Charles W. Mathews, administrador-adjunto dos voos espaciais; dr. Werner Von Braun, «pai dos foguetões»; dr. Georges Müller, administrador-adjunto dos voos espaciais, e general Phillips, director do programa «Apolo». Em primeiro plano, vê-se McDivitt, comandante da «Apolo-9»

acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais

FIM DA ERA DOS KENNEDY?

WASHINGTON, 23 — (Por Jean Lagrange, da A. F. P.) — O último herdeiro dos Kennedy foi por sua vez vítima do destino que, desde a guerra, parece enfiar-se contra uma família a quem tudo parecia sorrir. Depois do drama de Martha's Vineyard o seu nome poderá não voltar a figurar no primeiro plano da política dos Estados Unidos.

«Fim da era dos Kennedy» — declara um célebre comentador de televisão, simpaticamente do jovem senador de Massachusetts. «Tragédia nacional» — escreve o correspondente político de um jornal nova-iorquino que nunca escondeu a sua oposição aos Kennedy. «Só resta a Ted um papel de segundo plano» — afirma outro observador.

Tais são, colhidas ao acaso, algumas das reacções políticas que começam a exprimir-se, quatro dias depois do acidente de automóvel, após o qual o senador Kennedy foi acusado do delito de fuga, tendo a jovem que o acompanhava sido encontrada morta, afogada, no automóvel submerso.

UMA CARREIRA COMPROMETIDA

Depois de sábado, data do drama de Martha's Vineyard, houve os passos do homem na Lua, que ocuparam os espíritos dos americanos. Agora que os três astronautas regressam à Terra, volta a pensar-se no caso, que o funeral da vítima fez renascer um tanto.

E certo que se a «Apolo-11» não se tivesse aproximado do seu objectivo no sábado passado, os títulos que a imprensa concedeu a anunciar o êxito e as horas de televisão que relataram o feito teriam sido substituídos por manchetes e emissões relatando o triste caso em que o senador Edward Kennedy está implicado.

Não são as palavras encorajadoras do senador Mike Mansfield, o «leader» democrata, a respeito do homem que se tornou no seu activo adjunto no Senado, que bastarão para impedir de se pensar que a carreira

política de Ted Kennedy está seriamente comprometida.

Depois do assassinio do presidente John Kennedy, o irmão mais novo foi eleito para o Senado pelo Massachusetts. Depois da morte de Robert Kennedy, que tinha empunhado o facho da família, Teddy tornou-se o herdeiro político do nome. O elogio que fez de «Bobby» na catedral de St. Patrick, durante o funeral do senador de Nova York, revelou um homem sério e ponderado, signo do seu próprio relevo.

A convenção democrata de Chicago, em Agosto passado, tinha demonstrado que o futuro político lhe estava aberto e que uma só palavra da sua parte podia pôr em movimento a magia de um nome célebre. Mas ainda não tinha chegado a hora de Ted Kennedy. Não tinha revelado as suas ambições para 1972, embora uma forte pressão se exercesse sobre ele para tentar a sua sorte nas próximas eleições presidenciais.

A POLITICA NÃO ESQUECERA

O caso de Martha's Vineyard parece, em todo o caso, comprometer gravemente a esperança de o Partido Democrata escolher, na convenção de 1972, um homem que agora se tornou vulnerável. O «dossier» vai ser constituído e poderá «servir em qualquer altura» se um dia, em 1972 ou mesmo 1976, Edward Kennedy pensasse que tudo estava esquecido e pretendesse entrar na Casa Branca.

Era a esperança do Partido Democrata que via ne-

le não só o homem capaz de movimentar as massas mas também, mais do que os irmãos, um parlamentar competente e reflectido.

Poder-se-ão confiar as redes do Estado a um homem que durante nove horas se absteve de avisar a Polícia de um acidente que sofreu e que provocou uma vítima? Falta de sangue-frio ou perda de «contrôle»? Um presidente dos Estados Unidos deve ter ambas as coisas. E isso, mais do que o lado ainda misterioso do caso, que a política não esquecerá. — (F. P.)



EDWARD KENNEDY

A QUEIXA DA ZÂMBIA CONTRA PORTUGAL

NAÇÕES UNIDAS, 23 — A Tanzânia, a Somália e a Hungria pediram a noite passada ao Conselho de Segurança da O. N. U. para condenar as incursões portuguesas na Zâmbia, partindo de Moçambique e de Angola, quando o organismo mundial prosseguiu com o debate acerca da queixa da Zâmbia, segundo a qual Portugal cometera «agressão». — (R.)

FRANCO CONTINUA NO PODER

(Continuação da pág. 1)

lona; Manuel Maria Escudero y Rueda, de San Sebastian; Baldomero Garcia Garcia, de Jerez de la Frontera (Cadiz); Rafael Garcia Valino y Marcent, de Madrid; Auxilio Goni Donazar, de Pamplona; Juan Pablo Martinez de Salinas y Biader, de Barcelona; Juan Marrero Portugues, de Las Palmas (Canárias); Rafael Merino Garcia, de Málaga; José Navarro Lopez, de Valência; Manuel Pizarra Indart, de Teruel; José Manuel Sierra Haya, de Barcelona; Agatangelo Soler Llorca, de Alicante; Eduardo Tarragona Corbella, de Barcelona; José Angel Zubiauer Alegre, de Pamplona.

Entretanto, a única reacção registada nas ruas desta capital após a designação, nas cortes, do príncipe Juan Carlos como futuro rei de Espanha consistiu em duas manifestações republicanas, reunindo, cada uma, mais de uma centena de jovens.

Os manifestantes, que se reuniram nos bairros populares de Vallecas e «Qua-

tro Caminos», lançaram «slogans» hostis à monarquia e agitaram bandeiras republicanas.

Os dois grupos dispersaram espontaneamente e a Polícia não chegou a intervir.

JURAMENTO DE FIDELIDADE

D. Juan Carlos de Bourbon presta hoje, nas Cortes, perante o ministro da Justiça, Antonio Oriol, juramento de fidelidade às leis fundamentais do Reino.

O herdeiro do trono espanhol, que passa a usar o título de Príncipe de Espanha com tratamento de Alteza Real, fará a seguir o seu primeiro discurso político.

D. Juan Carlos será informado, oficialmente, esta manhã, por uma comissão das Cortes chefiada pelo presidente da Assembleia, Antonio Iturmendi, do resultado da votação de ontem.

O príncipe, um jovem atlético de cabelos louros,

assinará uma declaração de aceitação.

Num drama de família, por detrás dos bastidores, o príncipe informou já o pai, o pretendente D. Juan de Bourbon, que julga que este passo é necessário para salvar a monarquia em Espanha.

D. Juan, de 56 anos, em desacordo com Franco, nunca renunciou às suas pretensões dinásticas ao trono, como filho dilecto do falecido rei Afonso XIII, o último rei de Espanha, que abondonou o trono em 1931.

Após fazer a sua aceitação formal, o príncipe irá às 18 horas T.M.G., às Cortes, para prestar juramento como sucessor: na presença do generalíssimo Franco, pronunciará, também, um discurso.

Será uma dura prova para o jovem príncipe, pois há pouco entusiasmo em Espanha pela Monarquia.

O príncipe jura fidelidade ao generalíssimo Franco, aos princípios do Movimento Nacional do «caudillo» e à Constituição.

Franco festeja o seu 77.º aniversário natalício em Dezembro próximo.

A noite passada, a sua voz revelou emoção quando propôs aos deputados que o príncipe o substitua quando falecer ou quando ficar incapacitado — «quando por lei natural termine a minha chefia sobre vós, o que deve ocorrer inexoravelmente».

Uma lei de sucessão votada pelas cortes explica como o príncipe Juan Carlos deve ser proclamado rei dentro de oito dias, após Franco falecer ou abandonar o poder.

INSTAURAÇÃO NÃO É RESTAURAÇÃO

«Trata-se duma instauração e não duma restauração» — salientou o generalíssimo Franco na mensagem que dirigiu ontem.

O «caudillo» lembrou que, «segundo o artigo sexto da Lei de Sucessão, podia propor às Cortes a nomeação do seu sucessor na condição de este pertencer à linha real, ser espanhol, do sexo masculino, maior de trinta anos, católico, ser apto para desempenhar a sua alta missão e prestar juramento de fidelidade às leis fundamentais e aos princípios do movimento nacional».

«Críamos», prosseguiu o ge-

neralíssimo Franco, «um verdadeiro estado de direito que a continuidade histórica e espírito moderno, inspirado pelas ideias de justiça social».

«Não se pode dizer hoje que as monarquias são apañado dos povos conservadores, vendo os progressos sociais que registaram as monarquias do Norte da Europa. Mas não devemos procurar exemplos no exterior: a Monarquia dos reis



FRANCO

católicos — Fernando e Isabel — é um exemplo permanente da sua popularidade e da defesa constante dos direitos sociais do nosso povo.»

O generalíssimo Franco concluiu salientando que a sua proposta de ser eleito como seu sucessor o príncipe Juan Carlos visava «garantir a continuidade do regime numa Monarquia do Movimento Nacional, que será a continuadora permanente dos seus princípios, das suas instituições e da tradição gloriosa da Espanha».

O generalíssimo Franco deixou bem patente que não deseja restaurar a Monarquia espanhola, mas perpetuar o seu regime através da instituição monárquica. «Trata-se de uma instauração e não de uma restauração», afirmou vigorosamente na sua mensagem aos deputados, que imediatamente se ergueram em bloco e aplaudiram demoradamente.

Ao designar Juan Carlos como príncipe de Espanha, em vez de lhe atribuir o título tradicional de príncipe das Astúrias, Franco quis marcar ainda a diversidade da nova Monarquia. Por outro lado, ardeou totalmente a hipótese de uma «retirada» sua, pois menciona ocupar a chefia do Estado «até que a lei natural» de tal o impeça. — (R., F. P. e ANI)

SANÇÕES DA O. E. A. CONTRA SÃO SALVADOR

WASHINGTON, 23 — O Conselho da Organização dos Estados Americanos, reunido em organismo consultivo provisório, decidiu a noite passada, durante uma sessão à porta fechada, convocar uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros para Washington, no fim da semana, a fim de determinar as sanções a aplicar a S. Salvador devido à sua recusa de retirar as tropas das Honduras.

Esta decisão foi tomada pouco depois de expirar o prazo fixado pela O. E. A. para a retirada dessas forças. O prazo terminava às 5 horas (de Lisboa) de hoje. — (F. P.)

NOVIDADES

Dom Quixote

VINIcius DE MORAES
O Poeta Apresenta o Poeta
2ª edição — CADERNOS DE POESIA

Cinema Americano (1960-1968)
textos de Gideon Bachman, Marcel Martin e outros
CADERNOS DE CINEMA - 6

PAUL ÉLUARD
Algumas das Palavras
antologia — CADERNOS DE POESIA

Médio Oriente - Solução Impossível?
CADERNOS D. QUIXOTE - 16

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

PROGRAMA DOS CINEMAS

ALVALADE — Tel. 763080 — As 15.45 e 21.45 — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «**Esta noite não!**», com Karen Blanguernon e Frederic de Pasquale.

EDEN — Tel. 320768 — As 15.15, 18.30 e 21.45 — Adultos — Um milhão de dólares no banco... Uma dúzia de garotas nos braços... — «**Amar nas horas vagas**», com James Coburn, Camilla Sparv e Aldo Ray.

ESTÚDIO — Tel. 555134 — As 15.30, 18.30 e 21.45 — M/ 12 anos — Technicolor — O extraordinário filme de Walt Disney — «**O deserto maravilhoso**».

EUROPA — Tel. 661016 — As 15.15 e 21.30 — 70^m/m — Technicolor — M/ 12 anos — Natálie Wood, Tony Curtis e Jack Lemmon em «**A grande corrida à volta do mundo**».

IMPERIO — Tel. 555134 — Estreia, às 21.30 — Adultos — Veja anúncio especial — Michael York e Jeremy Kemp num filme de David Green — «**O caso Strange**». — As 15.15 — Adultos — Última exibição — «**Doce Novembro**».

MONUMENTAL — Tel. 555132 — As 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — 2.ª semana — «**Spartacus**» — Espectacular obra de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas, Laurence Olivier e Jeans Simons.

SAO LUIZ — Tel. 327172 — As 15.15, 18.15 e 21.30 — Adultos — Um filme de Dick Sanders — «**Esta noite não!**», com Karen Blanguernon e Frederic de Pasquale.

CINEARTE — Tel. 660446 — As 15.00 e 21.00 — Adultos — «**Com a pedra no sapato**» — Uma comédia colorida, com Rex Harrison e Rosemary Harris. — Em complemento: «**Rio Conchos**».

Telefs. 5 41 53 e 5 41 54
SAO JORGE
 Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.30 (ADULTOS)
O PERIGO VEM DAS MULHERES
 com Richard Johnson, Daliah Lavi e Beba Loncar
 Como homenagem ao ciclista Joaquim Agostinho e pela sua flagrante oportunidade, volta ao «ecran» deste cinema a sensacional reportagem de Claude Lélouch sobre a Volta à França POR UMA CAMISOLA AMARELA

Telef. 79 15 74
 As 21.30 (M. 12 anos)
LUMIAR
 AR CONDICIONADO PARQUE PRIVATIVO
SUA EXCELENCIA
 CANTINFAS, MÁRIO MORENO
 ÉPOCA DE VERÃO PREÇOS REDUZIDOS

Telef. 53 87 43
 As 21.45 (M. 12 anos)
SENSACIONAL REPOSIÇÃO!
MUNDIAL
 NOITE DE VIOLÊNCIA
 As 15.15 e 18.15 (Adultos)
 ÚLTIMAS EXIBIÇÕES DE PSICO
 Metro: Picoas AR CONDICIONADO

As 15.15, 18.30 e 21.45 (ADULTOS)
 Telef. 72 08 08
VOX
 ÚLTIMO DIA
 Uma excitante aventura cem por cento original
OS PROTAGONISTAS
 com Silva Koscina, Jean Sorel, Gabriele Ferzetti e Lou Castel

Telef. 5 05 95
 As 3 e 6.15 da tarde (pr. red.) e 9.30 da noite (ADULTOS)
TIVOLI
 Um espectáculo maravilhoso de acção e aventuras!
 com John Wayne, Ernie Kovacs, Stewart Granger e Capucine
A TERRA DAS MIL AVENTURAS

As 21.30 (ADULTOS)
LIDO
 AMADORA
 Um filme que é vida... é amor... é juventude!
FANNY
 com Leslie Caron, Charles Boyer e Maurice Chevalier

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
 As 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)
CONDES
 O grande espectáculo de férias! Os Reis do Riso no seu melhor
O MELHOR DE BUCHA E ESTICA
 As 21.30 (M. 12 anos)
 A obra-prima de Stanley Kubrick — A maior aventura da história da Humanidade
 2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO 70 m/m

As 17.00 e 21.30 (ADULTOS)
 TELEFONE: 26 07 29
CASINO ESTORIL
A BORBOLETA VERMELHA
 (I Love You, Alice B. Toklas)
 O retrato, humoristicamente satirizado, da sociedade conformista dos nossos dias
 com Peter Sellers, Leigh Young Taylor e Jo Van Fleet

OUTROS ESPECTÁCULOS

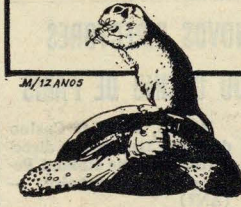
TEATROS
VASCO SANTANA — 21.45 — «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
MONUMENTAL — 20.45 e 23.00 — «Ri-te, ri-te» (17 anos).
ESTUFA FRIA — 21.30 — «O inseparável» (17 anos).
CINEMAS
LYS — 15.00 e 21.00 — «No Sul do Pacífico» (12 anos).

TEATRO
MONUMENTAL
 Telef. 55 51 33
 HOJE, às 20.45 e 23 horas
VASCO MORGADO
 apresenta a 1.ª revista dos PARODIANTES DE LISBOA
RI-TE, RI-TE
 com Camilo, Florbela, Octávio de Matos, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Alice Carla, Mariília Gama e as atracções Luis Guilherme, a orquestra Hy Kdoy e Paula Ribas
 UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL
 Direcção de Paulo Renato (Para Adultos)
 Domingos, à tarde, às 16 horas 2.ª-f.ª, descanso da Companhia

FABULOSO! EXCITANTE! DIFERENTE! AUTÉNTICO!



WALT DISNEY
O DESERTO MARAVILHOSO
 (THE LIVING DESERT)

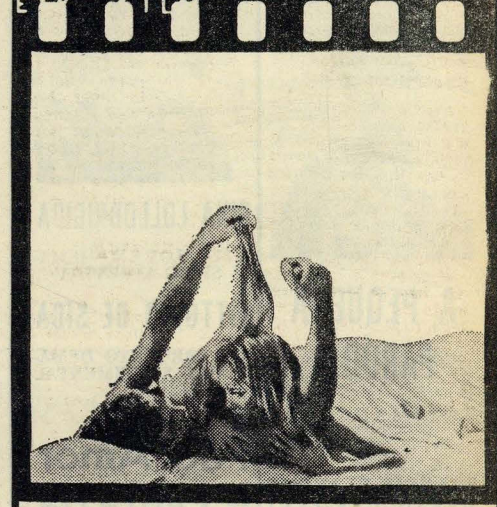


TECHNICOLOR
 PREMIADO PELA ACADEMIA AMERICANA
 Real. de JAMES ALGAR • Excl. S.F.

2.ª SEMANA NO
estudio
 SESSÕES
 às 15.15, 18.30 e 21.45 horas

PARIS — 15.00 e 21.00 — «A roleta da morte» (12 anos).
JARDIM — 15.00 e 21.00 — «As duas órfãs» (12 anos).
IMPERIAL — 15.30 e 21.00 — «O sargento Rykers» (12 anos).
OLIMPIA — 14.00 e 19.00 — «Paris já está a arder?» (12 anos).
ARCO-IRIS — 15.00 e 21.00 — «Rommel, a raposa do deserto» (17 anos).
IDEAL — 15.15 e 21.00 — «Johnny Guitars» (17 anos).
PROMOTORA — 15.00 e 21.00 — «O regresso dos sete magníficos» (17 anos).
ORIENTE — 21.00 — «Arabesco» (12 anos).
SALAO LISBOA — 15.00 e 21.00 — «Desafio a Robin dos Bosques» (12 anos).
UNIVERSAL — 21.00 — «Mudar de vida» (17 anos).

Ela era jovem, bela e perversa... mas ele acreditava que o seu amor redimiria todos os pecados do mundo!
MICHAEL YORK • JEREMY KEMP
 em **O caso strange**
—The Strange affair—



Argumento de **STANLEY MANN** produtor
 com **SUSAN GEORGE**, **JACK WATSON**, **NIGEL DAVENPORT**
MANN • HOWARD HARRISON • DAVID GREENE
Technicolor ADULTOS UM FILME PARAMOUNT
 Uma produção **HOWARD HARRISON** e **STANLEY MANN**
HOJE AS 21.30 estreia no **IMPERIO**

Telef. 32 62 83
 Hoje, às 21.30 (M. 12 anos)
EASTMANCOLOR
ODEON
 NOTAVEL REPOSIÇÃO DO FILME PORTUGUÊS
O CANTOR E A BAILARINA
 Realização de Armando Miranda com Domingos Marques, Nancy Rimaldi, Zeloni, Ballet de Fernando Lima e outras atracções Admiráveis canções e bailados

Telef. 77 90 95
 As 18.30 e 21.45 (ADULTOS)
ESTÚDIO 444
 UM POEMA DE GRAÇA E DE IMAGENS!
O CASAMENTO
 (Le Mariage ou Mazel Tov) com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
 Ar condicionado

Telef. 32 63 05
 As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (COL.) (M. 12 anos)
POLITEAMA
 EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES o filme de acção explosiva
COMISSÁRIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS
 com Tony Kendall e Brad Harris

Telef. 4 71 63
 As 21.45 (M. 12 anos)
AVIS
 ESTREIA
 Divertida comédia musical!
A PEQUENA PARÓDIA
 com RITA PAVONE
EASTMANCOLOR
 Ar condicionado

Telef. 61 03 75
 As 21.30 (ADULTOS)
RESTELO
 Um dos melhores filmes de «suspense» de todos os tempos premiado com um «oscar» da Academia — Uma notável realização de Roman Polansky EM TECHNICOLOR
A SEMENTE DO DIABO
 c/ Mia Farrow, John Cassavets e Ruth Gordon
 Esta casa beneficia do tratamento higiénico Sanitized

Telef. 72 77 78
 As 21.45 (ADULTOS)
ROMA
 Um filme que todos desejaram recordar!
PÃO, AMOR E FANTASIA
 com Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
 AR CONDICIONADO

O PARQUE DE RECREIO QUE LISBOA NÃO DISPENSA A FEIRA POPULAR de LISBOA
 A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
 A TODOS OS MOMENTOS SE DEPARAM MOTIVOS DE INTERESSE AOS OLHOS DAQUELES QUE VISITAM O PARQUE DE ENTRECAMPOS
TODOS OS REQUISITOS DE CONFORTO AO AR LIVRE
 «STANDS» DE EXPOSIÇÕES * DIVERTIMENTOS DE TODOS OS GÊNEROS * RESTAURANTES RETIROS * SORTEIOS, etc.
 ABERTURA AS 19 HORAS
 Habilite-se ao sorteio de uma **MOTORIZADA CASAL** oferta da **METALURGIA CASAL**, de Aveiro

**«O INSEPARÁVEL»
CONTINUA
NA ESTUFA FRIA**

Até à próxima terça-feira, continuam, na Estufa Fria, pela Companhia de Teatro Popular, as representações da peça em 3 actos «O Inseparável», para maiores de 17 anos, original de Agustina Bessa Luís. A distribuição gratuita de bilhetes faz-se para o espectáculo de cada noite e para o da seguinte, das 18 às 20 horas, nos Restauradores, e a partir das 21 e 15, à entrada daquele recinto.

A MÚSICA

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES DE CANTO CORAL

Continua a decorrer com muito interesse o Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Canto Coral, ao qual nos referimos oportunamente, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, e no qual se encontram inscritos cerca de 280 professores dos liceus, escolas técnicas e preparatórias do ensino secundário oficial,

bem como de estabelecimentos de ensino particular.

O curso é ministrado no auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa (ao Campo Grande) e compreende oito horas de aulas diárias, funcionando na parte da tarde dividido de três a cinco turmas simultâneas.

O plano do curso inclui duas disciplinas de frequência obrigatória (Educação e Didáctica Musical, pelos profs. Edgar Willems, José Aquino e Raquel Simões, e Direcção Coral, pelos profs. Michel Corboz, Pierre Salzman, José Aquino e Vítor Marques Dinis), e duas disciplinas de frequência facultativa (Introdução à Iniciação Pianística e Violinística, pelo prof. Jacques Chapuis, e Flauta de Bissel, pelas professoras Graziela Cintra Gomes e Maria Adriana Latino).

BANDA DA G. N. R.

Amanhã, às 21 e 45, nas ruínas do Convento do Carmo, prossegue a série de concertos que a banda de música da G. N. R., sob a direcção do capitão Silva Dionísio, ali está a dar.

MARCHAS POPULARES

Exibem-se no dia 26, às 22 horas, no Estoril, no pavilhão da Escola Salesiana, as marchas populares da Charneca, da Amoreira e de S. João do Estoril, que, além das suas músicas próprias, apresentarão a «Marcha do Estoril — 1969», com música de Frederico Valério e letra de Ferreira de Andrade. Há a assinalar a prestimosa colaboração do Rancho Coreográfico de Cascais, que se apresentará em vários números do seu repertório. No final do espectáculo, o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol distribuirá taças às marchas e medalhas a todos os componentes. Também os estandartes receberão galardões alusivos às festas populares deste ano. Os ensaladores receberão placas comemorativas a premiar o seu esforço e dedicação.

NOVOS DIRECTORES DO CASINO DE PARIS

PARIS, 23 — O Casino de Paris tem novos directores. São eles Roland Petit e Zizi Jeanmaire. — (ANI)

NOVOS PRÉMIOS PARA «A SEMENTE DO DIABO» E «ROMEU E JULIETA»

Dois filmes Paramount (Romeo and Juliet) receberam dois «Oscars» — um «Oscar» da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas durante o seu 41.º Festival Anual. Ruth Gordon foi distinguida com o Prémio da Academia como «melhor actriz secundária» pela sua interpretação no filme de William Castle e Roman Polanski intitulado «A Semente do Diabo» (Rosemary's Baby).

A produção Franco Zeffirelli de «Romeu e Julieta»

(Romeo and Juliet) recebeu dois «Oscars» — um pela «melhor cinematografia», outro pelo «melhor guarda-roupa». Ambas as películas já foram estreadas em Portugal.

CINECLUBE IMAGEM

No prosseguimento do ciclo sobre «A Sátira», referente ao mês de Julho, o Cineclube Imagem promove mais uma sessão, amanhã, pelas 18 e 40, no Jardim Cinema, com o filme de Luigi Zampa, «O Herói da Cidade».

Podem admitir-se novos sócios à entrada da sessão.

TALMA FILMES apresenta

UMA GUERRA CONTRA A GUERRA!

RITA PAVONE

LANÇA UM GRITO ESTRIDENTE A GUERRA... COM MÚSICA E CANÇÕES NUMA DIVERTIDA COMÉDIA!



A PEQUENA PARÓDIA

EASTMANCOLOR

com

FRANCIS BLANCHE MARIO GIROTTI

ESTREIA

HOJE, às 21.45



(M/ 12 anos)

UMA COMÉDIA OPTIMISTA E DIVERTIDÍSSIMA!



GINA LOLLOBRIGIDA

UMA JOVEM DEMASIADO ATREVIDA

VITTORIO DE SICA

UM SARGENTO DEMASIADO SENTIMENTAL

em

Pão, Amor e Fantazia

UM FILME QUE TODOS DESEJARAM RECORDAR

HOJE, às 21.45

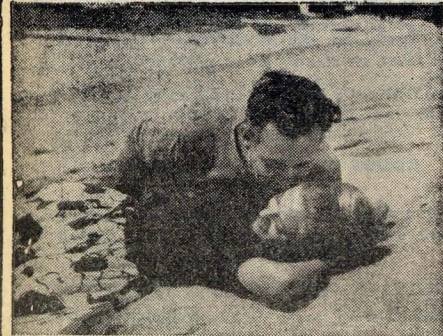


(Adultos)

PRIMEIRA REPOSIÇÃO da comédia musical portuguesa COLORIDA, filmada em LISBOA, RIO DE JANEIRO e S. PAULO

O CANTOR E A BAILARINA

13 ANOS



com **DOMINGOS MARQUES NANCY RINALDI ZELONI, ETC.**

os conjuntos

BRASILIA RITMOS e TRIO FLUMINENSE

e o «Ballet» de **FERNANDA LIMA**

Rir com **ZELONI** do princípio até ao fim

Realização de **ARMANDO DE MIRANDA**

Distribuição de **EXCLUSIVOS TRIUNFO**

HOJE, às 21,30, no **Odeon**

POLITEAMA : AVENTURAS EXPLOSIVAS

O público continua a afluír ao Politeama, atraído pela carreira triunfal do admirável filme «Comissário X no Vale das Mil Montanhas», que entrou em segunda semana, a demonstrar, de maneira irrefutável, ter ultrapassado tudo quanto se esperava de melhor, a par de representar um motivo de louvor para quantos se consagraram em processar com uma força de domínio e de brutalidade, uma densa teia de aventuras explosivas envolvendo agentes secretos e traficantes de drogas numa luta sem tréguas, em que se desafia a morte com um destemor incriável e uma audácia sem limites de sacrifício. Filme de alto nível espectacular, que tem por cenário a misteriosa cidade de Istambul e onde tudo obedece ao imperativo de satisfazer a insaciável curiosidade do público, a sua textura redonda, num manancial de peripécias em ambientes sinistros e luxuosos, com todos os «tempos» representativos do género: panchadaria no estilo «vale tudo», ciladas, tiroteio, perseguições implacáveis, rivalidades e ódios sangrentos.

No despenho salientam-se dois ídolos do público: Tony Kendall e Broad Harris. A eles se deve o êxito mundial da série «Comissário X». Fotografia em Eastmancolor.

AMANHÃ estreia

no cinema **VOX**



HELGA O SEGREDO DA MATERNIDADE

(Versão integral)

FILME EDUCATIVO DE CARACTER DOCUMENTAL CIENTIFICAMENTE ELABORADO

Falado em português

Realização de Erich F. Bender

Protagonista: Ruth Gassmann

Distribuição de FILMES LUSOMUNDO

EXCLUSIVO FILMES LUSOMUNDO

maiores de 21 anos



MONUMENTAL DE CASCAIS

Domingo, 27 de Julho, às 17 horas M/ 6 ANOS

GRANDIOSA CORRIDA

A FAVOR DO HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CASCAIS

A QUAL SE DIGNA ASSISTIR SUA EXCELENCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

CONCURSO DE GANADARIAS

6 LINDOS E PODEROSOS TOIROS

DE JOSÉ LUPI, JOAQUIM GRAVE, HERD. D. DIOGO PASSANHA, JOÃO MALTA, D. MARIA M. ANDRADE SALGUEIRO E FRANCISCO DE GOES

SERÃO LIDADOS A CAVALO POR

MANUEL CONDE, MESTRE BATISTA

E LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR COMANDADOS POR JOAQUIM JOSE CAPOULAS

VENDA DE BILHETES:

EM LISBOA: Agência ABEP — Praça dos Restauradores — Telef. 32 88 23. EM CASCAIS: Café Brisa e Comissão Pró-C. Praça de Toiros — Rua Palma, 27 — Telef. 28 10 07

A TORRALTA VOLTA A AUMENTAR O SEU CAPITAL SOCIAL

(Continuação da pág. 6)

lizados — empréstimo bancário; hipoteca; emissão de obrigações; aumento de capital, etc. — decidiu a Torralta, em fins de 1967, a do aumento de capital. Mas não o fez utilizando apenas o sistema classicamente seguido nos casos normais. Muito pelo contrário pela criação dos títulos de Férias, assim denominados nos seus estatutos, elegeu uma solução inédita no nosso País, sem dúvida aliciança até pela sua novidade e modernidade.

Que a opção foi efectuada com são critério, resultante de aprofundado estudo, demonstrou a espectacular aceitação do público que praticamente esgotou todos os títulos de Férias disponíveis. O número de accionistas da Torralta e já extraordinariamente elevado, se considerarmos que a expansão da empresa se iniciou há pouco mais de um ano.

Tal sucesso resultou, em primeiro lugar, do ineditismo do nosso empreendimento, até hoje único em Portugal. Em segundo lugar, da dualidade de utilização dos privilégios: a utilização do alojamento turístico numa estância moderna e de 1.ª categoria ou a fruição de um rendimento equivalente. Em terceiro lugar, no constante alargamento da participação do público, que dinamiza potencialmente a sua estrutura, mantendo-a sempre aberta a todos os sectores da oferta de investimentos, quer se trate de pequena poupança, quer de mais poderosos investidores.

Todas estas três motivações se alicerçam na expansão turística da empresa resultante da sua ascensão, ímpar, tanto no País como nos vários mercados turísticos estrangeiros. Deste esforço promocional muito beneficiou a empresa e os seus accionistas, bem como toda a região de Alvor, do Algarve e o turismo nacional.

A empresa, pelo alargamento e diversificação dos seus campos de actividade, embora sempre orientados no rumo do desenvolvimento económico-turístico.

Os accionistas, pela crescente valorização das suas acções liberadas, valoriza essa que se apoia directamente na expansão turística da empresa e do País, e indirectamente no sistema inteiramente original de investimentos, cujo denominador comum é o binómio opcional: utilização do alojamento turístico ou fruição de um rendimento compensador.

Para o Algarve e para o País, porque a aplicação daqueles princípios se revelou

socialmente útil para os accionistas e para o turismo nacional na ordem imediata. E é assim na ordem imediata, pelo seu efeito multiplicador na vida económica das regiões em que se desenvolve e que assim recebem um novo estímulo vivificador e decisivamente progressivo.

O êxito da rápida colocação dos títulos de Férias da Torralta resultou não só das francas possibilidades da sua valorização, como acima se evidenciou, mas ainda, e não em menor parte, por se tratar de um investimento criteriosamente protegido contra a inflação. Com efeito, trata-se de um investimento imobiliário não abrangido pela lei do inquilinato, o que permite a revalorização progressiva dos capitais aplicados.

Além disso, os réditos são cuidadosamente calculados por forma a evoluírem sempre de acordo com a curva da inflação. E, finalmente, a escolha criteriosa dos locais próprios para o desenvolvimento turístico com magníficas situações, e os tipos de habitação extraordinariamente funcionais, polivalentes e adoptados sempre após estudos e programas bem realísticos, garantem uma rentabilidade perfeita.

● Características de mais um arrojado empreendimento

Precisamente com estas intenções — de expansão turística e de aumento imediato e progressivo da rentabilidade do seu património — decidiu a Torralta lançar uma nova e importante realização: a construção do Conjunto Turístico de Santa Filomena, na nossa propriedade denominada Vale de Zorra, em Alvor.

Trata-se de um empreendimento que prevê uma ocupação da ordem das 2000 camas, um clube náutico com cais acostável, piscinas, restaurantes, centros comerciais e diversões, tão necessárias nesta zona, formando um conjunto unitário funcional. Situado numa das sub-regiões mais atraentes do Algarve, e com uma localização privilegiada no centro do complexo turístico da zona Lagos-Alvor-Praia da Rocha, este extraordinário empreendimento surge na hora própria.

Efectivamente, ainda no corrente ano, ou no início do próximo ano de 1970, deverão entrar em serviço os aviões transcontinentais «Concorde», e, em 1971, os «Jumbo Boeing 747», com capacidade para quase 500 passageiros. Também os aviões alemães e americanos de médio curso «Air-

bus», para 250 passageiros, estarão operacionais pela mesma época. As possibilidades de transporte de tais tipos de aviões farão baixar necessariamente os preços das tarifas. Como o mercado turístico americano é, por si só, maior do que os de vários dos mais importantes países geradores do turismo mundial adicionados, e porque os preços baixos daqueles transportes proporcionarão aos norte-americanos a realização de um seu grande sonho turístico — visitar a Europa — é indispensável preparar com a necessária antecedência as estruturas turísticas que permitam aliciar uma parte, ainda que mínima, da expansão de um tal mercado.

De igual modo se deve pensar quanto ao movimento de turistas proveniente do Norte da Europa, que, com muito boas razões, se espera, para breve, facilitado pelos novos meios de transporte referidos e recomendado pelo progresso das estruturas sociais daqueles países.

Todas estas razões vêm, portanto, reforçar a urgência da construção das infra-estruturas do Conjunto Turístico de Santa Filomena, já iniciada, e para a qual estão prontos os estudos e projectos para a sua 1.ª fase de realização.

Para tanto torna-se, porém, indispensável reunir os capitais necessários a tão importante investimento. Continuando a trilhar a sua senda de progresso e mantendo-a sempre aberta a um cada vez maior alargamento de participação, como variável prioritária da sua dinamização, a Torralta, coerente consigo própria, elegeu uma vez mais como fonte de financiamento um novo aumento do seu capital social.

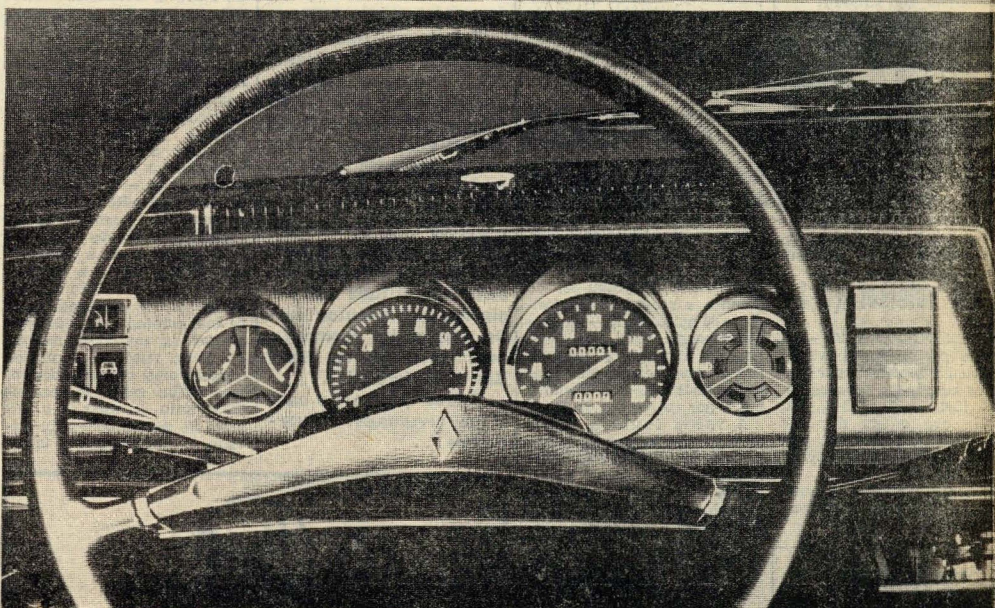
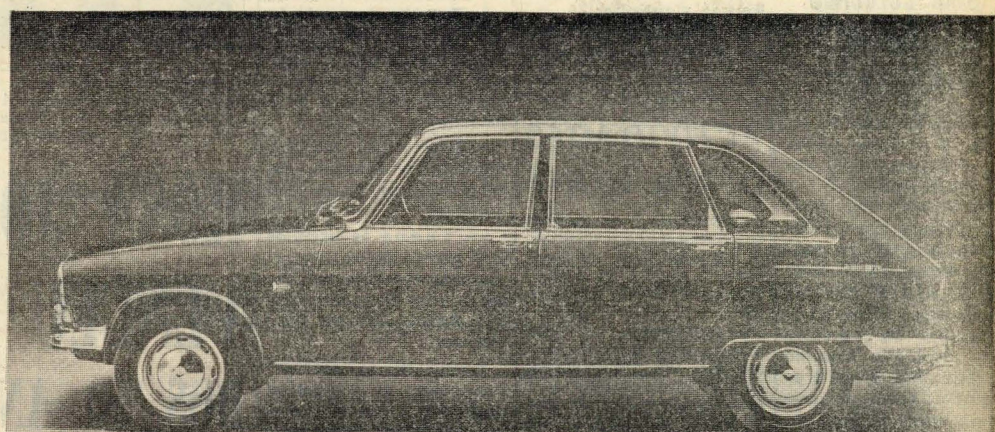
Nestas condições, tenho a honra de submeter a V. Ex.ª, de acordo com o art.º 7.º dos Estatutos da nossa Sociedade, o qual prevê a elevação do capital social até ao limite de 1 milhão de contos por uma ou mais vezes, a proposta para um aumento imediato de 10 000 contos — uma vez que este aumento não carece de autorização superior — e para que, seguidamente, se requeira a Sua Excelência o Ministro das Finanças o aumento de mais 100 000 contos, devendo ambos estes aumentos, a realizar por acções do Grupo B, a que se refere a alínea c) do n.º 1.º do art. 5.º, as quais se destinam a subscrição pública, mantendo-se desde já garantida a sua total subscrição.

Antes de submeter a proposta do sr. almirante Sarmento Rodrigues à votação da assembleia, o presidente

da mesa classificou-a de «muito extraordinária, notável e bem fundamentada», no que foi apoiado pela aprovação unânime dos accionistas presentes.

Falou, em seguida, o presidente do conselho fiscal, sr. eng.º Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira, que, depois de louvar a proposta do almirante Sarmento Rodrigues, propôs um voto de confiança à mesa, considerando desde já aprovada a acta da sessão, bem como um voto de louvor ao presidente da mesa, pela forma como dirigiu os trabalhos.

Por último, o presidente da mesa exprimiu votos de felicidades pessoais a todos os presentes e de muita confiança no futuro da empresa, «a que todos nós consagramos o nosso esforço e tanto do nosso entusiasmo e carinho».



O Renault 16TS: a versão desportiva do Renault 16

Sistema de travagem assistida por servo-freio, motor 1600, mais de 160 Kms/h ao crómometro, carburador Weber de «corpo duplo», faróis de lodo, volante com protecção especial, todas as rodas independentes, vidro traseiro com dispositivo contra o embaciamento — toda esta equipagem de segurança garante ao Renault 16 TS uma mobilidade invulgar.

Isto num carro de super-conforto que dispõe de amortecedores telescópicos, eliminação por temperaturas diferenciais, retrovisor protegido contra encandecimentos, luz de leitura no assento dianteiro, registador diário de quilómetros, Isquetro, cofre e elazetro com iluminação própria... um sem-número de pormenores a que se juntam as famosas sete possibilidades de variar o espaço interior.



MONTADOR PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

importadores exclusivos:

U T I C

Av. da Liberdade, 136-1.º — Lisboa • Av. dos Aliados, 195 — Porto

EM EXPOSIÇÃO NOS AGENTES RENAULT.

BELFRANLINE

Société Anonyme
ANTWERP

SERVIÇO MENSAL DE NAVIOS RÁPIDOS PARA
SAN JUAN (Puerto Rico)

LA GUAIRA (Venezuela)

PUERTO CABELLO (Venezuela)

MARACAIBO (Venezuela)

KINGSTON (Jamaica)

o navio «ANDRIA», liberiano, 31 de Julho



AGENTES EM LISBOA

Rua do Alecrim, 12-A

LISBOA-2

Telef. 37 02 41 (10 linhas) — Telex 1322 «Wiese» P.

Teleg. «Wieseco» — LISBOA

desporto

EUSÉBIO RECUSA 22 CONTOS DE RENDIMENTO MENSAL ALÉM DO RESTO...

● NA FALTA DE ACORDO SERÁ COLOCADO NA LISTA DE TRANSFERÊNCIAS

O caso Eusébio arrasta-se. A solução tarda. O acordo parece, por vezes, comprometido.

Diz-se nos «mentideros» da bola que há determinado grupo de pessoas por detrás de tudo isto. Quem? E haverá? Entretanto, elementos destacados do Sporting terão dito que Eusébio não interessaria por preço algum. Acima de tudo estaria uma política de entendimento e a melhoria de relações entre os «grandes» de Lisboa. Mas Eusébio mostra-se renitente e mantém as suas exigências.

PRIMEIRA VITÓRIA PORTUGUESA NOS JOGOS LUSO-BRASILEIROS

● Coube essa honra ao voleibol (3-1)

BELEM DO PARÁ, 23 — A selecção portuguesa de voleibol bateu a brasileira por 3-1, com os resultados parciais de 12-15, 15-6, 15-11 e 15-12, na partida que ontem disputaram em Belém do Pará, integrada nos IV Jogos Luso-Brasileiros.

Em contrapartida, o jogo de handebol foi ganho pelo Brasil, por 17-12.

CONCURSO HÍPICO DA FIGUEIRA DA FOZ

Inicia-se, hoje, e prolonga-se até domingo, na Figueira da Foz, o tradicional concurso hípico oficial que tem o patrocínio da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo.

A competição, que decorrerá no campo da Mata, da Misericórdia, está integrada nas festas de Verão daquela cidade, e do seu programa constam as provas Câmara Municipal da Figueira da Foz, destinada a cavalos de 1.ª categoria, e Ministério da Defesa Nacional, que contam, sempre, com a presença dos melhores cavaleiros portugueses e, ainda as que se destinam a juniores.

O «Mundo Desportivo» revela, na sua edição de hoje, as condições propostas pelo presidente dos «encarnados», dr. Borges Coutinho:

— Assinatura de dois contratos, com a duração de três anos cada um.

ATIVIDADES DESTA NOITE

ANDEBOL — 3.ª jornada do «Nacional» de seniores: F. C. Porto-Portoense, na Constituição, às 19 e 30, e Belenenses-Almada, às 19 e 30, no Restelo.

BASQUETEBOL — Grande Torneio da A. B. L. de Juvenis, fase final: Sporting-Belenenses, Atlético-Benfica e Ateneu-Nacional, a partir das 21 horas, no pavilhão da Ajuda.

TENIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, de pares-mistos, infantis, na mesa do R. Apolo, entre jogadores do Sporting e do Ateneu, às 21 horas.

Assim, Eusébio ficaria vinculado ao clube até cerca dos 34 anos de idade e auferiria as vantagens que se enumeram:

— Entrega de um imóvel com o rendimento mensal de vinte e dois mil escudos, isento de quaisquer impostos pelo período de dez anos.

— Ordenado mensal, durante a duração do contrato, de nove mil escudos.

— Todos os prémios que normalmente os jogadores recebem em caso de vitórias e de êxitos nas provas em que participam.

Longe de se deslumbrar com as condições propostas e que (parece) acatulariam, definitivamente, o seu futuro, Eusébio recusa. Ainda se fosse só por três anos...

Talvez que não venha a ter outra oportunidade. Mas o famoso jogador, empenhado, agora, na mais importante cartada da sua vida, lança os dados à espera de «tudo ou nada».

Entretanto, surge nova hipótese que, a concretizar-se, seria de veras sensacional: se Eusébio persistir na atitude intransigente que adoptou desde o primeiro momento, será colocado na lista das transferências.

Talvez que hoje o caso fique arrumado. Aguardemos...



Rosa Jorge, do Algés, vencedora da prova nocturna de natação integrada nas comemorações do 50.º aniversário do Belenenses. A seu lado, a melhor nadadora da prova, Ana Paula Matos, também do Algés, vencedora em femininos

ROSA JORGE, DO ALGÉS VENCEU A PROVA DE RIO DOS 50 ANOS DO BELENENSES

Num percurso compreendido entre a Cordoaria Nacional (partida) e o monumento ao Infante D. Henrique, aproximadamente de 1500 metros, efectuou-se, ontem à noite, uma prova de rio integrada nas comemorações do 50.º aniversário do C. F. «Os Belenenses».

Se bem nos lembramos, esta prova foi a segunda realizada à noite — a primeira foi entre o Cristo-Rei e o mesmo monumento — sempre de organização do clube azul. Tal como da primeira, a organização deixou muito a desejar. Ontem, a iluminação no rio foi deficiente, e a meta estava mal colocada, em diagonal e afastada uns trinta metros. Foi pena, visto que o público e nadadores corresponderam, pois muita gente se concentrou junto da meta e o número de participantes foi elevado. O júri ficou mal instala-

lalo, bastante longe das bóias que assinalavam a meta e dificilmente puderam fazer a classificação.

Partiram e chegaram 30 nadadores, apesar das condições deficientes. As nadadoras partiram com dois minutos de avanço.

Fernando Rosa Jorge, do Algés e Dafundo, realmente o nadador mais cotado em prova, venceu naturalmente. Excelentes as classificações das nadadoras Ana Matos e Cristina Patacas, ambas do Algés, chegadas, respectivamente, em 4.º e 6.º lugares.

A ordem de entrada dada pelo júri foi a seguinte: 1.º, Rosa Jorge (S. A. D.), 13 m.

A DIRECÇÃO-GERAL ESCLARECE OS PERÍODOS DE DEFESO DO FUTEBOL

A Direcção-Geral dos Desportos, através de ofício dirigido à Federação Portuguesa de Futebol, esclarece que o Regulamento do Defeso do Futebol, aprovado por despacho ministerial de 30-5-1968, prevê como época de defeso o período entre a terceira segunda-feira de Julho e o último sábado de Agosto. Quanto a férias dos jogadores e no intuito de facilitar a vida aos clubes, previu-se que aqueles pudessem ter início em 1 de Julho, mas não antes dessa data.

GRANDE TORNEIO FEMININO DE BASQUETEBOL

No jogo em atraso a contar para o Grande Torneio Feminino, o Algés venceu o Hóquel de Sintra por 27-12.


DESPORTO E TURISMO REALIZA-SE NO ALGARVE O EUROPEU DE GOLFE DE JUNIORES POR EQUIPAS

Desporto e turismo dão-se as mãos, uma vez mais, para nova realização de grande interesse internacional, no cenário paradisíaco do Algarve: o Campeonato Europeu de Golfe de Juniores, por equipas. A prova efectuar-se-á de 29 de Julho a 2 de Agosto, no campo de golfe da Penina (um dos melhores do mundo, na opinião dos entendidos), em Montes de Alvor, no concelho de Portimão.

O campeonato é promovido pelo Clube de Golfe da Penina, com brilhantes provas já prestadas, e conta com o patrocínio da Associação Europeia de Golfe e da Federa-

ção Portuguesa, da modalidade, sendo a comissão de honra presidida pelo ministro da Educação Nacional, dela fazendo parte o secretário de Estado da Informação e Turismo e o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos.

A organização técnica está a cargo dos srs. Gerald Micklem (presidente da Associação Europeia), visconde de Almeida Machado (presidente da Federação Portuguesa), dr. Manuel da Fonseca (presidente do Clube de Golfe da Penina) e Henry Cotton, o famoso campeão mundial, agora radicado no Algarve e director de golfe da Penina.



SERVIÇO PORTUGAL-FRANÇA

PARA:

ROUEN — HAVRE — BORDEUS

m. s. «REGINA», em 31 do corrente

Accepta carga de transbordo com conhecimento directo para as Antilhas, América Central e América do Sul (Pacífico).

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL

OREY, ANTUNES & CIA., LDA

Praça Duque da Terceira, n. 4 — Telex: 322271 32255 - 361267

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE LDA

2.ª EDIÇÃO

PÁGINA DO FECHO

**CORONEL
PINHEIRO CORREIA**

RIO DE JANEIRO, 23 — O coronel Pinheiro Correia, não poderá embarcar no dia 27, de regresso a Lisboa, conforme se previa, pois agravou-se o seu estado de saúde.

No domingo último, recebeu a visita do ministro Marcio de Sousa Melo e de vários brigadeiros em serviço nesta cidade, a propósito da data do aniversário do nascimento de Santos Dummont.

Pouco depois, sentiu-se mal, pelo que o seu regresso a Lisboa foi transferido para 3 de Agosto, caso as suas condições físicas o permitam. — (A. N. I.)

**CENTRO DE INQUÉRITO
ASSISTENCIAL**

O dr. Álvaro José de Almeida da Costa de Sousa Victorino foi nomeado definitivamente director do Centro de Inquérito Assistencial, vago pela exoneração concedida ao dr. Eduardo Silvério Abranches de Soveral.

**O MUSEU DE MARINHA
VAI ORGANIZAR UMA SALA
DEDICADA À AVIAÇÃO NAVAL**

O Museu de Marinha, depois de encerrada a exposição temporária comemorativa do centenário de Gago Coutinho, vai organizar uma sala dedicada à aviação naval, que reunirá a maioria dos documentos e objectos relacionados com a vida e a acção daquele eminente sábio — foi revelado, esta manhã, durante uma visita que o Chefe do Estado fez àquele departamento evocativo da nossa epopeia marítima, o qual tem sido enriquecido, nos últimos anos, com valiosas aquisições.

O almirante Américo Thomaz, que por várias vezes tem visitado o Museu, deslocou-se hoje ali com o propósito de observar, sobretudo, as mais recentes aquisições, não deixando, no entanto, de percorrer todas as dependências, como se o fizesse pela primeira vez. A sua visita, que incluiu uma passagem pelo Planetário Calouste Gulbenkian, deu também ensejo a que fosse conhecido o propósito de o Museu vir a dispor muito em breve da ala do mosteiro dos Jerónimos ocupada pelo Museu Etnográfico Dr. Leite de Vasconcelos, que se vai transferir para a Cidade Universitária.

Demorou cerca de duas horas e meia a visita presidencial ao Museu, onde o Chefe de Estado foi recebido pelo ministro da Marinha e por altas patentes da Armada, entre as quais os almirantes chefe do Estado-Maior e superintendente dos Serviços de Pessoal. O director e o subdirector do Museu, almirante Ramos Pereira e comandante Pereira Braga, e o presidente do Grupo de Estudos de História Marítima, almirante Sarmento Rodrigues, prestaram esclarecimentos e informações, nas várias secções percorridas, ten-

do o primeiro, ao começar a visita, feito uma breve exposição sobre a situação actual do departamento e o respectivo património e os projectos de beneficiação e enriquecimento.

A visita abrangeu os serviços directivos e de secretaria, a pequena biblioteca e a sala de cartografia náutica, com pintura e restauro, no corpo central, onde o Presidente assistiu, também, a uma curta sessão no Planetário. Percorreu, depois, a parte antiga do Museu, onde figuram os modelos de navios e se documenta a história marítima. Por último, esteve no Pavilhão das Galeotas, onde mais uma vez pôde apreciar, igualmente, a exposição evocativa de Gago Coutinho.



O ministro de Estado junto do cardeal-patriarca quando usava da palavra a senhora Lastenouse Bury

**PREOCUPAÇÕES SOBRE O FUTURO
DO TERCEIRO MUNDO**

**— TEMA DO VII CONGRESSO INTERNACIONAL
DO S. I. I. A. E. C. INAUGURADO HOJE EM LISBOA**

Contribuir para o diálogo, intensificar a consciência das possibilidades de uma economia a grande escala e de certas exigências de racionalidade e dar aos povos do Terceiro Mundo melhores condições de vida — eis alguns dos objectivos do VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C., que principiou hoje na Universidade Católica.

Presidiu aos trabalhos (que reúnem personalidades de 17 países), o cardeal-patriarca de Lisboa, ladeado à direita pelo ministro de Estado adjunto da Presidência do Conselho, eng.º Vaz Pinto; pela representante do Mercado Comum, sr.º Lastenouse Bury; e pelo

presidente do S. I. I. A. E. C.; e à esquerda pelo vice-reitor da Universidade Católica, mons. José Filipe Mendeiros; rev. Yarque, da Associação do S. I. I. A. E. C.; e pelo presidente da Associação dos Economistas e Engenheiros Católicos, eng.º Leite Garcia.

Além do eng.º Vaz Pinto, estavam presentes outros membros do Governo ligados a este movimento — o dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio; o eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria; e o dr. João Salgueiro, subsecretário de Es-

tado do Planeamento Económico.

● **A sessão inaugural**

Aberta a sessão usaram da palavra o cardeal-patriarca para se referir ao significado do VII Congresso Internacional do S. I. I. A. E. C. e formular votos pelo bom êxito dos trabalhos; o eng.º Leite Garcia, que enunciou os objectivos em questão e apresentou boas-vindas aos participantes; o sr. Mário Erme, que se referiu ao espírito deste encontro e suas finalidades imediatas; a sr.º Lastenouse Bury, que manifestou as preo-

cupações existentes em relação ao Terceiro Mundo e à promoção das suas respectivas populações, nomeadamente no que respeita ao atraso económico, fome, domínio por empresas estrangeiras e falta de capitais; e, ainda, o prof. Thomas Patrick Melady, que proferiu a conferência introdutória.

● **Diagnóstico dos principais problemas**

O Congresso prosseguiu, à tarde, com sessões a cargo de quatro grupos de trabalho incumbidos de fazer um diagnóstico dos principais problemas que se colocam perante os países implicados num processo de desenvolvimento visando, sobretudo, os seguintes domínios: mão-de-obra e quadros, investimentos, instituições públicas e semipúblicas.

Duas mesas-redondas, a efectuar amanhã e no sábado, ajudarão, também, a definir as linhas de base que permitirão promover nova política de desenvolvimento, tendo em linha de conta os diferentes organismos (e sua estrutura) implicados no actual processo de desenvolvimento.

O Congresso encerra-se no dia 27, em Fátima.

Amanhã, às 18 e 30, o presidente do Município de Lisboa oferecerá aos congressistas uma recepção na Estufa Fria.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

TRADUTORES
INTERPRETES
SECRETARIADO
TURISMO
DIRIGENTES DE EMPRESAS
LÍNGUAS

A UNIVERSITÁRIA
NA EMPRESA

R. do Sacramento à Lapa, 16
Telef.: 67 63 95; 67 37 66
Av. da República, 25-1.º Dto.
Telef. 53 96 41
Av. Duque de Loulé, 126-1.º
Telef. 53 33 18

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, 24 DE JULHO, ÀS 22 HORAS



**PACO CAMINO
JOSE FALCAO**

COM 4 TOIROS DE CUNHAL PATRÍCIO,
A GANADARIA TRIUNFADORA DAS
PRINCIPAIS FEIRAS DE ESPANHA

CAVALEIROS

**MANUEL CONDE
FREDERICO CUNHA**

COM 4 TOIROS DOS HERD.º DE D. DIOGO PASSANHA
(QUINTA DE S. PEDRO)

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
COMANDADOS POR
JOSE MANUEL SOUTO BARREIROS
TELEFS.: 77 18 19 - 76 15 39 - 32 17 13 - 3 07 69

**NOVO
EMBAIXADOR
DO CANADÁ
EM LISBOA**

Michel Gauvin, actual embaixador do Canadá na Etiópia, foi nomeado embaixador do Canadá em Portugal, anunciou ontem o Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país. Gauvin sucede, em Lisboa, ao embaixador Jean Morin.

O novo embaixador serviu, primeiro, no Exército canadiano durante a Segunda Guerra Mundial, tendo-lhe sido conferida em 1944 a Ordem dos Serviços Distintos. Mais tarde, no serviço diplomático desempenhou elevadas funções em Ankara, Lisboa (de 1953 a 1955), Indochina, Caracas, Buenos Aires e Leopoldville.

Espera-se que Michel Gauvin tome posse do seu novo cargo em Lisboa no próximo Outono, sucedendo a Jean Morin, que já cessou as suas funções.

**O FILHO DE UMA ANTIGA FAMÍLIA
DE MOÇAMBIQUE
COLABOROU NA MANUFATURA
DOS «FATOS LUNARES»**

O sr. eng.º Kymus Ginwala, filho de uma das mais antigas famílias de Moçambique, colaborou no desenho e construção dos fatos espaciais utilizados por Neil Armstrong e Eldwin Aldrin para caminhar na Lua.

A empresa, especializada na investigação técnico-electrónica encarregada de uma série de estudos ligados à construção dos «fatos lunares», foi fundada por um grupo de engenheiros recém-saídos da Universidade, em Boston. Entre eles encontra-se o sr. Kymus Ginwala. Em declarações para o jornal «Notícias», de Lourenço Marques, aquele engenheiro acentuou:

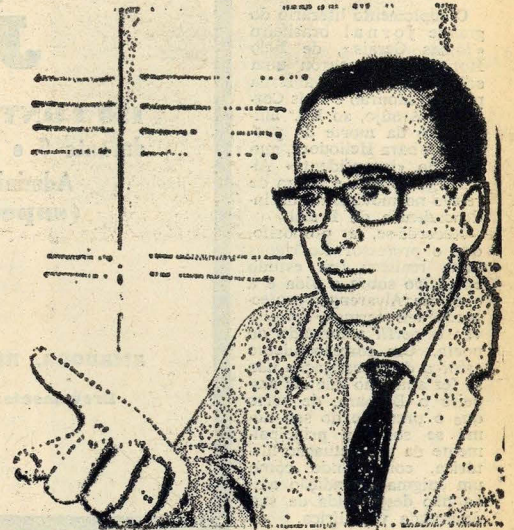
— Fomos apenas uma pequena parcela na imensa cadeia de colaboração que se formou para que o projecto «Apolo» fosse possível.

O sr. eng.º Kymus Ginwala é membro da conhecida família Ginwala, estabelecida em Lourenço Marques desde 1896. Efectuou os seus estudos no estrangeiro, nomeadamente na África do Sul e em várias universidades norte-americanas. O sr. eng.º Ginwala disse:

— Aqui, em Moçambique, é o meu lar. Só lamentou não poder vir cá todas as vezes que desejava.

A casa da Água e do Sol

► António Olinto romancista ►



POETA importante da mítica geração de 1945, cujos comços ninguém até hoje conseguiu estabelecer e cujos limites são mais amplos do que o oceano, ensaísta de obra séria e ampla, exercendo com obstinação renitente a crítica literária num país onde a crítica literária virou noticiário e propaganda, António Olinto chegou aos cinquenta anos com uma presença marcante e fecunda num meio literário cada vez mais caracterizado pela futricia, pela leviandade, pela autopromoção, pela avidez de sucesso fácil. E, aos cinquenta anos, o poeta e ensaísta surpreende os leitores com um excelente romance.

Confesso minha surpresa quando, nos fins do ano passado, vindo à Bahia despedir-se de amigos e sobretudo da terra à qual é tão ligado como se aqui houvesse nascido e não em Minas Gerais (sem deixar de ser mineiríssimo), António Olinto deu-me a ler volumosos originais, recém-terminados:

— Escrevi um romance.

Pouco sabia eu do ficcionista Olinto. Lera dois ou três contos de sua autoria, em revistas, temas de ficção científica. Não davam para julgamento, pareciam incursões curiosas do poeta e crítico no terreno da novelística, sem maiores consequências. Assim tomei do respeitável manuscrito com certa des-

confiança e algum temor: que diabo quer Olinto, metendo-se a fazer romance aos cinquenta anos? E concluí comigo mesmo: isso é resultado de tanto ler originais nos julgamentos do Prémio Walmap: deulhe a coceira ficcional.

Pois bem: tomei do catau e, quando menos esperava, eis-me agarrado e envolvido por uma his-

nadas características originais e tiveram, inclusive, reconhecida importância no pensamento africano no que se refere às ideias de independência das então colónias inglesas e francesas e nas lutas de libertação. Não nos esqueçamos que o primeiro Presidente da República de Togo era neto de baiano, tinha sangue brasileiro e herdara a tradi-

atravessar o Atlântico numa viagem que tem o sabor de perigo e descoberta.

O romancista acompanha a família, numa narrativa rica, minuciosa, terna. Solidário com seus personagens, no sentido em que essa solidariedade é cerne do romance: as figuras comandam a acção, impõem o ritmo, decidem da vida. Multiplicidade de paisagens, de pequenos e grandes acontecimentos, importantes todos, um mundo de gente.

Centro do livro, uma nobre mulher, nobre no melhor sentido da palavra, alta criação romanesca, desde logo incorporada à nossa ficção. Árvore frondosa, de sombra vital e frutos sumarentos, Mariana. Conhecemos suas raízes: a mãe africana que decide voltar. Mariana cresce, esgalha-se, é uma e é multidão, tão pessoal em sua força de povo, tão vária em seus filhos, irmãs, netas, parentes e aderentes, suas casas, seus lugares, seu destino que cria o destino de tantos. Inesquecível Mariana.

O romancista cinqüentão é maduro de saber e de amor, já disse antes. Mas é igualmente jovem no entusiasmo, na força de criar, na paixão que lhe enche o peito. Leia esse romance, seu título é «A Casa da Água», a água marca suas páginas. A água e o sol, ou seja: a vida.

por JORGE AMADO

tória poderosa, intensa, plena de drama, de poesia, de largo sopro lírico, com cheiro de terra, com gente viva, de carne e sangue, alegria e dor, com ideias também, experiência conquistada, um conhecimento feito de saber e de amor — um romance, enfim, e dos melhores aqui escritos nos últimos anos.

O tema, além de apaixonante, é daqueles que estão a reclamar romancista há muito tempo: os negros africanos que, tendo chegado ao Brasil na condição de escravos, regressam às terras da África, após a Abolição, levando suas famílias, seus filhos e netos brasileiros. Esses afro-brasileiros constituíram um centro cultural com certas e determi-

ção de luta, tão grande e conseqüente, do negro escravo jamais conformado com a sua condição, contra ela erguido impávido, fosse em Palmares, fosse na extraordinária revolta dos malês.

Uma ex-escrava trazida da África guarda em seu coração o desejo de retornar às terras onde nascera. Abolida a escravidão, começa sua viagem de volta, e a inicia no Brasil, vindo do interior de Minas Gerais para a Bahia, prosseguindo para o Rio, como que a embeber-se do Brasil antes de regressar. Não está sôzinha, é toda uma família, pequenos seres que se encharcam das cores, dos costumes, da maneira, das qualidades brasileiras, antes de

COLABORAM
NESTE
NÚMERO:

- ★ JORGE AMADO
- ★ DAVID MOURÃO-FERREIRA
- ★ MATILDE ROSA ARAÚJO
- ★ ANTÓNIO MODESTO NAVARRO
- ★ ARMANDO VENTURA FERREIRA
- ★ RUI MÁRIO GONÇALVES

PRESENÇA PERENE DE CAMÕES

PASSOU há dias mais um aniversário da morte de Camões; e é altura, mais uma vez, por estranho ou paradoxal que pareça, para reconhecermos como se encontram vivos o seu exemplo e a sua obra. Camões ascendeu, de há muito — e de modo por assim dizer «absoluto» — à categoria universal dos grandes mitos e dos grandes símbolos. Em qualquer parte do mundo, o nome de Camões, por mais que lhe estropiem a grafia ou que foneticamente o deturpem, é símbolo de Portugal, é símbolo de poesia, é símbolo de heroísmo

de e de coragem cívica, é símbolo de amor. Interprete individual dos problemas colectivos do seu tempo, tão independente no louvor como na censura, tão fiel e exacto na transcrição dos movimentos subtis da própria alma como na captação dos mais amplos interesses do seu povo, Camões não veio apenas coroar, como padrão e como figura emblemática, o século de ouro da nossa História: veio também impor-se, no momento oportuno, como farol e como guia, para os tempos futuros. Não admira, por isso mesmo, que a sua obra con-

tinua a ser, por sobre a crista das épocas mais revoltas ou para além das marés, mais ou menos efémeras, das modas ou das ide-

ologias, a luz perene que serve de estímulo aos destinos da grei — e de infalível ponto de referência a esses solitários navegadores que

por

DAVID MOURÃO-FERREIRA

são sempre os poetas e, de modo mais agudo, os poetas portugueses. Rastrear a influência de Camões na nossa poesia dos

últimos quatro séculos equivaleria a nomear, por este ou por aquele aspecto, praticamente todas as grandes figuras do nosso lirismo e

da nossa epopeia. E também não admira que assim aconteça, porque as várias tradições da poesia portuguesa se viram engolfadas na sua personalidade singular — para depois voltarem a divergir como os braços de um delta.

É um poliedro de tantas faces a poesia de Camões que nos arriscáramos a perder-lhes a conta se pretendéssemos enumerá-las... O poeta e dramaturgo francês Audiberti definiu um dia Molière como «o mais completo atleta do teatro». Algo de muito semelhante se poderia dizer a respeito

(Continua na pág. 2)

PUBLICAÇÕES

SUPLEMENTO LITERÁRIO

«MINAS GERAIS»

O suplemento literário do grande jornal brasileiro «Minas Gerais», de Belo Horizonte, consagrou uma edição especial, organizada por Rui Mourão e Luís Corrêa de Araújo, ao 150.º aniversário da morte da poetisa Bárbara Heliodora, mulher do «inconfidente» Alvarenga Peixoto e figura de relevo no movimento da independência do Brasil.

Recorda-se, a propósito, que o professor Rodrigues Lapa realizou um estudo exaustivo sobre a vida e a obra de Alvarenga, projectando em termos definitivos o perfil valorizado do poeta. Um correspondente esforço de investigação não se fez ainda no que diz respeito a Bárbara, de sorte que o prestígio do seu nome se sustenta principalmente da sua actuação histórica, continuando como um enigma a tradição ainda não desmentida da sua decantada veia lírica.

3 000 CLIENTES

na compra de propriedades

CONSTRUÍDAS, VENDIDAS E ADMINISTRADAS

por uma empresa industrial, atestam a capacidade e honestidade da organização

J. PIMENTA, S. A. R. L.

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS, garantidos por escritura pública durante 6 e até 18 anos.

Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1437\$50 (superior a 9%)

EM LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Telef. 45843-47843

EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022

EM REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

ESTALEIROS E OBRAS EM:

AMADORA, REBOLEIRA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, ESPARGAL, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

Brevemente: QUELUZ

COMUNICADO

Esta organização comunica que pôs à venda em Cascais, MORADIAS, ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS

PRESENÇA PERENE DE CAMÕES

(Continuação da pág. 1)

de Camões; e não seria, creio eu, homenagem que ele desdenhasse a de o considerarmos «o mais completo atleta da nossa poesia». Em todos os géneros — dos mais frívolos aos mais graves —, em todas as formas — populares ou eruditas —, em todos os metros — tradicionais ou de recente importação —, em todos os sentidos do lirismo, em todos os registos da epopeia, Camões realizou, com aquele espírito de «competição» que singulariza o verdadeiro desportista — o da «competição» consigo mesmo —, as provas mais concludentes, batendo a cada passo as suas próprias marcas e ultrapassando, não raro, em graça, em rigor, em fogo — até os modelos, nacionais ou estrangeiros, que tomara como guias. «Em várias flamas variamente ardias», disse ele, em alusão a seus amores; mas identicas palavras poderia ter dito, em alusão também à versatilidade do seu estro. Assim, por mais aspectos que lembremos da sua obra, estaremos sempre em risco de esquecer muitos outros. E o risco é mais que certo, numa breve conversa de poucos minutos. Não importa: igualmente a este respeito, Camões continua a ensinar-nos que vale a pena correr todos os riscos, desde que tenhamos a consciência de corrê-los.

Enorme e grave risco, em todos os tempos, tem sido sempre o risco de escrever; e, sobretudo, o risco de escrever com a própria alma, com a própria vida, com o próprio sangue. Camões sabia-o, como poucos o têm sabido. A sua luta com o papel deu-lhe alguns dos brados mais patéticos que, em qualquer época, a poesia já conheceu:

Vinde cá, meu tão certo
[secretário
Dos queixumes que sempre
[ando fazendo,

Papel, com quem a pena
[desafogo!
As sem-rações digamos que,
[vivendo,
Me faz o inexorável e con-
[trário
Destino, surdo a lágrimas
[e a rogo,
Deitemos água pouca em
[muito fogo;
Acenda-se com gritos um
[tormento
Que a todas as memórias
[seja estranho.
Digamos mal tamanho
A Deus, ao Mundo, a gente
[e, enfim, ao vento,
A quem já muitas vezes o
[contei,
Tanto de balde como o con-
[to agora;
Mas, já que para erros
[fui nascido,
Vir este a ser um deles não
[duvido.
Que, pois já de acertar es-
[tou tão fora,
Não me culpem também
[se nisto errei.
Sequer este refúgio só terei:
Falar e errar, sem culpa,
[livremente.
Triste quem de tão pouco
[está contente!

Nada melhor, segundo me parece, do que estes viris acordos do início da Canção X para nos sentirmos mergulhados, de um salto, no interior do universo de Camões. A quase total ausência de metáforas, a larga ondulação destes versos amargos e seguros, a nobilíssima expressão de um exame de consciência convertido em ritmo — são características, entre muitas outras, que tornam esta poesia um dos mais impressionantes testemunhos do génio camoniano. Bem gostaria, aliás, de a recordar na fátiga; mas, sendo isso impossível! em conversa tão breve, limitemo-nos, por agora, a lembrar apenas o remate:

Não mais, Canção, não mais;
[que irei falando
Sem o sentir, mil anos. E
[se acaso
Te culparem de larga e de
[pesada,

— Não pode ser (lhe disse)
[limitada
A água do mar em tão pe-
[queno vaso.
Nem eu delicadezas vou
[cantando
Com gosto de louvor, mas
[explicando
Puras verdades já por mim
[passadas.
Oxalá foram fábulas so-
[nhadas!

«Puras verdades» — e não «fábulas sonhadas». «Puras verdades», fornecidas por uma experiência multifórmica, nos domínios do sentimento, do pensamento, da cultura, das viagens e do convívio, os versos de Camões, quer na «regla estrecha» — mas sempre animada — das redondilhas, quer na gravidade processional do decassílabo, abrangem uma variadíssima gama de temas e de assuntos, desde o borboleteio donjuanesco de galanteado impempenhato até às mais sérias preocupações de natureza metafísica, desde o aproveitamento de motivos que a tradição lhe apresentava até à «abertura» perante os casos mais instantes do seu próprio tempo, desde a minuciosa introspecção às amplas reflexões sobre a História em que se sabia imerso e comprometido. «Puras verdades», sim, — sem prejuízo, todavia, daquele carácter «congenitivo» da lírica camoniana, que magistralmente foi apontado por António Sérgio. E tudo isto, ainda, de mistura com uma tocante simplicidade que ainda hoje nos comove, pois «adivinha-se em Camões», como Afonso Lopes Vieira uma vez observou, «um camará cujo encanto .se devia compor de lealdade, de generosidade, de convívio alegre e de larga simpatia pelos humildes» o que nele faz excluir toda a vaidade do sábio letrado que apenas a letrados ou sábios concede a honra da sua estima.

Mais flagrantemente que

quaisquer outras das suas composições, as redondilhas camonianas — e, sobretudo, as que apresentam o esquema do mote, próprio ou alheio, seguido pelas «voltas» ou «glosas» — caracterizam-se por aquele encantamento «que provém», como dizia o grande lusófilo francês Georges Le Gentil, «do paradoxal compromisso entre o requinte e a ingenuidade». Compromisso que recobre, em suma, outro não menos importante: o flexível compromisso entre a modernidade e a tradição, ou seja: o espírito novo, a inquietante renascentista, a casuística amorosa de signo petrarquizante, vazados em formas tradicionais e de larga aceitação popular, — enfim, a aristocrática e democrática aliança entre o que há de mais culto e o que há de mais simples. Todavia, é principalmente nos sonetos que a «arte de amar» camoneana — mesmo quando cingida, como diria Stendhal, ao âmbito do «amor-gosto» — se torna mais enredada e complexa; por outro lado, é ainda nos sonetos — e nas canções — que surgem as mais veementes manifestações do «amor-paixão». Na impossibilidade de apresentar aspectos mais largamente exemplificativos, contemo-nos, por hoje, em recordar este soneto, que não é porventura dos mais conhecidos, mas que é sem dúvida dos mais pungentes, na sua inquietante lucidez:

Em prisões baixas fui um
[tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus
[erros;
Inda agora arrojando levo
[os ferros
Que a morte, a meu pesar,
[tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu
[cuidado,
Que Amor não quer corde-
[ros, nem bezorros;
Vi mágoas, vi misérias, vi
[destierros:

Parece-me que estava assim
[ordenado.
Contentei-me com pouco,
[conhecendo
Que era o contentamento
[vergonhoso,
Só por ver que cousa era
[viver ledado.

Mal sabia no entanto Camões, ao escrever estes versos, como até no domínio da póstuma fortuna literária lhe continuaria a ser funesta a sua estrela. Com efeito, de quanto deixou em manuscrito — a obra lírica, na quase totalidade —, muita coisa se viu atribuída a alguns dos seus contemporâneos e, posteriormente, alguma coisa desses mesmos contempo-

raneos veio a ser-lhe também indevidamente atribuída. Por mais estranho que pareça, ainda hoje não sabemos, ao certo, a respeito de várias composições, o que de facto pertence a Camões e o que de facto lhe não pertence. Entre os investigadores que têm procurado fazer essa distinção, avulta, nos últimos anos o nome prestigioso de Jorge de Sena, que a essa investigação se tem dedicado, socorrendo-se de novos métodos estilísticos e de uma sempre certa intuição. Oxalá, em breve, possamos ler os versos de Camões numa verdadeira «edição crítica»! Oxalá não faltem, por outro lado, como têm faltado até agora, edições populares das suas obras, organizadas com seguro critério, nas mãos de todos os portugueses; E é isto o menos que pode desejar-se, no dia em que se evoca o nome de Camões.

UMA NOVIDADE LITERÁRIA

O PRIMEIRO ROMANCE DE

MÁRIO DIONÍSIO

não há morte nem princípio

«...ei-lo, finalmente, esse inevitável, arriscadíssimo romance, um belo romance, um romance novo, complexo, perturbador, um desses romances que nos fazem pensar, que são a imagem cruel (e polémica) de muitos dos nossos fracassos.»

Augusto Abelaira

Col. «Obras de Mário Dionísio», 300 págs., 65\$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreperdões, 6, 2.º



LIVROS E AUTORES

«Segunda Imagem», de Natércia Freire
(Sociedade de Expansão Cultural)

«Nada foi como queria
Foi tudo como sou»

Este dístico serve de legenda ao livro de Natércia Freire e realmente o define. Livro de subterrânea luta de uma segunda imagem: Lucidez na sombra entre o ser e o estar. Luta em intensa poesia de forma expressa.

Anda, revê-te na tua obra
Diz o que sabes, diz a que vens!
Fala, confusa mulher de sombra
Fala da treva que te contém.

Revê-te na tua obra. O Poeta acredita num determinismo que o contém: e manda acremente a si mesmo

por MATILDE ROSA ARAÚJO

rever-se na sua obra, quer a claridade do que sabe, do fim proposto (a que vens) adentro dessa treva. E nessa confusão lúcida desdramatiza-se.

E sabe que os homens morrem sua morte a sós, longe de um Deus sem tempo que deles sorri (mais cruel sorrir que condenar). Morrem num Amor sem companhia.

A liberdade para o Poeta é a desumanização, espécie de personagem com máscara fria do nada:

Liberdade sem forma nem rastros,
De geada rosada nos astros
De pegadas aéreas nos mactros.
Nevoeiro, Iceberg e enfim...

Não mais rostos, mentiras, apelos,
Mas os gelos, os gelos, os gelos.

Temperaturas fundentes e puras
— Que tão claro é vogar às escuras

Quase o riso para os nossos problemas
A piedade para os nossos poemas.

É no Espelho-cilindro de gomos
Muita cinza por dentro dos olhos
De estátuas volantes que somos.

E o drama de Natércia é um drama (ou tragédia) de sombra e claridade no seu vislumbre — mãos nostálgicas de morte sem florações humanas. Sombra e claridade na consciência diversificada de que «Nada é vão. Tudo é vão./Nada é mau. Tudo é mau./ Nada é bom. Tudo é bom». E se não há um comprometimento de dúvida do para onde? havê-lo-á do onde e como a sua humanidade se processa.

A Liberta em Pedra continua-se na Segunda Imagem, livro de estátuas de uma solidão infinita. Estátuas volantes. As próprias palavras na sua subterrânea (e poderosa) poesia se petrificam. São poema ilegível (legível para dois/ou três homens-planetas).

E todos somos a velha raça dos malditos:

Não sabemos amar. Não sabemos falar.
Gagos. Surdos. E coxos. Idiotas
Com ambições honestas
As vezes...

Todos. Num mundo onde há ainda tanta higiénica inocência de Pilatos.

No Antipoema, Natércia pergunta:

Onde foi que te li,
Poema que levantas o teu corpo
Dos pés mortais dos homens?

E nas veias circulas saliente,
O teu sangue de jovem?

Estás nas asas de Pégaso, no espanto
Que há séculos transformas,
Sobre inventos, torturas, derrocadas.

— Onde foi que te li,
Poema que desliza seda fina
Nos pés venais da História?,
Branços pés da Vitória
De Samotracia...

A História tem pés venais: pés que pisam o sol de todos os homens que, no seu humano e anónimo sacrifício, deram asas a Samotracia.

...Perdi as letras das palavras todas
Com que podia dar-te

E nesse amor de amar o sofrimento
Range o poema ao vento
Mas não se chama Arte.

Eu quase chamava Camões para definir em resposta o valor do Amor — o poema ao vento — nesse julgar

que se ganha em se perder. Mas se o Amor, se o poema rangeu ao vento ainda bem que o poema não teve palavras. Ainda bem que se perdeu. Amor é futuro. E Arte é sempre futuro.

E a solidão continua. Continua estatutária nas solidões redondas de grande figura, só de sal. A própria morte, embora libertação, é estatutária. O Amor não existe no tempo, no tempo que vive o Poeta e que o Poeta vive. Um no Espaço (no Puro corpo singular: Quem poderá dormir dentro do mundo?)

E tudo é nada e ninguém. Corpos sem rosto, sem sangue, em ansiedade transmigratória. A Ira, Sagrada Ira, Deusa de Lume e Sal açoita-a. Quem poderá dormir?

O Sol, os rios, os mares, os gelos são personagens a vestir ausências; não vemos o Poeta deter-se à beira do caminho e colher, sem pensar em desgosto que tem boca, o fruto humaníssimo de uma árvore (humaníssimo nos nossos sentidos despertos até no do ouvido). Ela não vê a árvore:

Tu que a árvore vês
Ao redor da miragem
Vês o fumo da seiva
A neblina da cor.

A sua palavra é de vidro no equilíbrio desfeito. E ela desarmada. Estátua. E só. Talvez a dor na sua essência.

Quando Natércia Freire invoca Cecília Meireles (Multidões de rostos, Cecília, Solombral!) é bem mais difícil a sua aproximação com Cecília nas raízes da vida que nas da morte: cabelo de sombra mas rosto de sol. Cecília, a pastora de nuvens, não é tão femininamente letal como Natércia. Cecília tem tempo, tem espaço embora despásada. Cecília tem a alegria de ver, de ser, de estar. E, apesar de uma raiz bem comum — a Morte — é esta face viva de Cecília que atrai Natércia. No equilíbrio da luz que procura. Que procura em tempestade subterrânea.

Disse Alvaro Salema que «A linguagem poética de Natércia Freire tem a palpitação, a energia e o calor das tempestades interiores». Esta Segunda Imagem ilustra bem tais palavras: contensão nascida da violência, poesia funda que a imola a ela própria na vaguidade do que a dói — na consciência do Amor que é a fraternidade dos seres (e até das coisas) que nos dá a nossa própria imagem. E a de todos os outros, na secundidade de quem ama. A Segunda Imagem que se procura, pela qual estamos.



Natércia Freire

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES
PARA OS DOMINGOS

Aos sábados, na estação do
Cais do Sodré, das 15 às 22 ho-
ras.

VENDA DE SERIES
DE 20 BILHETES
SEM DATA

Todos os dias e em todas as
estações.

UM ESTUDO DE TOYNBEE TRADUZIDO E PREFACIADO
POR VIEIRA DE ALMEIDA

Em denso e imponente volume de quase oitocentas páginas, acaba de publicar a Editora Ulisseia «Um Estudo de História», do grande mestre da historiografia e do ensaísmo historiográfico moderno que é Arnold Toynbee. A esta edição de uma obra de alta cultura vem ainda associada o nome de uma grande e inesquecível figura intelectual portuguesa: o professor Vieira de Almeida. No trabalho criador intenso e fecundo dos últimos anos da sua vida, em que parecia vibrar uma juventude intelectual e cívica re-

conquistada, a tradução deste livro fundamental de Toynbee e o longo prefácio que para ele escreveu foram testemunho de uma vitalidade de espírito que fascinava os seus amigos e admiradores.

«Esta obra destina-se sobretudo aos espíritos cultos e desejosos de conhecer toda a verdade histórica. No seu profundíssimo estudo, o professor Arnold Toynbee interpreta e analisa com exaustiva minúcia todos os factos susceptíveis de terem um novo sentido ou darem a entender um retrato mais ajustado da história de todas as civilizações do Mundo. Historiador de grande exigência intelectual, Arnold Toynbee ergueu um marco literário de excepcional importância, talvez único no estudo das relações e factos da história.»

Eis as palavras com que o prof. Vieira de Almeida termina o seu prefácio a esta magnífica tradução, que a Editora Ulisseia apresenta ao leitor português: «A obra vastíssima e meritória de Toynbee lembra o conto dos filhos a quem o pai moribundo revelou que escondera no seu campo um tesouro, e que para procurá-lo após a morte do pai

revolveram a terra a ponto de ela ter traduzido com abundância, que foi o prémio desse esforço. Esse era o tesouro escondido. A concatenação, a largueza de perspectiva, a riqueza de dados, a abundância e minúcia da obra, foram o prémio do esforço e constituíram o verdadeiro tesouro que a teologia transcendente prometera a Toynbee, e lhe foi estímulo na realização da sua obra monumental.»

Evocando Vieira de Al-

meida, ante este livro de excepcional significação cultural, reencontrar-se essa singular figura da inteligência portuguesa de cuja obra Rogério Fernandes escreveu expressivamente: «A par da de António Sérgio, pela proximidade de directores e convergência de resultados, é uma das mais importantes no âmbito da cultura portuguesa de hoje, dada a multiplicidade de temas abrangidos e o interesse e actualidade da sua orientação.»



Prof. Vieira de Almeida

LG
uma editora em renovação

Colecção
Perfis

LUTHER KING

LUTHER KING

de H. Gerbeau 35500

UNIÃO GRÁFICA — R. de Santa Marta, 48 — Lisboa-2

VERSATILIDADE DE UM ESCRITOR

FERNANDO NAMORA E «UM SINO NA MONTANHA»

por ARMANDO VENTURA FERREIRA

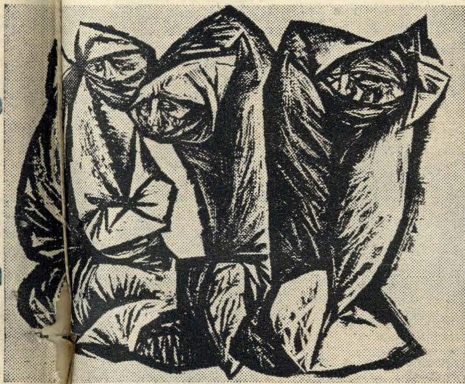
UMA das grandes qualidades de Fernando Namora, como escritor, parece-me ser a sua versatilidade. A versatilidade na literatura, quando o escritor é dotado de verda-

deiro talento, só pode resultar favoravelmente. Há aqueles escritores que nós definimos como iguais a si próprios. E definindo-os assim, implicitamente insinuamos que eles são uniformes. Daí até os considerarmos «aborrecidos», embora com talento, vai um passo muito rápido. Então no tempo de hoje, em que tudo está em intensa transformação, ser uniforme,

igual a si próprio, deixou de ser qualidade. A rápida transformação do mundo hodierno (e dizemos rápida porque tecnicamente o mundo acelera as suas coordenadas — e há provas disso todos os dias, nas diversas ciências modernas), não se compadecce com a uniformidade de atitudes criativas na literatura e na arte.

Já o próprio Fernando Namora o demonstrou num excepcional livro a que ele chamou, de despreocupadamente, «Diálogo em Setembro». Setembro é um mês do ano, diálogo pode manter-se em todo o ano. Mas o tema de «Diálogo em Setembro» não é, necessariamente, o decorrente dos encontros de Genebra que lhe serviu de alvo. É o tema da tomada de consciência que a aceleração tecnológica imprimiu nos indivíduos. Quando foi da primeira revolução industrial, a da máquina a vapor, os homens que a ela assistiram e que nela tomavam parte, não a aceitaram naturalmente e houve quem, perante os barcos sem velas, ou as locomotivas sem cavalos, julgasse que tudo isso era obra do demónio. Se houve filósofos, ou filósofos políticos, que viram lucidamente as consequências de tais invenções, o certo é que não se encontra na grande literatura do tempo uma equivalência de compreensão, mesmo através da interrogação e da dúvida.

«Nazarenos», xilografia em papel, de Luis Ferreira da Silva (edição da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, «Gravura»)



(Continua na pág. 7)

CULTURA PORTUGUESA

BIBLIOGRAFIA • VIRGÍNIA RAU: «POLÍTICA ECONÓMICA E MERCANTILISMO NA CORRESPONDÊNCIA DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO» Col. Estudos de História, Editorial Verbo

A tão vasta como importante actividade historiográfica que a Prof.ª Virgínia Rau tem desenvolvido nas três últimas décadas tem-se orientado especialmente para os temas de história económica, embora tenha publicado bastantes estudos que se enquadram noutros sectores da história. Metodologicamente, caracterizam os seus estudos uma ampla e bem orientada investigação, quer bibliográfica quer arquivística, um vasto aproveitamento da bibliografia estrangeira e da documentação existente em arquivos doutros países, e um penetrante e aprofundado estudo analítico de certos problemas, realizado paralelamente com uma arguta relação dos aspectos focados com outros mais genéricos

mental para o conhecimento da personalidade e da acção diplomática de Ribeiro de Macedo. Especialmente curioso foi o papel que este teve, repetidas vezes revelado nesta correspondência, como divulgador, entre nós, do mercantilismo. Um dos pontos desta doutrina económica, como é sabido, consiste na afirmação de que uma balança de pagamentos favorável é condição indispensável para a desafogada situação económica de um Estado (J. Borges de Macedo no «Dicionário de História de Portugal»). Ora, como anotou pertinentemente a Prof.ª Virgínia Rau e as cartas de Ribeiro de Macedo sobejamente mostram, uma das suas preocupações predominantes era «o desequilíbrio da nos-

ção de certas mercadorias. E teve quem o escutasse e quem concordasse com ele: Francisco Correia de Lacerda, o duque de Cadaval e o marquês da Fronteira, que em carta de 3 de Agosto de 1671 lhe dizia: «Depois das lútes e importantes exortações de V. M. me tenho metido tanto na economia da nossa corte que já me não contarei de que tenhamos aquelas artes que bastem ao nosso governo, mas as melhoramos de tal sorte que excedam os seus primeiros inventores e que abundem tão copiosamente que as navegamos para as mesmas praças que no-las navegaram até agora.» Por isso este opúsculo, se é precioso pelas notícias que dá, pelas informações que contém, pelos judiciosos comentários e apreciações da sua autora, representa também um precioso elemento para o estudo das doutrinas económicas em Portugal e para que um dia se trace com sólido fundamento a sua evolução.

«Estudos de Histórias», da mesma autora, é um volume que a Editorial Verbo incluiu na sua colecção «Presenças», conteúdo seis estudos que, apreciados originariamente em publicações pouco frequentes ou estando esgotados, se resolveu e muito bem reeditar num volume. Esses estudos são os seguintes: Uma família de mer-

cadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini; Cartas de Lisboa no Arquivo Datini de Prato; Um grande mercador-banqueiro em Portugal: Lucas Giraldo; Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (Séculos XV e XVI); Rumos e vicissitudes do comércio do

(Continua na pág. 7)

por Fernando Castelo Branco

sa balança comercial, donde a urgência de protecção ao comércio de Portugal e de medidas para promover o seu engrandecimento» e as diversas providências que para tal ele constantemente sugeriu: montagem de uma indústria nacional, proibição de exportação de matérias-primas e da importa-



Reunião na Academia Francêsa: Marcel Arland, de pé, ao centro, faz o elogio do seu antecessor na cadeira que foi ocupar, André Maurois, à esquerda e à direita, os padrinhos do novo académico, respectivamente Jacques de Lacretelle e André Chamson; e, nas filas da frente, reconhecem-se os «mortais» Jean Guéhenha, Marcel Pagnol, Maurice Drumont, Pasteur Valéry-Radot e Marcel Achard

O PROBLEMA DAS TRADUÇÕES

O problema das traduções reveste-se de variados aspectos que interessam ao editor, ao tradutor e ao público. Com o propósito de apreciar as múltiplas facetas desse importante problema propusemo-nos recolher as opiniões de algumas figuras representativas dos sectores mais directamente

INQUERITO AO TRADUTOR-ESCRITOR JOÃO PALMA FERREIRA

— Porque traduz? — Por dois motivos diferentes — por gosto; por necessidade. Foram raríssimas as traduções que realizei por puro gosto: «Henderson, the Rain King», de Saul Bellow; «The Catcher in the Rye», de J. D. Salinger; «Macbeth», de W. Shakespeare (esta, mesmo assim, um trabalho mais «escolar» do que uma tradução de «gosto»). Por necessidade (ah!, é verdade — nós comemos!) fiz algumas. Custou muito. Fiquei doente... e outras nem sequer consegui terminá-las. — Isso não prejudica o seu trabalho de criação? — «Isso» será o trabalho de tradução «por necessidade»? Claro que prejudica os interesses do escritor. Mas tudo prejudica o lento, difícil, tremendo trabalho de criação. Concordo, não obstante, que as traduções de «comendas» podem, inclusivamente, originar frustrações, fadigas e «ascos» que saturam o escritor a tal ponto que ele se vê obrigado a pedir férias, isto é, a emigrar para uma perdulização de tempo e de distrações que o afastam do impeto que diariamente deve, para si próprio, reservar. Mas se a tradução é de uma obra que amamos e de um autor que merece todo o nosso respeito, pode, ela própria, transformar-se numa segunda criação. E pode auxiliar-nos. — Como se estipula o preço de uma tradução e quais as formas de pagamento? — Na minha curta experiência de tradutor apenas trabalhei com três editores. Uns estipulam o preço por página dactilografada, a dois espaços; outros estipulam o preço por cálculo; outros (os raros) aceitam o preço que é estabelecido de antemão pelo tradutor. O trabalho de tradução é, mesmo assim, melhor remunerado do que o trabalho de criação (sob este aspecto é preferível nem se falar do assunto, creio eu). Mas o trabalho de tradução, convenhamos, é um serviço prestado a pedido do editor e no interesse do editor: não é uma oferta. Não sei de tradutores que andem com obras

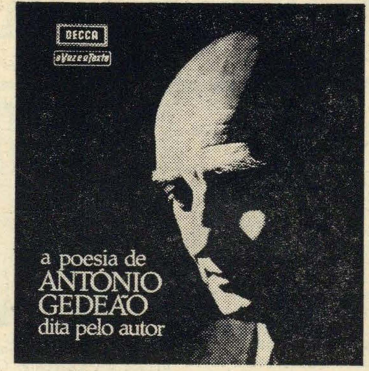
DANIEL GONÇALVES

— Qual é a situação profissional de um tradutor? — Se definirmos profissão como a actividade regu-

larmente exercida por um indivíduo que presta a outros determinados serviços, em regra remunerados, podemos sem dúvida falar de «tradutor profissional». É uma espécie que existe. Possui, de profissional, as condições esquemáticas e necessárias enunciadas na definição: mas mais nenhuma. Exerce um mister liberal, sujeitando-se a todos os riscos inerentes a essa categoria de trabalhadores. Por outro lado, se for competente e persistente no trabalho, pode obter honorários mais elevados do que os vencimentos pagos pelas entidades patronais às várias espécies intelectuais assalariadas. — Concorda com uma maior preparação especializada? — A especialização é indispensável dada a heterogeneidade dos textos originais propostos à diligência do tradutor. Além da ficção — com os seus problemas muito latos — traduzem-se obras científicas e técnicas que versam assuntos altamente especializados tratados num vocabulário específico não acessível aos leigos. Um tradutor, mesmo um tradutor competente, não está, pelo mero facto de conhecer bem a língua original, habilitado a verter para português textos que cuidam de matéria alheia ao seu pelouro cultural. — Que garantias de futuro tem um tradutor? — As mesmas que qualquer trabalhador em regime livre. O futuro terá ele próprio de garanti-lo, se é que de futuro pessoal se cuida. Se é de futuro profissional, terá de merecê-lo. — E garantias de trabalho? De estabilidade? — Garantias de trabalho? Existem porventura essas garantias em qualquer profissão? Não depende sempre o trabalho (que a Constituição de 1933 erige em direito subjectivo público segundo a interpretação dada ao preceito constitucional por um professor de Direito Corporativo), da benevolente vontade — ou da inelutável necessidade — das entidades que o podem dar? Em suma, creio que a competência profissional constitui a única garantia — embora muito relativa e muito falível — em que se pode fiar o tradutor. Quanto a garantias de estabilidade é minha opinião de que na presente conjuntura só podem ser ilusórias, mesmo para os que se creem garantidos. Resumindo: a única garantia está em o indivíduo se encontrar em condições de oferecer serviços que correspondam à procura do mercado do trabalho. E isto é válido para o tradutor e para todos os que vivem da sua indústria.

(Continua na pág. 6)

POESIA DECLAMADA PELOS AUTORES



Para a colecção de discos «A Voz e o Texto», da Decca, foram gravados sete poemas de António Gedeão, ditos pelo autor: «Poema do coração», «Poema dos passarinhos antigos», «Poema do homem só», «Enquanto», «Lágrimas tudo», «Dez réis de esperança» e «Poema da morte na estrada». A voz do poeta, de quem Jorge de Sena escreveu que é «uma das mais sérias e originais personalidades surgidas nos últimos anos», tem nesta expressão pessoal em disco uma intimidade mais comunicativa.



Na mesma série foi apresentado um disco de Alexandre O'Neill recitando poemas da sua autoria: «O grilo», «Venezá aos gatos», «Velha fábula em Bossa Nova», «Made in Portugal», «Cão», «Gato», «Formiga», «Cisne», «Andorinha», «Albertina ou o insecto insulto ou o quotidiano», «Recebido como mosca», «O macaco (valsa lisboeta)», «Sigamos o cherno e «Os lagartos ao sol». É legendada a colectânea com a frase «Os bichos também são gente» e a locução do autor, que tem a qualidade de insinuante declamação, mais valoriza este disco de poesia.

MEU LAGO NIASSA TRAZIDO DOS OUTROS

por ANTÓNIO MODESTO NAVARRO

Vi uma vez para lá do paralelo 48 mesmo à beira do lago uma árvore

era extensa, larga frondosa, adjetivada

Produzia desejo, um gesto vago de colocar o nome a morada a direcção

Nesse tempo era norte o sul, punham-se os rádios a tocar e abafavam coibiam os soluços que vinham à madrugada roubar o alvorecer

Meu lago de entontecer duma história aos quadrados vigilante aguentada retorquida numa sombra

fria a criação duma doença

Meu pobre lago extenso de águas rebeldes que buscavam a morte nos peixes quietos à espera

E quando uma lenta mão subia a tua margem, progredias

entontecia lançavas a canção

O tesouro na gaveta... Faqueiros de Prata TOPAZIO duplamente trabalhados valem cada vez mais Vendem as melhores Ourivesarias

Correio das Letras

★ A França tem um novo ministro da Cultura: André Malraux, o escritor consagrado de «L'Espoir» e da «Condition Humaine», passou os seus poderes para Edmond Michelet, antigo ministro do Exército (de 1945 a 1946). Edmond Michelet tem setenta anos e a sua obra literária consiste numa série de apologias a de Gaulle e um livro de memórias, «Rua da Liberdade», em que conta os quinze meses que passou em Dachau.

★ Em Outubro próximo será publicado o novo livro de João Palma Ferreira, «A porta do Inferno», volume de narrativas subordinadas ao tema geral da morte.

★ Em Junho de 1959 morreu Boris Vian. Dez anos depois a sua obra extraordinária ganha novas significações... novas dimensões... A revista «Le Nouvel Observateur» presta-lhe homenagem no seu n.º 243.

★ No jornal «Le Corriere de la Sera», de 10-7-69, foi publicada uma notícia sobre «Três Tiros e Uma Mortalha», de Rogério Fernandes, referindo-se a esta obra como um dos «best-sellers» actuais.

★ Henry de Montherlant publicou na Gallimard: «Les Garçons»: a vida num colégio católico antes da guerra de 1914. Marguerite Duras, por sua vez, edita nas «Editions de Minuit» o seu romance «Detruire Dit-Elle»: num hotel construído na orla de uma floresta, três clientes que não se conhecem, solitários, que se examinam... «Romance fulgurante como o amor, silencioso como a morte, grave como a loucura (...).»

★ O jornalista Marques Castão entregou já a um editor o seu livro: «As Confissões Que Me Fizera», livro que constitui o terceiro volume da série de «O Carnet do Repórter».

MONTRA DA SEMANA



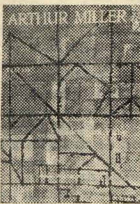
«IN ILLO TEMPORE»
por Trindade Coelho
Editor — Portugália Editora
Preço — 50\$00

«In Illo Tempore» — Estudantes, lentes, e lutricas — (8.ª edição), de Trindade Coelho, é um livro de sempre, um livro jovem e imediato. «Entre todos os livros em que a Coimbra lendária e académica é evocada, este é o livro clássico — depois do «Palito Métrico». Capítulos como o do «Saraiwa das Forças», «O Velho», «Miserere Nobis», entre tantos outros, fazem desta obra uma das mais características da nossa literatura.

Livro de um passado onde se encontra muito do presente.

«INCIDENTE EM VI-CHY»
por Arthur Miller
Tradução — Norberto Ávila
Coleção — Teatro
Editor — Portugália Editora
Preço — 35\$00

O nome de Arthur Miller apareceu pela primeira vez, nos cartazes da Broadway em 1944. Escritor americano hoje dos mais conhecidos e dos mais



«AS FRIAS MADRUGADAS»
por Fernando Namora
Editor — Publicações Europa-América

«As Frias Madrugadas» (3.ª edição) é um livro de poesia de Fernando Namora: «Nesta colectânea se reúnem, na sua maioria revistos ao longo dos anos, os versos publicados nos livros «Relevos», «Mar de Sargaços» e «Terra» e ainda algumas poesias ulteriores que, por pertencerem a uma fase mais conforme com «Mar de Sargaços», nele serão incluídos». Em Fernando Namora poe-



ta, encontra-se, sempre, embora de uma outra maneira, Fernando Namora romancista e contista... «Versos são, para Fernando Namora, outra forma de comunicação e de estreito contacto consigo próprio, com a natureza e com a humanidade.»

«OS GUERRILHEIROS»
por Jean Lartéguy
Tradução — Maria Margarida David Lopes
Coleção — Documentos de Todos os Tempos
Editor — Livraria Bertrand
Preço — 80\$00

«Este livro foi escrito com a colaboração do meu amigo Louis Sapin, que me arrancou, não sem dificuldade, à velha Ásia, lógica até ao absurdo, dinâmica, pululante de vida, carregada com toda a história do mundo, para me conduzir a este continente latino-americano vazio, embora possuidor de todas as riquezas, esgotado



sem, no entanto, ter tentado nada de grande, ébrio de liberdade, mas submetido a algumas oligarquias anacrónicas e insuportáveis. A sombra desse velho louco que foi D. Quixote erra nos seus desertos e nas suas selvas, nos seus planaltos e nas suas cordilheiras, apenas acompanhado por um índio desdentado, bêbado e taciturno, que o detesta — o seu Sancho Pança.»

«Os Guerrilheiros», livro mundialmente conhecido e também discutido, é a crónica da guerra popular da América Latina — vista por Jean Lartéguy — com as suas figuras, os seus mitos, os seus grandes homens: Che Guevara, Fidel, César Montez, e tantos, tantos outros.

«RIO TURVO»
por Branquinho da Fonseca
Editor — Portugália Editora
Preço — 50\$00

Branquinho da Fonseca, autor de «O Barão», um dos nossos melhores contistas, tem neste livro, «Rio Turvo» (1.ª edição em 1945), uma das suas obras mais conseguidas.



Diz Alexandre Pinheiro Torres: «Rio Turvo» é geralmente tido por um dos mais belos contos das últimas décadas. Lembremos também João Maia: «Na tradição do conto português, Branquinho da Fonseca marca uma faceta original. Se a poesia acusa lugar de relevo em Trindade Coelho e Miguel Torga, em Branquinho da Fonseca insinua-se na trama analítica do conto de cariz psicológico.»

«HISTÓRIA UNIVERSAL»
por Carl Grimberg
Tradução — M. Manuela Faure da Rosa
Editor — Publicações Europa-América
Preço — 35\$00

Acaba de sair o 20.º e último volume da «História Universal», de Carl Grimberg, que a Europa-América tem vindo a publicar. Obra de interesse



incontável (com excelente tradução e muito bom aspecto gráfico), teve, entre nós, a direcção de Jorge de Macedo, professor da Universidade de Lisboa. Este 20.º volume é dedicado ao Mundo Contemporâneo.

«OS DEUSES MORREM DE MANHÃ»
por Gilbert Prouteau
Tradução — Carlos Araújo
Coleção — Documentos Humanos
Editor — Portugália Editora
Preço — 60\$00

A morte é como uma mulher ansiosa, neste livro estranho; a morte é nele tratada como tal: avidamente.

Um livro belo sobre a morte? Será antes, isso sim, um livro vivo sobre dez grandes poetas: Kleist, Chénier, Shelley, Pushkine, Nerval, Poe, Lorca, Saint-Pol Roux, Saint-Exupéry, Desnos. — «Esbocei



simplesmente dez retratos de antes da morte. Preenchi as folhas de um álbum especial, o álbum da última fotografia». Mas porque estes dez poetas? — «Porque me pareceram os mais representativos exemplos da lei de Baudelaire. Porque ilustram, a traço nítido e patético, a vingança dos génios das trevas. Porque neles a conjugação da vida, da obra e da morte forma indissociável monumento.»

«A cada um a sua morte — dizia Rilke — e morreu da picada de um espinho de rosa»...

«JERÓNIMO E EULÁLIA»
por Graça Pina de Moraes
Editor — Sociedade de Expansão Cultural
Preço — 35\$00

«Jerónimo e Eulália» é o último romance de Graça Pina de Moraes: um romance estranho e opressivo, um romance forte e de uma sensibilidade tão aguda, tão brilhante, tão facetada, que chega a doer, a magoar. Romance doentio? Não. Antes um romance violento e raivoso (tão céptico!) de uma mulher vibrante e «mortalmente» sensitiva, receptiva e inteligente.



«O SER E A CONSCIÊNCIA»
por S. L. Rubinstein
Tradução — Rogério Fernandes
Coleção — Problemas
Editor — Portugália Editora
Preço — 70\$00

Sérgio L. Rubinstein nasceu na Rússia em 1889 e morreu em 1960. Antigo professor de Psicologia, foi membro e investigador no «Instituto de Filosofia» da célebre Academia de Ciências da U. R. S. S.

Sobre «O Ser e a Consciência», diz o próprio autor, em



nota de apresentação a esta sua obra: «O Ser e a Consciência» é uma obra consagrada a um dos problemas mais importantes da Filosofia: a natureza do psíquico, da consciência na sua relação com o ser, com o mundo material. Nela se examinam algumas questões fundamentais da teoria do conhecimento, como sejam os problemas respeitantes ao ideal e ao material, ao subjectivo e ao objectivo, etc. (...) A última parte de «O Ser e a Consciência» é dedicada aos problemas teóricos da psicologia, em particular aos que tratam da psicologia da personalidade».

«OBRAS COMPLETAS DE TEIXEIRA DE PASCOAES»
Editor — Livraria Bertrand
Preço — 50\$00

Das obras completas de Teixeira de Pascoaes, que a Livraria Bertrand tem vindo a publicar numa edição parcialmente crítica, concebida e realizada por Jacinto Prado Coelho, acaba de sair o V volume: «Cantos Indecisos», «Londres», «Dom Carlos», «Cânticos», «O Pobre Tolo».



Teixeira de Pascoaes é uma das mais altas figuras da nossa literatura.

«INTERNATO»
por João Gaspar Simões
Coleção — Contemporânea
Editor — Portugália Editora
Preço — 60\$00

Saiu a 2.ª edição do romance de João Gaspar Simões: «Internato», seu sexto livro de ficção.

Romancista, ensaísta, crítico literário (há 13 anos que mantém a rubrica de «Crítica Literária» no «Diário de Notí-



cias»), João Gaspar Simões é uma das figuras mais em destaque no nosso panorama literário.

«DISCURSO DIRECTO»
por David Mourão Ferreira
Editor — Guimarães Editores
Preço — 40\$00

«Penso que este livro suficientemente se explicará a si próprio; mas sei também como se torna temerário, em circunstâncias que tais, serem



os autores demasiado confiantes ou optimistas.» — Numa nota preliminar, explica ao leitor, David Mourão Ferreira, o que pretende com este seu livro, o que é este seu livro: «(...) crónicas. Desta vez, nem críticas nem ensaios: crónicas. Umhas sobre factos ou mitos do quotidiano, outras sobre motivos de viagem, a maior parte sobre literatura; mas todas elas, honradamente, apenas isto: crónicas.»

David Mourão Ferreira, um dos nossos melhores poetas da hoje, é também excelente novelista e ensaísta.

O PROBLEMA DAS TRADUÇÕES

(Continuação da pág. 5)

— A como é paga uma tradução?
— O pagamento das traduções é variável, entrando no cálculo o elemento subjectivo representado pelos méritos do tradutor. Uns editores pagam melhor, outros pior. Se considerarmos a modéstia do mercado nacional, o fraco volume das tiragens e os riscos da edição (que pode ficar na poeira do armazém), alguns editores remuneram razoavelmente o trabalho do tradutor. Contudo um salário suficiente só pode lograr-se com muito trabalho, muita disciplina e muita constância: e à custa de grande desgaste.

— Como se processam os pagamentos e os prazos de entrega de cada trabalho?

— Os pagamentos são ordinariamente efectuados contra a entrega total ou parcial da tradução. São raros os casos — conheço dois concretamente — em que o editor só paga integralmente a tradução, ou decorrido um prazo de 90 dias sobre a entrega do trabalho, ou (o que é ainda mais inconcebível), quando da publicação da obra traduzida. São contratos leoninos que só colhem nas suas redes tradutores inexperientes ou muito necessitados. Deste regime ressentese naturalmente a qualidade da produção oferecida ao público — a grande vítima! — por esses editores. Quanto aos prazos de entrega dos trabalhos dependem, como é óbvio, das dimensões da obra do tradutor e do plano de publicações do editor. São geralmente prazos bastante generosos.

ILFORD O FILM MAIS RÁPIDO
SELOCHROME

A PELÍCULA QUE SIMBOLIZA A MAIS ALTA PERFEIÇÃO EM FOTOGRAFIA

ILFORD SELOCHROME

A MARCA DE ABSOLUTA CONFIANÇA

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTES:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
RUA DA CONCEIÇÃO, 46, TEL. 361545 LISBOA

CULTURA

PORTUGUESA

(Continuação da pág. 4)

sal português nos séculos XIV a XVIII e Aspectos do pensamento económico português durante o século XVI.

O último desses estudos, pelo que representa de novidade entre nós, reveste-se de um particular interesse. Diz a Prof.^a Virginia Rau que, «na história tão variada da letra de câmbio, as doutrinas da Igreja referentes à usura representaram um papel preponderante.» Por isso, a esse respeito, «dos prelos portugueses saíram trabalhos de mestres comibriscenses, eborenenses e salmantinos, ao mesmo tempo que nas cátedras se ouviram as preleções dos doutores e nos tribunais as sentenças dos juristas.» Para estudar e esclarecer precisamente este movimento doutrinário, de tão fundas repercussões na vida económica, escolheu a autora as obras do jesuíta Fernão Rebelo e do franciscano Manuel Rodrigues e analisou cuidadosamente os textos das ordenações e da legislação extravagante. Os resultados deste trabalho de investigação têm o maior interesse para o estudo das doutrinas económicas e teológicas em Portugal, dando-nos ainda uma fecunda lição de metodologia histórica: como as doutrinas se interpenetram e mutuamente se influenciam, como o dever dos acontecimentos históricos oferece no aspecto da causalidade, da génese e da influência mútua dos eventos, uma complexidade por vezes surpreendente.

Rumos e vicissitudes do comércio do sal português nos séculos XIV a XVIII é uma panorâmica e em boa parte uma revelação do que foi a exportação de sal durante esses séculos. Além de nos deixar a conhecer um dos aspectos mais importantes do nosso comércio externo, este estudo interessa grandemente para uma importante problemática histórica: a da caracterização do comércio externo português durante a Idade Média. Sustentou Jaime Cortesão que a partir do século XII o género de vida nacional era o comércio marítimo com base na agricultura, sendo os produtos portugueses mais demandados pelo estrangeiro os vinhos e o sal, ainda que da indústria agrícola outros artigos, como o azeite e as frutas, se exportassem em grande quantidade e que tivessem igualmente lugar importante na exportação do pescado seco. Não era assim para António Sérgio, pois pensava que Portugal «só foi fornecedor de primária importância no que toca aos produtos da exploração do mar: o peixe e o sal. No próprio vinho éramos modestíssimos (...) se não realçámos como fornecedores de vinho, nem de nenhuma das restantes produções agrícolas, e se sofriamos de falta de cereais (...) ninguém nos superava no sal marinho». A Prof.^a Virginia Rau, na sua dissertação sobre o sal de Setúbal, concluiu pela antiguidade da exportação do sal português, «mas em condições desfavoráveis perante a enorme concorrência francesa. Só mercê das condições económico-políticas que durante os séculos XV e XVI transformaram a Europa (...) se inverteu a posição de Portugal perante os interesses e as necessidades dos centros consumidores. Houve um relativo predomínio sobre a França, sem todavia nunca conseguirmos eliminar a sua perigosa rivalidade.» Por isso, discutindo esta dissertação, o Prof. Damião Peres, com um nível intelectual que a longa distância ainda recorda-

mos, disse, se a memória não nos atrainça, que o trabalho da Prof.^a Virginia Rau continua a contestação dessa tese de António Sérgio. Agora, neste novo estudo sobre o sal, conclui a ilustre historiadora que «o sal constituiu, com o vinho, o azeite e as frutas, a grande tetralogia da exportação medieval portuguesa». Parece-nos portanto que estes seus estudos sobre o comércio do sal português têm levado essa investigadora à contestação, pelo menos parcial, da tese de Sérgio e a reafirmar a tese de Cortesão. Evidente é a extraordinária importância desta conclusão, tão importante que nos leva a formular o voto de que um dia a Prof.^a Virginia Rau venha a escrever um estudo consagrado especificamente à análise crítica dessas duas teses.

Não nos permite o carácter desta revisão num jornal diário, apreciar pormenorizadamente todos os artigos inseridos neste volume. Registando as características que no início atribuímos aos trabalhos da Prof.^a Virginia Rau, eles representam tão sólido como importantes contributos para a historiografia portuguesa, que à insigne Mestra deve altos serviços. Que em outros volumes se reficem os seus restantes trabalhos, esgotados, guardados em revistas e colectâneas muito pouco divulgadas, conhecidos por meio de separatas que raros possuem e que custa a encontrar, é de desejar vivamente, porquanto é inadmissível e deveras prejudicial que tão importantes trabalhos, pelo seu conteúdo e pela lição metodológica que encerram, tenham uma divulgação tão restrita. Tal situação, sem exagero, ofende os superiores interesses da cultura nacional.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

VERSATILIDADE DE UM ESCRITOR

(Continuação da pág. 4)

E perante os computadores modernos, perante as máquinas que deitam poesia cá para fora, que não sabemos se é de Paul Eluard ou se da máquina, é, quer queiramos quer não, altamente perturbante.

Perturbação é o que se verifica em **Diálogo em Setembro**. Perturbação também é o que sucede em **Um Sino na Montanha**. E depois há essa versatilidade de Namora que faz de **Diálogo em Setembro** uma obra semi-ficção, semi-realidade. Ou seja uma obra de ficção documental. Ou, se o preferirem, uma obra documental em que a ficção toma um lugar muito importante.

Senão, em que plano poderemos classificar o trecho **Um Sino na Montanha**? Ao descrever-nos uma viagem real pelas terras de Trás-os-Montes, Namora fala-nos de um caso presumivelmente autêntico, mas que é de pura ficção:

«Vou à Serra coser as tripas de um tipo. Quer vir?» Este compromisso entre a ficção e a narrativa de factos reais, marca não só **Diálogo em Setembro**, obra grande da geração a que pertence Fernando Namora, mas também **Um Sino na Montanha**.

Falei em versatilidade. Quando não apoiada em sólido talento, a versatilidade é pura procura de um modo de expressão que não se realiza, é verdadeira desorientação. Pelo menos em literatura.

Não direi que **Um Sino na Montanha** atinja o nível **Diálogo em Setembro**, obra Este é um livro sui-generis, insólito no nosso meio. E tanto foi insólito que não teve ainda a promoção conveniente, como outros livros de Namora, à tradução nos mercados europeus. Será que quando o escritor de ficção em Portugal se resolve a pensar, a imiscuir-se no meio europeu das ideias gerais, o seu interesse

desfalece? Bem sabemos que o mito das «realidades portuguesas» infecta tanto o editor português como o editor estrangeiro. Dá a impressão que, no fundo, para a edição internacional, interessa muito mais o folclore literário nacional revestido de crítica social do país, do que o emparelhamento com as ideias gerais europeias de homens deste país que também pensam a nível europeu.

Ou teremos de aceitar, a par do subdesenvolvimento económico um subdesenvolvimento intelectual?

Sermos provincianos da Europa tem sido a nossa condição. Julgámos, em tempos, que essa condição tinha sido ultrapassada. Pusmo-nos a par da Europa numa literatura na qual problemas sociais prementes se estadearam de modo sério. Mas com o nosso temperamento de a oito ou oitenta, logo que descobrimos o maná da literatura social reivindicativa, não cessámos de o explorar até à exaustão. E quando, na Europa, esse filão já tinha sido abandonado, nós continuámos e ainda continuámos a explorar minas esgotadas que não nos dão mais do que terra e cascalho. E quedamo-nos, como Narcisos, a contemplar o nosso próprio umbigo.

Não o entendeu assim Fernando Namora. Quando apareceu **O Homem Disfarçado**, falou-se muito de imperfeição nesse romance. Claro, apontaram-se vários defeitos, singularmente de ordem formal. Não se viu muito mais do que isso. E, no entanto, trata-se de um romance de quase feroz crítica social, mas em que o elemento psicológico, não muito fundo em anteriores obras deste autor, começa a tomar o lugar que é próprio de todas as grandes literaturas. **Diálogo em Setembro**, documento-ficção significativo de um talento que se aprofunda, não co-

nheceu ainda o grande êxito, nos meios intelectuais, que merecia. Por mais que se desdenhe de isso (hipócritamente), o êxito de um livro, no meio intelectual, conta muito.

Chama Fernando Namora a **Um Sino na Montanha** «cadernos de um escritor». Subtilmente indeciso — eu diria tímido. Estando, como está, na linha de **Diálogo em Setembro**; tratando, como trata, de assuntos os mais diversos, mas em que as «notas» de caderno são bastante mais do que notas, por vezes autênticos ensaios, eu diria que Fernando Namora não teve a coragem de chamar a este seu livro um livro de crónicas. De tal maneira está o género «crónica» desprestigiado em Portugal — o que não acontecia no séc. XIX e nos tempos da literatura que se seguiu à implantação da República —, que um escritor como Namora se vê forçado — e sem verdadeira consciência disso — a intitular de «cadernos» a boa crónica de «antanho» que estava longe da crónica jornalística de hoje, corriqueira, quotidiana quando se trata de assuntos domésticos; superficial, comprometida, quando se trata de problemas internacionais, ou de figuras, ou de ideias, que têm o seu trânsito no imediato.

Ora eu penso que é possível ser-se um bom cronista sem se pesarem os problemas pela rama. Que a crónica, que não é ficção nem documento humano, pode ter aquela largueza que a define como um género individualizado. Por isso chamo em meu auxílio este livro de Namora onde: «Um sino na montanha» faz figura de crónica de ficção; «O homem do Muro» só acidentalmente é crónica de viagem, porque o é muito mais de típica psicologia de violência, manifestada através da máquina fotográfica que para o seu possuidor representa simbolicamente uma arma de fogo.

Passando pela deliciosa crónica lisboeta que é «De como um cidadão se faz célebre»; referindo-nos a uma extensa crónica de viagem «No país dos lagos e dos livros» em que uma nação pouco conhecida cá neste extremo da Europa, a Finlândia, é analisada com uma surpreendente concisão para o tempo que durou o contacto do escritor com as gentes e a paisagem desse país; passando ainda pela crónica frustrate que é «Um sim ou não», onde se nota uma certa falta de coragem em abordar o problema em ângulos diferentes e necessários; e não falando nas crónicas de circunstância como as que dedica a Jaime Cortesão, Aquilino, etc., é conveniente de termos-nos um pouco no ensaio «Em torno do Neo-realismo», que consideramos algo deslocado neste livro.


Escasseia-nos o tempo para tratarmos a fundo do problema que Fernando Namora enuncia e cuja conclusão nos propõe: E o que, inesperadamente, talvez se possa exprimir pela voz dos que recusam ao movimento virtudes que o façam perdurar, quando, ao referirem-se às obras que denunciam uma lúcida superação das limitações iniciais, as consideram portadoras de «uma nova dimensão do neo-realismo». Não se trata, pois, ao que parece, de repúdio das linhas-mestras que deram ao neo-realismo uma personalidade singular,

mas sim de um progressivo ajustamento ao que delas deveremos exigir como obras de arte integradas no seu tempo.

No entanto, deixamos à sua meditação as objecções seguintes: a dialéctica da arte e da literatura, que não é idêntica à dialéctica dos movimentos político-sociais no espaço e no tempo, diz-nos que o neo-realismo é passado; a arte e a literatura não estão com, quando estar com representa estar em trânsito para esgotar as fórmulas político-sociais dominantes no mundo; o neo-realismo representou, no tempo próprio, e no nosso meio, o não estar de acordo com uma ambiência político-social opressiva da pessoa humana; o facto de essa ambiência continuar, não valida uma forma artística e literária que no tempo em que ela se justificava se exprimiua quase plenamente; as fórmulas artísticas e literárias podem caducar mesmo quando as fórmulas sociais dominantes continuam. Isto porque a arte e a literatura são uma coisa, a política e a sociedade outra. Preciso: o movimento dialéctico da socio-política não é o mesmo do da arte e da literatura. O capitalismo pode continuar, víçoso e vibrante, num neocapitalismo que em país novo, como a América, impõe em todos os capítulos a sua vitalidade, apesar de tremendos problemas internos. A arte e a literatura não se compadecem do esgotamento das suas fórmulas. E o neo-realismo, já ultrapassado nos países em que antes do nosso ele havia começado, é hoje, tenhamos coragem em reconhecê-lo, um movimento histórico, respeitável, evidentemente, mas ultrapassado. Ou negaríamos a dialéctica que poderíamos invocar na análise das últimas obras de autores neo-realistas? **O Homem Disfarçado** e **Domingo à Tarde**, do autor Namora que hoje nos ocupa, demonstram isso à saciedade. Pensei, há tempos, que essas obras representariam um neo-realismo em movimento, em progresso. Mas não há progresso em arte e em literatura. Há diferenciação. A obra mais recente de Namora é indicativo de tal diferenciação. Compreendo o ensaio «Em torno do Neo-Realismo», mas há nele muito mais uma «inteligência saudosas» do que uma «inteligência casuística».

Tirante o que precede sobre o neo-realismo do que o autor tem dificuldade em apartar-se, exactamente por motivo de uma «inteligência saudosas», verificamos que em Fernando Namora a intuição de ficcionista sobrepõe essa inteligência. O que não é de estranhar, aliás. Não começou este autor a sua obra mais significativa pela ficção? Ainda hoje «As Sete Partidas do Mundo» nos surpreende pela sua frescura. E à parte «O Homem Disfarçado» e «Domingo à Tarde», não poderemos deixar de citar os contos singularmente modernos de «Cidade Solitária». Singulares esses contos? São-nos pela falta de posição social em que o autor se coloca. Contos «imprevistos», assim eu lhes chamaria. Tal como chamaria às crónicas de «Um Sino na Montanha», crónicas imprevisitas, mau grado a «determinação» do autor em escrevê-las.

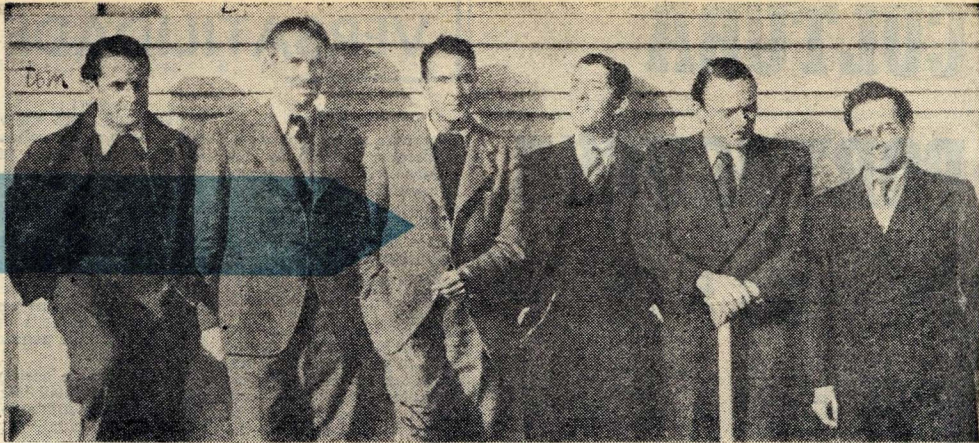
ARMANDO VENTURA FERREIRA



PARTIDAS | **DESTINOS**

LINHA DE ÁFRICA	
<p>«LUANDA» a sair em 30 de Julho</p> <p>«IMPERIO» a sair em 13 de Agosto às 12 horas</p> <p>«UIGE» a sair em 14 de Agosto às 16 horas</p> <p>«GANDA» a sair em 18 de Agosto</p> <p>«LOBITO» a sair em 28 de Agosto</p>	<p>Com escala por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 23 a 27 de Julho.</p> <p>Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 1 a 4 de Agosto</p> <p>Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 2 a 7 de Agosto</p> <p>Com escala por Leixões, para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 15 de Agosto</p> <p>Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto</p>
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
<p>«SANTA MARIA» a sair em 9 de Agosto às 18 horas</p>	<p>Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO) e PORT EVERGLADES (MIAMI).</p>
<p>Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens</p>	
<p>LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tels. 36 96 21/8 PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42</p>	

Os companheiros das Exposições Internacionais de Nova York e S. Francisco. Da esquerda para a direita: Tom, Américo Nunes, Bernardo Marques, José Rocha, Fred Kradolfer e Carlos Botelho



BERNARDO MARQUES

E MILY POSSOZ

Por RUI MÁRIO GONÇALVES

Nas salas do Palácio Foz apresentam-se mais de trezentos trabalhos de Bernardo Marques. Na pequena sala da Cooperativa de Gravadores Portugueses faz-se uma exposição de Mily Possoz. A simultaneidade destes dois acontecimentos convida a que se pense um pouco numa época e numa geração.

Dediquei já nesta página, no mês de Abril, algumas palavras a Bernardo Mar-

ques, chamando a atenção para a actual exposição e desejando que ela mostrasse com cuidado as caricaturas dos anos vinte e trinta. Assim se fez, e pode observar-se até que ponto houve uma preocupação social em Bernardo Marques, que muito admirava o expressionista e dadaísta alemão Georges Grosz. Depois, à medida que Bernardo Marques foi encontrando um caminho mais pessoal, tor-

nou-se mais conservador. Os seus bons desenhos de apontamento permitem que se estabeleça a comparação com a «estenografia» de um Dufy, e logo verificamos como o sinal cursivo do pintor francês remove toda a visão do mundo exterior, está ligada a uma nova técnica de expressão e análise, enquanto em Bernardo Marques a agilidade de execução não é tanto uma procura de pureza dos sinais

plásticos, com a consequente reestruturação, mas um confessionalismo discreto, subtilmente manifesto no equilíbrio entre a visão directa mesmo banal da paisagem, e o que ela possa ser no sortilégio de uma evocação de lugar vivido na infância ou em momentos a que o autor atribua naturalidade. A simplicidade com que nos mostra uma paisagem poderia seguir-se uma confiança própria.

um exagero, um esquematismo grosseiro; mas talvez pudesse sugerir alguma hipótese de investigação dos processos em que se movia um artista dentro da cultura portuguesa. Pouco ou nada, qualquer pintor português moderno aprendeu com outro pintor português; mas a literatura parecia pairar no ambiente cultural, alheia à descrença generalizada, à falta de confiança própria.

Negreiros. Tendo morrido Santa Rita Pintor e Amadeo de Souza-Cardoso, ambos em 1918, Mily Possoz e Bernardo Marques aproximam-se de Eduardo Viana e Almada Negreiros. Mas já não havia as irreverências dos «futuristas», nem a presença de um companheiro pictorialmente criador, como Amadeo. Bernardo reuniu-se a Viana, Almada, Jorge Barradas, Stuart Carvalhais, António Soares e José Pacheco, que procurou a colaboração de Eduardo Malta, para a decoração do café «A Brasileira», no Chiado. Eduardo Viana fez uma colagem para Mily Possoz, que é uma das concepções mais arrojadas do pintor. Mas, excepto Almada, todos voltaram ao conservadorismo. O que não quer dizer que se tenham renegado. Na realidade, as suas obras posteriores não são inferiores como expressão pessoal e realização técnica. Simplesmente, o que tinham de verdadeiramente seu a oferecer era limitado, à medida da pequena cultura do ambiente. Os seus destinos reflectem muito essa pequenez. Mas é possível extrair da sua análise duas lições. Uma, é a de que não se improvisa uma cultura. Outra, é a de que eles preferiram a sinceridade dos limites próprios à aparência da grandeza alheia. Isto vale o que vale, e é pouco. Entre este pouco e o falhanço dos imprevistos, uns preferirão a aventura, outros o crescimento natural. Uns pensarão em «bluff», outros num ciclo vicioso. Mas...

A obra de Bernardo Marques é muito mais uma obra de conservação de valores do que de criação deles. É mais sintomática do gosto do que da necessidade de investigação e transformação.

O mesmo acontece com Mily Possoz. A exposição da cooperativa «Gravura» mostra-nos um conjunto de trabalhos muito ligados ao gosto dos anos vinte. É um conjunto precioso para a evocação de uma época que, em toda a parte, parecia indecisa no domínio dos problemas puramente plásticos. Naturalmente, essa indecisão seria maior num país em que é diminuto o culto da pintura.

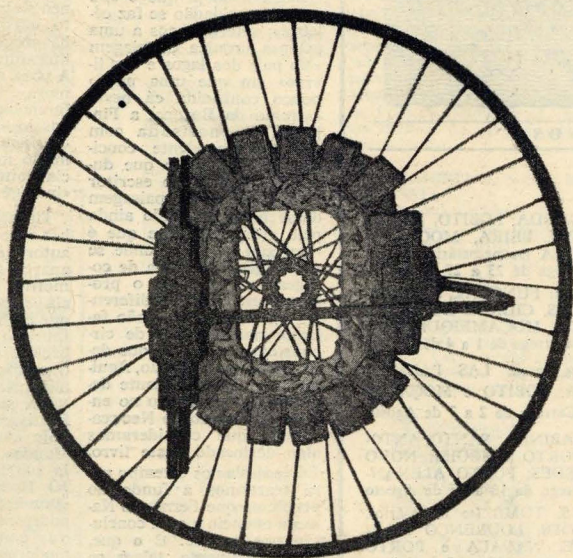
A propósito da exposição de «Gravura», poderíamos falar de alguns «fauves», e de novo em Dufy, mas agora nos desenhos em que este pintor tentou fazer suas algumas das soluções plásticas dos cubistas.

Mily Possoz e Bernardo Marques surgiram numa época que sucedeu aos acontecimentos do chamado movimento futurista de Santa Rita Pintor e de Almada

De Georges Grosz para Eça de Queiroz, a sátira perde a agressividade. E os mestres passam a ser menos os pintores do século XX do que os escritores do século XIX? Afirmá-lo seria

BER TI NO:

Composição que foi exposta na Galeria Interforma. O artista expôs, depois, no Estoril e no Porto, na Cooperativa «Árvore». Sobre o artista escreveu Álvaro Perdigão: «Bertino trata a a própria forma com forma — sem artifício e sem abdicar da sua condição de pintor. Ao inverso, outros artistas, os escultores, desde milénios, polícronam a sua escultura sem abdi-



car da sua condição de escultores. Alvo comum a atingir: a obra de arte para a qual não podem existir fronteiras nem limitações de espécie alguma. Sem li-

mitações e sem artifício Bertino transmite-nos o seu mundo, segundo a sua visão de artista, que não cabe evidentemente num pedaço de tela.»

«Á CAPITAL» / LITERATURA & ARTE / SUPLEMENTO DE 23 DE JULHO DE 1969

LITERATURA & ARTE

A CASA DOS ARCOS JÁ FOI OFERECIDA PARA O MUSEU LUÍS DE CAMÕES

É uma das mais belas terras ribatejanas a vila de Constância, situada entre o romântico castelo de Almourol e a castiça cidade de Abrantes. Ali tudo se resume à quietação de montes e vales e à presença do Tejo e Zêzere, ora serenos e luminosos nos dias cálidos de Primavera ou de Verão, ora revoltos e barrentos nos rigores do Inverno. Para além da paisagem sonhadora e inconfundível há, em toda aquela região, valiosos testemunhos da História e da Arte que, infelizmente, não têm merecido dos poderes públicos o apreço e a divulgação a que têm direito.

Foi com grande satisfação que li n.º «A Capital» de 14 deste mês um artigo intitulado Casa-Museu de Camões — perpetuar o maior dos poetas através da imagem da sua vida e da sua obra, no qual há simpáticas referências, que muito me melhoraram, acerca das várias campanhas que outrora sustentei na Imprensa para a instalação daquele centro cultural. Também não se poderá esquecer as diligências efectuadas no mesmo sentido, há cerca de 20 anos, pelo dr. Adriano Burgueite, autor de obras diversas relativas à permanência de Camões em Constância.

Constância necessita, de facto, de ser acarinhada

e engrandecida, designadamente pelos sectores oficiais que têm a seu cargo o fomento turístico do País. Até porque já se reconheceu que o turismo não é só praia, não se limita, apenas, à orla dourada e azul do maravilhoso Algarve descrito na helénica e orquestral prosa desse príncipe das letras e da sociedade e grande senhor da República que foi Manuel Teixeira Gomes, extraordinário amigo dos artistas e que me honrou, também,

local um sabor característico.

A igreja matriz (Nossa Senhora dos Mártires), obra do século XVIII, possui uma grande e admirável tela do mestre José Malhoa, executada em 1898, na mesma ocasião em que o eminente artista fez o retrato do prior João Theodoro Alves de Meira, peça que, infelizmente, se perdeu com tantas outras de Columbano, Carlos Reis e Salgado, no naufrágio do «Santo André», na altura

nótula para «A Capital» — acrescentarei que após um artigo que publiquei, recentemente, foi generosamente cedida a «Casa dos Arcos», pela sua proprietária, sr.ª D. Isilda Valadares, viúva do dr. Manuel Valadares, antigo director do Arquivo de Identificação de Lisboa, e em memória de seu marido que sempre defendeu a criação da «Casa de Camões» em Constância.

O então presidente da Câmara Municipal, capitão Elias Soares, e o presidente da Casa do Ribatejo em Lisboa, Luís da Costa Santos, ocuparam-se, nessa altura, do assunto, que, todavia, ficou confinado ao âmbito dos projectos, dos estudos e das soluções a longo prazo...

Aguarda-se, no entanto, que o actual presidente do Município, Aurélio Dias Nogueira, com o seu comprovado dinamismo, resolva levar a bom termo tão interessante iniciativa.

Já o disse e volto a repeti-lo agora nas colunas d'«A Capital» que para o recheio da Casa-Museu Luís de Camões em Constância, torna-se necessário que outras pessoas contribuam, oferecendo estampas, livros, quadros, para constituírem a base do núcleo documental e artístico. Mas para isso é necessário que as autoridades competentes tomem a decisão principal — instituir aquele centro de irradiação da obra e da personalidade de Camões. Há que pôr desde já no local uma lápide — «Aqui viveu Luís de Camões».

Estou certo de que através d'«A Capital» a ideia ganhará estímulos para a sua concretização, pois não resta dúvida de que se trata de obra a todos os títulos louvável e oportuna.

Texto de JOSÉ CAMPAS

com afectuosas provas de afecto.

A vila de Constância, designada justamente pela rainha D. Maria II — a «Notável Vila de Constância» pelos relevantes serviços prestados pela «elite» da terra às Constituintes, foi o quartel general, em 1807, de Junot, aquando da Primeira Invasão Francesa. Tudo, naquele ambiente, fala do passado, da Arte, da História e da Tradição. Muitas das suas casas ainda conservam expressivo recorte arquitectónico que confere ao

em que regressavam a Portugal, depois de terem figurado na histórica Exposição de Paris (1900).

Muitas outras personalidades contribuíram para o prestígio de Constância — a bela adormecida do turismo português — dr. Francisco Falcão, Vicente Themudo Eannes de Oliveira, dr. Zeferino Falcão, D. Eulália Falcão, senhora de linhagem dos 12 de Inglaterra, dr. José de Campos Godinho e o malogrado poeta Tomás Vieira da Cruz, que nasceu ali e se distinguiu, depois, ao cantar a terra misteriosa e ardente de Angola («Batem palmas as palmas das palmeiras») (não se lembram desses sinfónicos versos?)

● Um apelo para a concretização de uma ideia

Quanto à casa de Camões em Constância — e esse é o objectivo desta

O PROBLEMA DOS TÁXIS

ESTAMOS convencidos de que há, realmente, um problema relacionado com os táxis alfacinhas. O facto é facilmente comprovável por todos nós, na medida em que, a várias e diferentes horas do dia se têm, sistematicamente, as maiores dificuldades para encontrar um daqueles veículos de transporte público.

É de manhã, à hora da entrada nos empregos, a meio da manhã, quando a maior parte da população já está nos locais de trabalho, é à hora do almoço, é à hora do jantar; encontrar um táxi em Lisboa está a tornar-se, enfim, de uma dificuldade extrema.

Falando com os profissionais que calcorraem Lisboa conduzindo estes veículos, parece unânime, entre eles, mesmo quando não são os proprietários dos veículos, que este deixou de ser um bom negócio. Apesar disso, supomos que tem sido insistentemente pedida autorização para que se lancem mais táxis na circulação. Compreende-se que, com os problemas já existentes, se deseje controlar, pelos meios possíveis, o número de veículos. Será, contudo, este o problema, e devemos aceitar como inevitável e benigna esta falta de meios de transporte rápido? Estamos em crer que não. Que se passa então, no reino dos táxis?

EXTRA

4.ª-FEIRA, 23 DE JULHO DE 1969

CLAUDIA CARDINALE FILMA NA RÚSSIA



Prosegue a rotação, na Rússia, da co-produção italo-soviética «A Tenda de Campanha», que foca a expedição do general Umberto Nobile ao Pólo Norte e da ajuda que lhe prestam os russos, depois de a expedição sofrer uma catástrofe. Além de actores soviéticos, entram no elenco o inglês Peter Finch (Umberto Nobile), a italiana Claudia Cardinale (Valeria) e o alemão Hardy Kruger (piloto sueco Lundborg). Na gravura vê-se Claudia Cardinale junto do mosteiro Novo-Devichi, em Moscovo

QUEIRA DESTACAR
O CONJUNTO
DAS PÁGINAS
DESTE SUPLEMENTO



A ACTRIZ E O PRETENDENTE — Durante a recepção de gala em honra de Mart Crowley, o dramaturgo tornado famoso pelo êxito na Broadway da sua peça teatral «The Boys in the Band», que vai ser transportada para a tela com o mesmo elenco, a actriz Diana Lynn é cumprimentada pelo príncipe Hassan Durran, pretendente ao trono do Afagnistão

NOTAS CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS

TELEVISÃO: VER E CONTAR

1 Nemésio e as relações humanas

Fatigado, talvez vencido pelo calor, Vitorino Nemésio começou a sua palestra de ontem evocando a velha tia das Ilhas, a sua curiosidade pelas modernas técnicas de contacto entre os homens. Para, partindo da expressão «relações humanas» e numa linha de verdade que ultrapassa as interpretações apenas literárias, concluir pela desumanização de tais relações. A necessidade de devolver a dimensão humana ao convívio quotidiano é, por si só, sintoma de perturbações alarmantes. «Síntoma terrível», nos justos termos usados por Vitorino Nemésio.

Como ele próprio sublinhou, era escasso o tempo para examinar o tema que a si próprio propusera. Secretamente, esperávamos que se referisse o que sempre nos alarmou na técnica das relações humanas: a inumanidade que acaba por tocá-

la. Pois a análise das motivações, a previsão das respostas psicológicas, acabam por se colocar ao serviço da mistificação científica. Mistificação do cliente difícil, do empregado recalcitrante, do companheiro exigente. Por muito que pudesse ser diferente, o certo é que a técnica das relações humanas acerca-se, muitas vezes, da arte do engano.

Não teve Vitorino Nemésio o tempo, nem talvez a oportunidade, para nos falar muito seriamente do seu tema. Foram só uns minutos de conversa de um homem que parecia cansado, que talvez o calor depressimise. Aconteceram ali naturalidade e humor, o que já foi bom. Mas ficámos a recear que Vitorino Nemésio, por convicção ou pelo sentimento, situasse a desejável regeneração das relações humanas num quimérico retorno ao passado. Ao tempo em que a vida se vivia, sem angústia, «do nascer ao pôr do sol». Ao tempo que nunca existiu.

2 A quem muito quer saber

O serão acabaria com mais um episódio de «O Grande Vale», intragável aldrabice em traje do Oeste. Assistiríamos aos remorsos de Heath, à candura de Nora (que trabalhara num «saloon» desde os dezasseis anos), à cupidice de Ward, tudo cozinhado segundo a mais castiça fórmula tidesca. Antes disso, porém, estaríamos em Scheveningen, Holanda. E aí assistiríamos a uma das eliminatórias do «Singing Europe 69», festival de canções, recentemente realizado com a participação de representantes portugueses.

Para nós, o maior interesse da eliminatória estava, precisamente, na presença de Fernando Guerra, Luís Duarte e João Ferreira Rosa, este último actuando extraconcurso. Foi débil a presença portuguesa. As badaladas de Fernando Guerra, vivendo sobretudo do poema, não puderam chegar a um público solidamente instalado na superficialidade. Luís Duarte, embora melhor intérprete, não pôde suportar o confronto com a solidez e a qualidade dos competidores de outras origens (a seguir aos portugueses actuou a representante belga, que arrancaria o segundo lugar entre catroze países concorrentes). João Ferreira Rosa não acrescentou brilho nenhum à representação nacional: nem pela interpretação, nem pela música, nem pelas palavras que cantou. Ao

contrário do que acontecera com «Festa», de Fernando Guerra, felicitámo-nos por a assistência não estar entendendo os versos dos fados que Ferreira Rosa cantava.

De qualquer forma, Portugal esteve em Scheveningen com uma representação que tentou ser a pública rejeição de teias e hábitos caducos. E cabe aqui uma palavra de estardalhaço espanhol pela indiferença da R. T. P. perante o facto: nem uma palavra de esclarecimento, nem uma legenda de auxílio. Diante da locução em alemão, inglês, holandês, a Televisão Portuguesa cerrou os ouvidos, cometeu a audácia de fazer de conta que não se estava falando de Portugal. Quem quiser que aprenda línguas. E, entretanto, a taxa anual é cobrada em escudos, sem necessidade de conversões para moedas bárbaras.

Os rasos esforços que, por inexplicável vício, procuram informar-se acerca do que vêm, terão lido alguns que o «Singing Europe» foi ganho pela Espanha, que os portugueses ficaram em décimo primeiro lugar. De tudo isso, se alheou a R. T. P.: o programa chegou-nos completamente desprovido de atenções para com o telespectador português. Alguém entenderá que lhe é bastante a glória de pagar. E que todo o resto seria luxo escusado, pontos cedidos diante da sempre nefasta exigência de entender.

CORREIA DA FONSECA

CONCERTOS NA ESTUFA FRIA

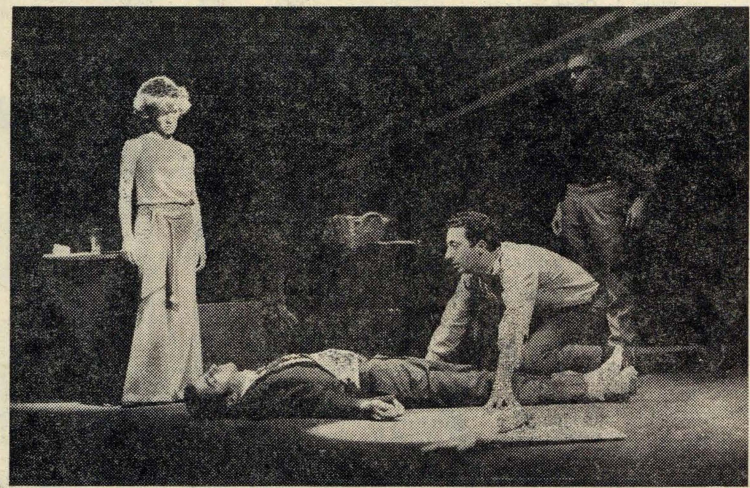
De longe em longe, faz uma aparição, como maestrina e compositora, Natércia Couto, cujas qualidades quisemos distinguir, desde que as pudemos apreciar pela primeira vez. Para a execução do programa do concerto que lhe foi entregue pela Câmara Municipal de Lisboa, Natércia Couto teve ao seu dispor a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Admiramos a decisão, a nitidez com que tirou partido dos seus colaboradores, na sempre «patética» «Sinfonia n.º 6», em si menor, de Tchaikovsky. Não a consideramos responsável pela falta de leveza do 2.º andamento, «Allegro com grazia», a que não deixou, contudo, de imprimir carácter, nem pela incompleta animação do 3.º andamento, «Allegro molto vivace», nem ainda pela rigidez dos momentos de «suspense» no último andamento.

Não achamos justificáveis, num plano de música sinfónica a sério, obras da autoria de Natércia Couto como a «Suíte Lusitana» n.º 5, e o que supomos ser uma «charge», «Turismo em Portugal». Mas registamos os bons dotes de escrita instrumental.

No programa, figurava também, em 1.ª audição, o «Concerto Lusitano», para guitarra e orquestra, do compositor português José Brandão. Dentro de modalidades que procuram mergulhar numa discreta actualidade, é uma obra de linguagem eclética, não falha de interesse e de propriedade de escrita instrumental, não só para a guitarra, no 2.º andamento, mas para vários instrumentos solistas no 3.º e último andamento; porque não entendeu José Brandão tornar a dar uma maior preponderância à guitarra, para fechar o Concerto? Contribuiu para o êxito da obra a colaboração da solista brasileira Maria Livia São Marcos, numa dualidade de temperamento fogo-sol, defendido com garra, e de incompleto à-vontade, proveniente porventura, no 1.º e no 3.º andamentos, da pouca eficaz participação da orquestra. A nota do programa apresenta Maria Livia São Marcos mais especificamente como o executante de violão, já várias

vezes galardoadas. Gostaríamos de ouvi-la de novo, em música brasileira representativa.

FRANCINE BENOIT



Maria do Céu Guerra, Santos Manuel (deitado), Vasconcelos Viana e Vitor Ribeiro numa cena de «A Maçã»

«A MAÇÃ» DE GELBER ENCENADA PELO T.E.C.

A inaugurar a temporada de Verão, o Teatro Experimental de Cascais leva à cena, dentro de dias, «A Maçã» (The Apple), de Jack Gelber, peça que, pelo arrojado de que se reveste, irá constituir motivo de controvérsia, verdadeiro pomo de discórdia, mas que, sem qualquer sombra de dúvida, acabará por ser um êxito de bilheteira.

Jack Gelber é um lídimo defensor do teatro vivo». Comprendendo o significado da palavra teatro, procura, através da sua obra, integrar a plateia no espectáculo, obri-

gando-a a participar nele, directamente. Daí, o teatro vivo em que «A Maçã» se integra necessitar de uma boa plateia, quer dizer uma plateia viva. O público não pode estar morto. Reagir é — para ele — palavra de ordem em espectáculos desta natureza, ainda que o faça desgradavelmente quando se sente provocado pelos actores que lhe gritam que se torne parte integrante do elenco.

Provocará controvérsia «A Maçã»? Sem dúvida nenhuma. Desagravará a uns tantos? Com certeza também.

Mas é isso que pretende o autor. Foi isso que ele conseguiu em Nova York e Paris. Será isso — eva participação do público — que o Teatro Experimental de Cascais vai tentar fazer. E Vitor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Vasconcelos Viana, Céu Guerra e Santos Manuel, sob a direcção de Carlos Avilez têm possibilidades de o conseguir quando, ainda esta semana, trouxerem ao público português a primeira peça de Jack Gelber, em espectáculo que a Fundação Gulbenkian subsidia.

desporto

RESSALTOS DA TABELA

• Na próxima época, que começa em 1 de Setembro, vai haver algumas mudanças de treinadores. Ludgero Barroso, que treinava o Marinhense, vai substituir o professor José Francisco Costa, no Desportivo da C. U. F.; ao que consta, também o professor Mário Lemos sai do C. I. F., sendo o seu lugar ocupado por um conhecido treinador lisboeta que tem dedicado as suas atenções ao sector feminino.

• As mudanças de jogadores parecem ser muitas, igualmente. José Vicente (Sporting) e Jorge Silva (V. Setúbal) voltam à casa paterna: os dois impróprios. Não pode ser. Obrigam os jogadores a pensarem em basquetbol na época de exames, não é próprio. Quando é que se entra no bom caminho?...

• Proclama-se, alto e em bom som, que para um maior progresso da modalidade, deve existir uma grande colaboração entre técnicos e árbitros. Estamos de acordo. No entanto, a «dura» Comissão Central não vê assim. No recente Estágio de Informação, efectuado no I. N. E. F., a aludida Comissão tudo fez para que os seus filiados não estivessem presentes. Razão: os árbitros irem receber ensinamentos dos treinadores...

• A Associação do Porto já está trabalhando na organização do III Torneio Lusitano-Galático, a disputar no início da época. Assim é que se trabalha em prol da modalidade.

• Os «Grandes Torneios» da Associação de Lisboa arrastam-se todos os anos até pelo fim do próximo mês, os associados são admitidos com isenção de jóia, a título de propaganda da ginástica.

• O União de Tomar não contrata mais jogadores de futebol

• Com a aquisição dos alcançatenses Tito e João Carlos, dos benfiquistas Carlos Nunes, Manuel José e Vieira, do tramagalense Segorb, do sportinguista Armando Luis e do junírio Raul, da Matrena, e do regressado Bastos Nunes, que esteve dois anos no Ultramar, o União de Tomar encerrou a série de aquisições para a próxima época.

• Vão ser dispensados Arénio, para o União de Leiria, Araújo e Santos, para a Ovarense, Vicente e Bileiro, para o Vitória de Guimarães, e Josué e Mário.

Finalmente, a direcção da Federação tomou uma atitude para os protestos e recursos. Na próxima época a tabela a vigorar é a seguinte: Protestos: 500\$00; Declarações de protesto não confirmadas: 200\$00; Recursos de decisões dos órgãos federativos, para o Congresso: 1000\$00. Estas verbas já vão dar que pensar alguns dirigentes.

• É triste e pouco abonatório. O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.

• O jogador-treinador da Académica, Carlos Portugal, e a «capitã» da equipa feminina do mesmo clube, Maria José Tavares Lopes (Bié), foram castigados pela Federação com um ano e seis meses de suspensão, respectivamente. Mal vai o desporto, quando pessoas com as responsabilidades das atingidas não se sabem pôr no seu lugar, e tristemente, repetimos.



Luís Maria Ribeiro, funcionário público:

— Os meus problemas são genéricos às pessoas com quem convivo, por isso as minhas preocupações fazem parte das interrogações do nosso povo. E, a grande interrogação, para mim e para todos, consiste nas resoluções do problema habitacional. Enquanto ele não for atendido nada se conseguirá no campo socio-económico do País.



José Carlos Nunes, tipógrafo:

— Boa pergunta! Tão boa como a minha maior preocupação: não gozar férias. Este ano não tenho quem me substitua, ficando, deste modo, privado de quinze dias, os quais, habitualmente, passava, no campo, com a família.



Mário Caninhas Machado, empregado de escritório:

— Entrar em férias, no dia 25 de Agosto. Vou para Atalaia do Montijo, onde residem os meus pais, onde encontro ar fresco e puro para os filhos e onde posso, também, pescar. Sou um apaixonado pela pesca, abandonando tudo para uma boa «colheita».



Constantino Pedro Alves, funcionário administrativo:

— Que acabem com o trânsito na marginal ou, pelo menos, tentem diminuir o intenso tráfego aos fins-de-semana. Costumo ir, aos domingos para Carcavelos, tornando-se constantemente aborrecido viajar naquela estrada. Levo quase mais tempo na viagem que os momentos que me restam para descansar.

NOVOS CORPOS GERENTES

O Grupo Cultural e Recreativo do Pessoal de Paço do Cocco e Instituto Luso-Farmacológico elegeu os novos corpos gerentes para o biénio 69/70 que ficaram assim constituídos:

Direcção: Presidente, dr. Rui Ferreira Bastos; vice-presidente, dr. Luís Falcão da Fonseca; tesoureiro, José António Caria; secretários, Maria Helena Martins Gameiro e António Henriques Pereira de Oliveira; vogais, Maria Helena Paiva Marques, Carlos Henrique Costa Lemos, Tancredo Carapeto Pereira Redol e Adelino da Costa (efectivos); Maria Helena Silva Saldanha e Joaquim Carneiro (suplentes).

Assembleia geral: Presidente, João Simões Duarte; secretário, Abel Pereira da Silva; vogal, dr. Maria Angela Guimarães Moraes.

Conselho fiscal: Presidente, dr. João Manuel da Silva Nunes; relator, Júlio José Vasques Segurado; vogal, dr. Francisco Xavier da Cruz Hagatong Jr.

Sport Lisboa e Águias

São os seguintes os corpos gerentes eleitos, no Sport Lisboa e Águias, para a época de 1969/70.

Assembleia Geral — Ar-

OS CAVALOS TÊM TOSSE E A PROVA VAI SER ADIADA

RIO DE JANEIRO, 23 — Estão com gripe e com tosse muitos dos cavalos dos Jockeys Clubs do Rio de Janeiro e de S. Paulo, os dois principais centros de turf do País, pelo que, provavelmente, será adiada para o último domingo de Agosto a prova «Grande Prémio do Brasil», que, habitualmente, se disputa no primeiro domingo daquele mês. — (ANI).

VIIEIRA MATOS vencedor «do Rally do Algodão»

MALANJE, Angola, 23 — O «volante» Pedro Vieira Matos foi o vencedor do «Rally do Algodão», disputado no distrito de Malanje, em Angola.

Dos 21 concorrentes que alinharam à partida, apenas oito concluíram a prova. — (ANI).

naldo Francisco Valente, presidente; Raul Moraes Coutinho, vice-presidente; José Fernando Oliveira e Adelino Joaquim Perdigão Calado Ribeiro, secretários; José dos Anjos Figueiredo, suplente.

Conselho Fiscal — Bernardino Pedro Cristóvão da Silva, presidente; Luís Morão Lopes da Silva, secretário; Manuel dos Santos Ramalho, relator; Nuno da Cunha e Silva, suplente.

Direcção — Manuel Joaquim Florindo de Oliveira, presidente; Eduardo Pires Lopes, vice-presidente; Jorge Alberto Figueiredo Cunha e Silvío Correia da Silva, secretários; José Oliveira Muje, António Serra e José Maria Araújo, vogais; João António Francisco, Luís Maria de Figueiredo e Carlos Alberto Oliveira, suplentes.

Delegados à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio — Bernardino Pedro Cristóvão da Silva e Manuel dos Santos Ramalho.

O CIRCUITO DE MONTES CLAROS EFECTUA-SE EM AGOSTO

Realiza-se nos próximos dias 2 e 3 de Agosto o VIII Circuito de Montes Claros, organizado pelo Clube 100 à Hora, e que conta para o Campeonato Nacional de Velocidade.

O programa preenche totalmente as tardes de sábado e domingo, incluindo logo no primeiro dia eliminatórias de 10 voltas cada, da corrida de Turismo e Turismo Especial e corridas de Motos e treinos de Automóveis de Turismo (Grupo 2) e Turismo Especial (Grupo 5), Turismo de Série (Grupo 1), Fórmula V, Grande Turismo, Desporto e Protótipos (Grupos 3, 4 e 6).

No dia seguinte disputar-se-ão as provas de eliminatórias de 10 voltas cada, da corrida de Turismo de Série, Turismo e Turismo Especial, Grande Turismo, Desporto e Protótipos, Fórmula V e corrida de Automóveis de Turismo de Série.

Pela importância que estas provas revestem, pela categoria dos concorrentes que habitualmente participam no Circuito, pelos tipos de automóveis apresentados, prevê-se um enorme interesse neste VIII Circuito de Montes Claros, únicas corridas de velocidade que, por iniciativa do Clube 100 à Hora, se realizam em Lisboa.

FILIPE IV E A DUQUESA DE ALBUQUERQUE

AMORES CÉLBRES



IX — Enganado pela sua amante, a duquesa de Albuquerque, com o duque de Medina, o rei de Espanha, Filipe IV, renunciou às grandes damas e resolveu ir ver representar uma jovem actriz, «la Calderona», homónima e intérprete do poeta Calderon.

25 Quando entrou em cena, a Calderona pôde ver, com emoção, que Sua Majestade o rei, de um camarote onde estava com o conde-duque de Olivares, a observava com interesse. As duas outras actrizes que

cretamente, um sedutor fidalgo, o duque de Medina-Sidónia.

Em consequência do seu desaire no parque do Pardo, soberano, fora até ao teatro do Príncipe, para ver se lá não haveria no grupo alguma bela artista capaz de o consolar dos seus desgostos. Também ele, de repente, ficara enfeitado pelos encantos, deliciosos e picarescos, da Calderona.

Assim resolvera conquistar, o mais depressa possível, a novel actriz.

27 Durante toda a representação, a cada «saída» de «la Calderona», o rei começava a dar aplausos. Visivelmente, gostava de Maria a valer. O duque de Medina, no seu camarote, também aplaudia, mas mais discretamente. No entre acto, fora falar à camarista de «la Calderona», nos bastidores. Generosa gorjeta permitia ao duque alcançar da criada a direcção de sua ama.

E mal o mano baixara, Medina dirigira-se para a rua de San-Hieronimo, onde residia a comediente.

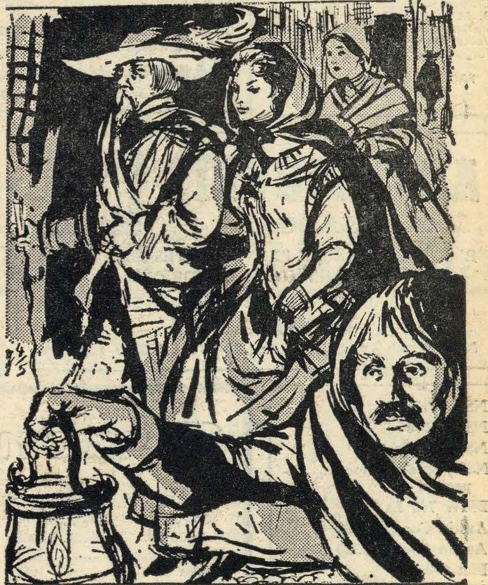
(Continua)



representavam na peça, a Vaca e a Baltasara, também tinham visto que de facto o Augusto espectador estava na sala. E cada uma diligenciava chamar sobre a sua pessoa a atenção de Filipe IV.

Mas nem a Vaca era muito jovem nem a Baltasara bastante bela, para interessarem ao rei. Por isso este só tinha olhos para a Calderona, que só contava de dezasseis anos, era graciosa, bonita e atrevida!...

26 A presença de Filipe IV impediu as três actrizes de repararem que num outro camarote, estava, aliás recolhido dis-



O SEU DINHEIRO VALE MUITO MAIS NA NOSSA CASA

FRIGORIFICOS:

1401	1.800\$00
1751	2.690\$00
2001	3.200\$00

T. V. C/ UHF:

49 cm	3.800\$00
59 cm	4.500\$00

Com oferta de antena

R. Sapadores, 117-D LISBOA

VENDE A CAPITAL em ARMAÇÃO DE PERA João dos Reis Cabrita Lima

PREÇO FIXO

FRIGORIFICO 140 L. CONGELADOR A TODA A LARGURA ESC. 1890\$00

BENFICA RADIOLUZ

Estrada de Benfica, 240-A Av. Sacadura Cabral, 87

PROGRAMAS RADIOFONICOS

EMISSORA - 1.º Programa (451 m, 665 kc/s) - As 16.05: Teatro das Comédias: «O Dia Não»;

voz e trompa (Harold Farberman); 17.50: Uma Obra... Duas Versões - O Concerto op. 4, n.º 6, de Haendel; 18.19: A Ópera em um acto «Abu Hassan» (Weber); 19: Poesia, Música e Sonho; 19.20: Música Coral Sinfónica - Missa em mi menor (Bruckner); 20: Diário Sonoro; 20.20: O violista Laurindo Almeida; 20.30: Canções pelo tenor Anton Dermota; 20.45: História de Portugal; 21: Concerto Sinfónico (1.ª Parte) - «Sonho de Uma Noite de Verão» (Mendelssohn); 21.50: Temas Sociológicos; 22: Concerto Sinfónico (2.ª Parte) - Concerto n.º 3, em mi bemol maior, op. 29 (Saint-Saëns); Sinfonia em dó maior (Bizet); 23: A Voz do Ocidente; 1.15: Fecho.

chael Haydn); 23.50: A Ópera em um acto «Gianni Schicchi» (Puccini); 0.50: Últimas Notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE (290,13 m, 1034 kc/s) - As 16.04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu Mundo; 18.15: Momento Riscado; 18.30: Lisboa à Tarde; 19.15: No Mundo Aconteceu; 19.30: Rádio e Jornais; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20.07: Apenas Ritmo; 20.15: Rubrica Corte; 20.20: Ele e Ela; 20.30: Jornal dos Espectáculos; 20.45: Robbiolac; 21: Noticiário; 21.03: Presença do Fado; 21.10: Igrejas Caieiro Apresenta; 22: Noticiário; 22.03: Impacto; 22.30: Quando o Telefone Toca; 23: Noticiário; 23.08: Grande Roda; 24: Noticiário; 0.02: P. B. X.; 2: Contacto; 3.02: A Noite é Nossa; 6.02: Diário Rural; 7.03: Talismã; 8.30: Onda do Optimismo.

2.º Programa (397 m, 755 kc/s) - As 16.15: Concerto em dó maior para oboé e orquestra (Haydn); 17.15: Música de Vanguarda - Evolução para percussão,

VEJA NA TELEVISÃO

TELEFUNKEN HOJE AMANHÃ 1.º PROGRAMA - As 19 e 2: Desenhos Animados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A Conquista da Lua; 20: «Nós, as Mulheres»; 20 e 30: Portugal de Hoje; 21: Telejornal; 21 e 30: IV Jogos Luso-Brasileiros; 21 e 45: «Get Smart» com Don Adams e Barbara Feldon; 22 e 15: Noite de Ópera - «Elizir de Amor» de Donizetti, com Valéria Mariçonda, Agostino Lazzari, Renato Capucchi e Italo Tajo; 23 e 40: A Marcha do Mundo; 23 e 50: Eurovisão - O Voo da «Apolo-11»; 0 e 15: Meditação e fecho.

automóveis compra . venda . acessórios

AUTO PORTUGUESA LIMITADA R. RODRIGUES SAMPAIO, 50-A Lisboa VENDE Steyr Puch 650 TR (novos) Fiat 124 Morris 1100 Fiat 850 Coupé NSU - 1000 Austin 1100 Fiat 1500 B. M. W. 700 Hillman IMP M.G. - 1100 Alfa Romeo Giulietta 100 T. I. Rambler descafovel Fiat 600 D - 1964 Fiat 600 D - 1966 Fiat 850 D. K. W. Coupé 1000 S. P. NSU Prinz III Fiat 500 D Citroën ID 19 B. M. W. 1800 T. L. Station Volkswagen Furgon Volkswagen Station Furgoneta Furgoneta Peugeot 203

PARA O SEU AUTOMÓVEL COM MONTAGEM IMEDIATA NAS NOSSAS OFICINAS Conta-Rotações Capacetes Cintos de segurança Volantes em Coiro Termómetros água Grande sortido de faróis Rádios «Motorola» totalmente transistorizados para todas as marcas Escapes «Abarth» Bancos de Competição Manómetros pressão óleo Volantes Madeira Capas para Faróis Buzinas de todos os tipos Vários formatos de espelhos Jantes especiais Cassetes Reprodutor de Cassetes

AUTOMÓVEIS USADOS E OUTRAS MARCAS PROVENIENTES DE TROCAS NAS MELHORES CONDIÇÕES FACILIDADES DE PAGAMENTO LUSOLANDA Novo Stand: Av. da República, 84-C-Tel. 778073-LISBOA

COMPRA VENDE E TROCA Hilman 1968 ... 39 contos Citroën 2 cv (carrinha) 16 contos Fiat 500 7 contos Motores fora de borda novos e 2.ª mão Todos revistos na n/ oficina R. Tenente Espanca, 4 - A

GARAGEM ROLÃO COMPRA VENDE E TROCA Hilman Imp. 1966 Vauxhall Van 1966 Morris 850 1966 Opel 1700 1965 MG 1100 1965 Cortina G. T. 1965 Volkswagen 1200 1964 Cortina 1964 Fiat 1500 1964

NSU, Prinz 4 NSU, 1000 NSU, Typ e TT NSU, Spider, descap., impecável BMW 700 Ls Austin Cooper 1000 Austin Cooper 1300 S Fiat 600 D Morris 850 Hillman Imp Glas 1700 Simca Aronde Ami 6 Datzum 1300 e outros Todos revistos com as melhores garantias

SalonAuto VENDE: Hillman Imp. 1966 Vauxhall Van 1966 Morris 850 1966 Opel 1700 1965 MG 1100 1965 Cortina G. T. 1965 Volkswagen 1200 1964 Cortina 1964 Fiat 1500 1964 R. Passos Manuel, 59-A e 59-B - Telef. 43108-42911 FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

LUSOLANDA Av. da República, 84 - A

«A CAPITAL» VENDE-SE NA CASA SILVA & REIS, EM PREENÇA-A-NOVA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D AJUDA - Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calçada da Tapada. 83-A (634721) ALCANTARA - Ester Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (637563). ALMIRANTE REIS - Luisa, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479) ALTO DO PINA - Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Praça Paiva Couceiro) (843571). ALVALA - Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Nova Torque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos) (760558) * Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235). AMOREIRAS - Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8-D (681515). ARIEIRO - Lusitana, Av. do Roma, 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331). AVENIDAS NOVAS - Lungent, Av. da República, 55-A (772132) * Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro social do Arco do Cego) (770324) * Sã da Bandeira, R. Marquês Sã da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viegas, R. Viriato, 29 A (49566-553601). BARRIO DA ENCARNACÃO - Zira, P. Casas Novas lote 66 (310172). BAIXA - Simões Pires, R. da Prata 115 (362350). BENFICA - Benfluz, Estrada de Benfica, 444 A (782306) * Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) * Progresso, Est. A-da-Maia, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697). CAMOES - Andrade, R. do Almirante 25 (322328-323446). CAMPO DE OURIQUE - Linádia, R. Ferreira Borges, 30 (660955) * Findor, R. D. Maria Pia, 514 (687949). CAMPO DE SANTANA - Península, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308). CAMPOLIDE - Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zénel, R. A., 82 - Bairro da Universidade (1840) * Nova, R. de Campolide, 297-C (687475). ESTEFÂNIA - Fonseca, L. de D. Estefânia, 4-5 (54808). ESTRELA E LAPA - Alb, R. de Santana à Lapa, 156 (665622). GRAÇA - Almeida Dias, Av. da Graça, 38 - A - 39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361). LUMIAR - Patulela, R. do Lumiar, 122-124 (770332) * Douçaria, Alameda Linhas de Torres, 93-A-B (791131). MADRAGOA - Moderna, R. Gaia de Orta, 24 (663117). MOURARIA - Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464). OLIVAIS - Simão, Avenida Berlim R. D. 1, 16 - A Olivais Sul (310581). PALHAVÁ - Canto, Est. das Landreiras, 202-B (780841). PEDROÇOS - Higien, R. de Pedrouços, 50-52 (610280). PICHELEIRA - Marluiz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

ESTORIL - Marques Santos - Rua J. Ferreira, 15 (260116). MOITA - União Moitense - Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (239025). MONTIJO - Higien - Rua José Marques, 142 (230370). MOSCAVIDE - Império - Rua de Oliveira, 48-A (2511234). ODIVELAS - Central - Bairro da Memória, lote 52 (911203). OEIRAS - Central - R. Conde Ferreira, 29 (2430058). PAÇO DE ARCOS - Godinho - Avenida Patrão Joaquim Lopes, 4 (245029). PAREDE - Grincho - Av. da República, 87-A (2417204). PRAIA DAS MAÇAS - Higien - (29021). QUELIZ - Gil - Av. Miguel Bombarda, 28 (950117). Simões Lopes - Av. Elias Garcia, 51 (950123). PEDRO DE SINTRA - Valentim (980456). SEIXAL - Soromenho - R. Palva Coelho, 38 (2218560). SINTRA - Simões - R. Heliodoro Salgado, 26 (98L832).

BOLSA DE PROPRIEDADES

DINHEIRO EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.º o. hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. CASA LAIRES, Rua da Praça, 291. 2.º - Dt. (junto à Praça da Figueira) - Telefones 325487 e 370618

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS ROBREL R. Rodrigues Sampaio, 69 Telef. 44602 - 536569

TELEFONES DE URGÊNCIA SAUDE - Cruz Vermelha, 665342 * Entermagem permanente, 766161 * Entermagem de urgência, 83735 * Hosp. de Santa Maria, 775171 * Hospital do S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicções, 767775, 761176 e 763456. OMBREIROS - Sapadores, 32222 * Voluntários, 538524. * OLICIA - Serviço de emergência, 115 * P. S. P., 366141 * Judiária, 535380 * Marítima 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural) 36865. AGUA, GAS e ELECTRICIDADE - Comp. Águas, 361353 * Comp. Reunidas, 537021 * Cidfa 538821 (domingos e feriados), 382069.